

Combate à corrupção

NUMA cerimónia em que o Primeiro-Ministro usou da palavra e o vice-primeiro-ministro marcou presença, de outros governantes e autoridades rodeados, foi empossado o alto-comissário contra a Corrupção, coronel Costa Brás.

Militar de Abril, o coronel Costa Brás, como organizador das primeiras eleições livres e no exercício da função de Provedor de Justiça, conquistou o respeito geral e prestigiou-se. E se alguns se surpreenderam pelo facto de ter aceitado a tarefa de saneamento público em que ontem, finalmente, foi investido, terá sido exactamente porque lhe vaticinavam outro destino de interesse nacional.

Não negamos à função de alto-comissário contra a Corrupção importância política, dignidade cívica, relevo social. Mas, na realidade, a tarefa está condicionada por limites legais e funcionais. Se parece inoportuna a criação de um aparelho específico, com o seu complexo burocrático e o inerente encargo orçamental, o alargamento dos limites legais de actuação ficou, ontem mesmo, sugerido à Assembleia da República. Com efeito, a luta contra a corrupção, e a indagação das práticas com ela directa e indirectamente relacionadas, não poderá deter-se nos umbrais das portas de acesso aos órgãos de soberania. E se, como o Primeiro-Ministro referiu, o diploma legal que criou a alta Alta Autoridade constituiu uma excepção para os órgãos de soberania porque se tratava de um «decreto-lei», nada impede, e a verdade da luta anticorrupção aconselha, que a Assembleia da República dote a Alta Autoridade com «instrumentos de controlo da moralidade dos actos dos membros dos órgãos de soberania». Falou o Primeiro-Ministro de «uma Comissão Especial», o que equivaleria à criação de diversos

Continua na pag. 3

Lei de Imprensa na berlinda

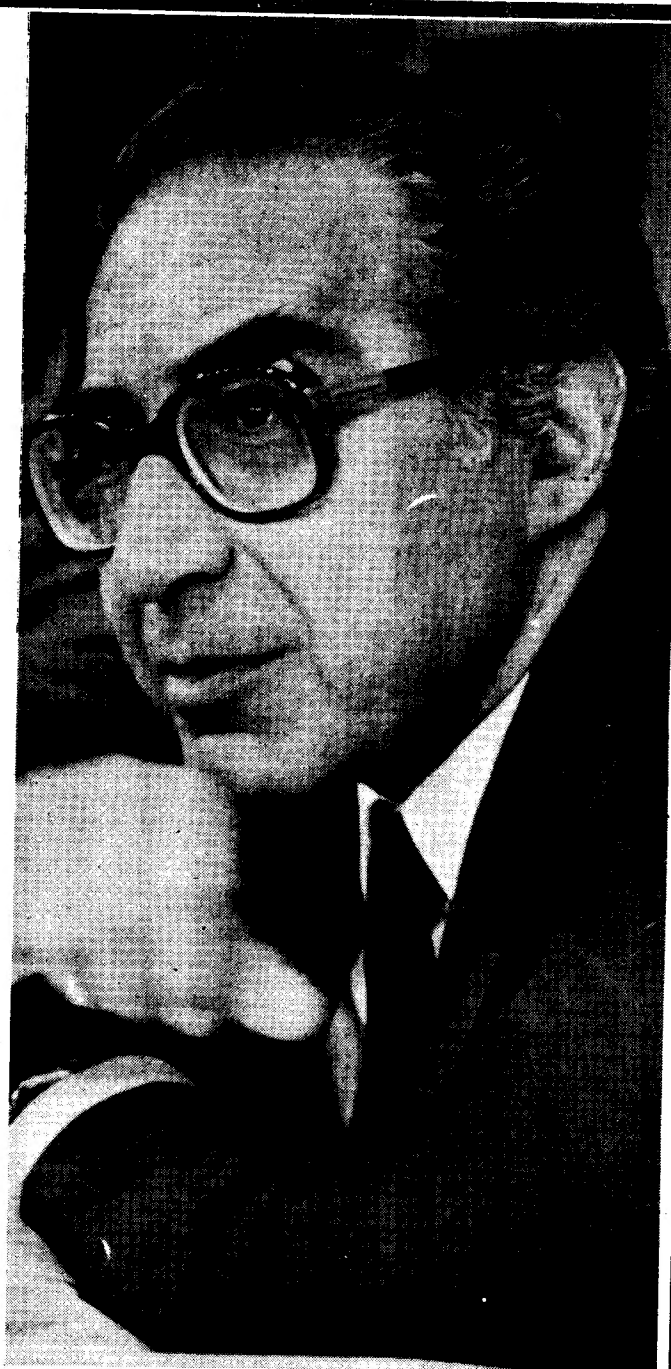
• Hoje: cinco depoimentos

O «Diário de Lisboa» iniciou ontem um debate sobre o projecto de revisão da Lei de Imprensa apresentado recentemente pelo ministro de Estado, Almeida Santos, com a publicação de um quadro comparativo do preceituado da actual lei em vigor, com os artigos correspondentes do anteprojecto do Governo. Hoje publicamos uma série de depoimentos de directores de jornais e jornalistas sobre o documento de Almeida Santos.

Pela importância de que se reveste este assunto de inegável melindre para o futuro da imprensa portuguesa e para o futuro da própria

democracia em Portugal, o «Diário de Lisboa» não quis deixar de abrir as suas colunas para um debate sério e honesto sobre tão controversa matéria. Hoje têm a palavra José Carlos Vasconcelos («O Jornal»), José António Saraiva («Expresso»), Nuno Rocha («Tempo»), Margarida Borges de Carvalho («A Tarde») e Pacheco de Andrade («Diário Popular»). Amanhã publicaremos os depoimentos de Miguel Urbano Rodrigues («o diário»), Baptista Bastos («DP»), Cesário Borge (presidente do SJ) e o juiz de Direito dr. Adélmo André.

Págs 4 e 5



Depois do encontro com Mubarak

Arafat acusado de violar decisões do Parlamento palestino

- EUA aplaudem reunião do Cairo
- Israel protesta junto do Egipto
- Habache e CC da Fatah condenam líder da OLP

Págs. centrais

O acidente no Metro de Madrid

Maquinista tinha-se injectado com heroína

pág. 24

Hoje

HOJE
Sexta-feira
23 DEZEMBRO 1983

JANITA SALOME
«Música alentejana e árabe: um canto de meditação»

O regresso de «Os sapatos vermelhos»

Contra salários em atraso

Vigílias de protesto em 25 localidades

pág. 17



Jorge Reis

Beco dos Compadres-XII

Amparado ao umbral da janela, deixo que, para lá da vidraça, me vagueiem os olhos pelo mar da Palha, sem bússola nem rota — e cismo... D. Laura não vai tardar a chamar-me para a merenda com as amigas; mas, por agora, a esplendidez do Tejo é o espelho sem aço através do qual penetro e viajo a fim de surpreender os meus amigos da **Place de la Contrescarpe** na sua Consoada de amanhã: como todos os anos, **Monsieur Feuillade** comprou **Chez Besse**, na **Rue de la Montagne Sainte-Geneviève** (a melhor adega do **Quartier Latin**), uma garrafa de **Fleury** — «um bourgogne de derrière les fagots» que eu, labrego, pouco afeito a tal néctar, me limitava a traduzir por «é de trás da orelha» — e pediu a **Dédé** que lhes abrisse uma dúzia de «**portugaises**», essas ostras que se criam lá para as bandas d'Arcaçhon, desde o naufrágio de uma embarcação carregada delas no estuário do Tejo: A miséria de uns faz a riqueza dos outros e hoje, qualquer francês come mais ostras de origem portuguesa na quadra do Natal do que, nós portugueses durante a vida inteira!... **Monsieur Piteau** chegará com o seu sacramental «**boudin blanc**» (uma espécie de alheira perfumada a noz moscada e amassada com uma «suspeita» de trufas, que é regalo dos mais «**fins gourmets**» mas que eu criado a choufio de sangue, farinha e morcela, considerava que prová-lo uma vez por ano, era cabode para o meu rugoso paladar...) e uma garrafa de «**Sylvaner**, esse branco da Alsácia que — e o Antigo Combatente proclamá-lo-á daqui a pouco — é o melhor vinho para acompanhar os nossos ex-contraterrâneos lamelibrânquios...

Madame Cornichon — que estende a toalha, glória do seu bragal — apresentará, ante os olhos deslumbrados e gulosos dos amigos um peru por ela recheado e assado no forno com castanhas e maçãs reinetas das mais pequeninas: uma delícia!... Os queijos e a «**bûche de Noël**» doçaria tradicional a que o pasteleiro, sem possivelmente saber, dá a forma do cepo com que celtas e gauleses, com botar-lhe o fogo, celebravam o solstício de Inverno) serão o regalo de **Dédé** que, antes de se sentar à mesa com os seus, virá desejar aos amigos um «**Hereux Noël**»... Vejo-os sentados, na salinha bem aquecida, felizes, aconchegados, recordando os amigos — falando dos mortos... Até que **Madame Cornichon** inventará um chiste e acabará por tratar **Piteau** de «**vieux oston**», acusando-o de lhe estar a pinçar a perna com o joelho por debaixo da mesa... O **Antigo Combatente**, já com um grãozinho na asa, rebentará num riso de magala em dia de licença — e os três beijar-se-ão, em lágrimas, como adolescentes...

Assim será o **réveillon** de amanhã dos meus amigos de Paris.

E cismo.... No andar de baixo, neste fim de tarde cinzenta, **D. Laura** está diante do fogareiro a fazer rabanadas — serão elas o «prato forte» da nossa Consoada antecipada de 24 horas, porque as minhas amigas viveram e sofreram o bastante para não se fiarem de qualquer Pai Natal... A noite sobe do rio — e já se acendem luzes nos barcos: fogos-fátuos... Também nós, daqui a pouco, aconchegados à volta do braseiro de **D. Laura**, falaremos da vida, dos dias que correm, das esperanças calcadas aos pés — e dos nossos mortos... A seu pedido, continuarei a falar-lhes de **Jean Moulin**, já que a irresponsabilidade provocatória do advogado do verdugo **Klaus Barbie** me repôs na memória: condeno a vileza do caudismo, mas, vistas bem as coisas, estou-lhe grato porque me sinto na necessária obrigação de procurar os indícios que o fundador do **Comité Nacional de Resistência** porventura tenha deixado no meu País, em Setembro-Outubro de 1941... Cada qual paga as dívidas consoante os meios de que dispõe...

Ouçõ o rumorejar de passos das minhas vizinhas na escada... Aguardo uns instantes, a fim de lhes dar tempo a instalarem-se no seu canto, já que as senhoras idosas têm pudores que as donzelas ignoram... E, entretanto, deixo que os olhos continuem a saltitar de telhado para telhado até se afogarem no Tejo... **D. Laura** chama:

— Vizinho... estamos à sua espera...

Beijo-as na testa — única maneira de lhes retribuir o sorriso com que me acolhem e que só a fraternidade concede, de tempos a tempos... Sento-me e gabo o perfume a canela (que me leva de roldão à infância), logo que mordisco uma rabanada... Também **D. Gertrudes** e **D. Gracinda** se servem, com cautela para não enodarem as mantas com a calda... Deixamos correr o tempo...

Há momentos em que um homem carrega às costas todo o absurdo da vida e se sente atolado num pego — a esbracejar... Assim estou eu, até que **D. Gracinda** me lança a salvadora amarra:

— Esse senhor **Jean Moulin**... quem era ele politicamente?

— Um republicano... mas um republicano à francesa... quer dizer: muito diferente da maioria dos republicanos portugueses... Em França, os republicanos — porque a História assim os fez — são mais progressistas, mais tolerantes, ideologicamente mais sérios do que a maioria dos republicanos portugueses... **Jean Moulin** foi educado no culto dos valores verdadeiramente humanos e no respeito pelo serviço do Estado, forma de servir o País, o Povo. Era um autêntico homem de esquerda. Não obstante ser extremamente dotado para as artes — o desenho era a sua grande paixão — formou-se em Direito e enveredou pela carreira administrativa... Em 1934, tinha então 55 anos, foi chefe de Gabinete do ministro da Aeroná-

tica, o seu amigo **Pierre Cot**, de quem talvez vos falei um dia... Nesse tempo, diante da aurora que raiava a Leste, a Europa ocidental mergulha nas trevas do fascismo, do «terror branco», como então se dizia. Em França, raros eram os dias em que grupelhos faciosos — as «**Juventudes Patriotas**», os «**Camelots du Roi**», os «**Cruzes de Fogo**» — não provocassem distúrbios e arruaças nas imediações da Câmara dos Deputados, com o fim de insultar e de diminuir o papel desse órgão de soberania... E, tais manifestações, como é evidente, acabaram por descambar em motim, no dia 6 de Fevereiro, em que **Jean Moulin**, que se encontrava na Ponte da Concórdia mesmo diante da Assembleia da República, viu os fascistas atacarem o serviço de ordem com a maior ferocidade... «Havia dezenas de feridos — relatou ele, dias depois. — Os guardas republicanos eram derrubados dos cavalos pelos amotinados que os feriam com selvajaria e cortavam os tendões aos animais com navalhas de barba... Vi os primeiros tiros serem disparados pelos fascistas, e a coisa mais lamentável de tudo isto, foi o chefe do governo responsável não ter restabelecido a ordem como era o seu dever»...

— O vizinho disse que isso se passou?... perguntou **D. Laura**.

— No dia 6 de Fevereiro de 1934, ao anoitecer... Nessa altura, lembram-se? Já **Hitler** era o senhor da Alemanha, **Mussolini** da Itália...

— Salazar de Portugal...

— **Jean Moulin** jamais esquecerá o que viu nessa noite — e, como é de ver, em 1936, abraçou com entusiasmo a «**Frente Popular**», esse governo de unidade com as maiores formações políticas de esquerda: comunistas, socialistas, radicais — ao mesmo tempo que, no Ministério da Aeronáutica, se consagrava com entusiasmo à criação da «**Aviação Popular**» e ao auxílio aos republicanos espanhóis a braços com o terrorismo franquista apoiado por toda a reacção internacional. Engoli o resto da rabanada e levei a chávina de lúcia-lima aos lábios. Prossegui: — Em 1939, foi nomeado **préfet** — quer dizer: o equivalente em França dos nossos governadores civis — do distrito de **Eure-et-Loir**, e instala-se em **Chartres**, uma cidade lindíssima, a 90 quilómetros de Paris... Depressa a população o adoptou — talvez porque, num banquete tradicional consagrado a um filho da terra, figura importante da Revolução Francesa — **Marceau** — ao tomar a palavra como competia ao representante do poder central, **Jean Moulin** tenha dito: «...num tempo em que os valores espirituais e a própria dignidade da pessoa humana são constantemente espezinhados... não é sem emoção que podemos evocar a imagem pura desse adolescente — **Marceau** — que passou espontaneamente, sem ideias preconcebidas, da burguesia para o povo, a fim de trabalhar com ele em prol da sua libertação, com todo o entusiasmo e a força do seu patriotismo.» (...) «Neste momento em que vemos no horizonte encastelarem-se nuvens preches de ameaças, ser-me-á

grato que a memória, o exemplo de um homem como **Marceau** nos incite a forjar para a França a mesma alma forte e generosa que era a dele, no tempo em que os admiráveis voluntários desta região corriam à fronteira para combater e morrer pela liberdade.»

— Como se chamava esse general, vizinho?

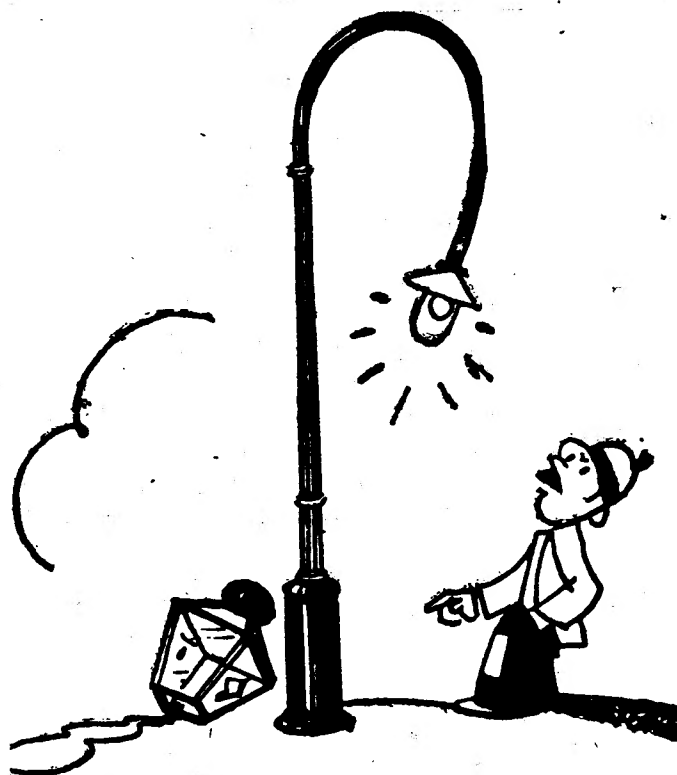
— **Marceau, D. Gertrudes**. Um homem de vinte e poucos anos... Um jovem.

— Há uma frase que o **Alex** me disse um dia... — interveio **D. Gracinda**, rebuscando na memória — Ah, a minha pobre cabeça... Era sobre a juventude, justamente... Que ela é... é...

— ...a chama mais pura e ardente da revolução — acrescentei, num murmúrio, para prosseguir: — Poucos meses depois, como talvez se lembrem, as tropas hitlerianas invadiram a Polónia. Era a guerra. A Inglaterra e a França não podiam deixar **Hitler** cometer mais esse crime impune e declararam guerra à Alemanha dois dias mais tarde: 3 de Setembro. Pobre França! Odian-do a **Frente Popular**, odiando a classe operária que havia conquistado a semana de 40 horas, as primeiras medidas de protecção social e doze dias de férias pagas, a burguesia não esconde a sua admiração pelo fascismo alemão: o «**nacional-socialismo**» — e, quando, a 10 de Maio, a ofensiva alemã é desencadeada contra a Holanda, a Bélgica e a França, foi a derrocada. Dirigida por politiquinhos incompetentes e desprovidos de patriotismo que se consagravam mais à caça dos comunistas do que a preparar a defesa do país, a França e, em particular, as populações das regiões fronteiriças foram tomadas de pânico diante de divisões altamente militarizadas que nada impediam de avançar. O exército francês — chefiado por velhos que pouco tinham aprendido depois da Guerra de 14-18 — foi destruído num abrir e fechar de olhos. E o povo fuge, atravança as estradas, levando velhos e crianças, e todos os bens que pretende salvar... É um pandemónio e um rico alvo para os aviadores alemães que varrem a tiro de metralhadora e às gargalhadas esse formigueiro de um povo que antevê o fim do mundo!... A estrada do Sul, a estrada do êxodo, da salvação talvez, passa justamente por **Chartres**... O seu governador civil — **Jean Moulin** — faz o que é humanamente impossível fazer em tais circunstâncias a fim de dominar o pânico daqueles milhares de infelizes e, sobretudo, de os albergar, alimentar, socorrer... Tarefa desmedida a que ele se lança com uma energia enorme e uma piedade infinita... Irá até ao limite das forças... Mas isso não é nada, porque a **besta imunda** ainda não se mostrara — e, ao fim e ao cabo, socorrer a população fazia parte das suas atribuições oficiais... Foi, porém, o único a fazê-lo... E, para dar coragem àquele povo de vencidos, ele, o **desenhador**, lança-se a pintar cartazes que, com uma enfermidade, vai colar pessoalmente nas paredes e que dizem: «Tenho confiança! Venceremos!»

Interrompi-me. Com os olhos cravados em mim, as minhas vizinhas retinham as lágrimas a custo. A janela estremeceu, levemente sacudida pela aragem.

— No dia 17 de Junho, os alemães entram em **Chartres**... **Jean Moulin**, guarda o inimigo, à porta do Governo Civil, envergando o uniforme de representante da Administração oficial e, ao oficial hitleriano que o envolve num olhar de mofa, declara com segurança: «A sorte das armas permite-lhes que entrem nesta cidade como vencedores. Inclino-me diante da lei da guerra e posso afirmar que a ordem não será perturbada se os senhores nos derem a garantia de que as tropas alemãs respeitaram a população civil e, especialmente, as mulheres e as crianças». O outro acenou cinicamente



te que sim, que pode estar descansado: horas depois, **Jean Moulin** é chamado à presença do comandante da coluna hitleriana para assinar um «protocolo» que atesta que as tropas francesas tinham cometido atrocidades contra — precisamente — mulheres e crianças... O **Préfet** devolve o papel e fitando-os com desprezo, recusa assinar uma infâmia apenas destinada a desonrar o exército francês. Como se aguardassem aquela reacção, os nazis desferem-lhe dois socos e cobrem-nos de insultos. Apanhado de surpresa, **Jean Moulin** protesta contra tal procedimento de bárbaros!... Desgraçado! As bestas feras conheciam bem as suas ideias, a sua fidelidade à **Frente Popular**, a sua actividade em defesa da Espanha Republicana — e caem sobre ele como possessos, atiram-no contra a parede, cobrem-no de socos, deitam-no a terra, espezinham-no — e quanto mais ele grita, evoca a dignidade das suas funções, mais os facinorosos o espancam. E exigem que assinasse o documento! Não, jamais! Não assino um papel humilhante!... Não assino um texto que desonra o exército do meu povo, o exército do meu país! — Um carasco responde-lhe, fulo de raiva: — Já não há exército francês! Foi vencido, vergonhosamente vencido. A França está de rastos. O seu governo fugiu. O senhor já não é nada. Está tudo acabado!

Era desditosamente verdade... Que lhe custava, por conseguinte, rabiscar uma assinatura num documento falso, quando a maioria dos seus superiores haviam dado às — de vila-diogo ou já se bandeavam com os invasores?... Mas **Jean Moulin** odeia o fascismo, ama a sua pátria — e os algozes, por mais que façam, não conseguem arrancar-lhe a assinatura infamante. Desatam à correada como loucos, põem-no a tais tormentos que acabam por deixá-lo sem sentidos. — «Não assinas hoje, assinarás amanhã!»

Jean Moulin levou tempo a voltar a si... a compreender o que se tinha passado, o que se passava... Como todo o corpo lhe dó e como lhe estoura a cabeça!... Na luz que descia de uma lâmpada no exterior, vê uma sentinela diante da porta do cubículo onde o haviam encerrado... Ah, se pudesse fugir!... Mas, como?... Pelo chão lampejam pedaços de vidro... Sem forças, pega num deles e, para se furtar à infâmia a que os nazis o querem submeter e humilhar, só tem uma saída: o suicídio. E, lucidamente, corta a garganta!

Corriam lágrimas pelas faces das minhas vizinhas. Levei a chávina aos lábios, cobreí fôlego e continuei:

— O sangue jorrou e empapou o uniforme do **Préfet** — mas a morte não veio... Pelas cinco da manhã, uma patrulha dá o alarme. Achariam os nazis haver ultrapassado o que lhes era permitido?... Seja como for, aparvalhados, transportam o moribundo

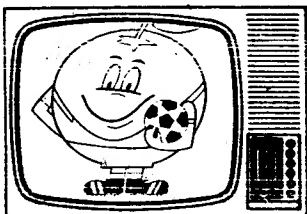
para um quarto e procedem aos curativos: é que na véspera, o marechal **Pétain** — que chegara da Madrid franquista onde estava a exercer funções de embaixador e que há muito proclamava «antes **Hitler** que a **Frente Popular**!» — pedira vergonhosamente o armistício, capitulara —, punha vergonhosamente a França de rastos aos pés do inimigo. Ora, em tal lance, o suplício infligido a um **Préfet**, a ser conhecido, cairia mal... Havia que salvar a fachada de «povo korrekt»... E **Jean Moulin** recobra forças, regressa à vida. Nessa mesma noite de **sabotagem de bruxas infernais**, um general desconhecido do povo francês, que conseguira tomar o último avião para Londres, dirige-se aos franceses, por intermédio da BBC, para lhes dizer que a França não havia perdido a guerra, mas tão-só uma batalha e que urge resistir ao inimigo, no território nacional, ou virem juntar-se a ele, na Inglaterra, a fim de constituírem uma força de Franceses Livres... — Terminei a minha chávena de lúcia-lima.

— É claro que **Jean Moulin**, na sua cave de tortura, não ouvira esse Apelo do General **De Gaulle**... Soube-se mais tarde quando, mais ou menos restabelecido, retoma as suas funções... Quando lhe chega a notícia de que, em **Vichy**, fora constituído um governo fascista — o **Estado Nacional** — segundo o modelo salazarista, decide apresentar a demissão. Dissuade-o um amigo íntimo que lhe faz ver que não havia nenhuma conveniência em atrair a atenção dos adversários, que seria melhor esperar pela demissão... É o começo da **cumplicidade** que vai unir aqueles que não aceitam a humilhação do armistício... **Jean Moulin** parte no dia 2 de Novembro para Paris e, depois de ter contactado com diversos amigos, dirige-se para o sul da França, onde se encontra a família: pelo caminho, com o pescoço enrolado num cachecol para esconder a cicatriz, vai lançando as sementes de resistência e decide consagrar todas as energias ao combate contra a **Besta Imunda** que rasgava as carnes e a alma da sua Pátria... Disfarçado, passa a usar o pseudónimo de **Rex** e a congregar os antifascistas que os desastres da guerra haviam dispersado e desorientado. Nessa altura, nem ele nem os nazis sabem que as **Peripécias da Clandestinidade** lhes marcaram encontro em Caluire, nos arredores de Lyon, para daí a três anos!... Entretanto, passará por Lisboa a caminho de Londres, para coordenar a luta dos diversos grupos de Resistência... E, quem sabe, se na longa espera do avião que o havia de transportar, não passeou aqui pelo nosso bairro, para matar o tempo?... Calei-me. E, com as minhas vizinhas, deixei que o tempo corresse para, com 24 horas de antecedência, mergulhar na que foi para mim, durante tantos anos, a mais melancólica das noites.

compre um televisor

A CORES É QUE É BOA!

desde 48.500,



BEPALIZ

Rua Capitão Leitão, 47-A — Tel. 2761631 ALMADA

O combate à corrupção

Continuação da pág. 1

níveis de vigilância e de luta anticorrupção, mas reconheceu que, «em abstracto, ninguém pode reivindicar o privilégio formal de insuspeitabilidade» e afirmou, a dado passo do seu discurso: «O Governo é o primeiro a considerar que os membros dos órgãos de soberania devem sujeitar-se às regras vigentes para o comum dos cidadãos».

Está certa a doutrina. Afirma-se que «não é aceitável a transigência com práticas de fraude e de corrupção, por menores que sejam, nem com casos de escandalosa ostentação de riqueza sem causa conhecida». Afirma-se que «basta haver uma suspeita fundada para que, em cada momento, se deva fazer uma averiguação rigorosa e isenta». Afirma-se que o Governo «não está disposto a pactuar, nem pactuará com a fraude, com actos de corrupção ou com práticas delituosas, lesivas do património público. Sejam elas a que nível forem».

E está certo, igualmente, dizer-se: «Os cidadãos em democracia devem assumir o Estado — são sujeitos do Estado e não vítimas dele. Não têm que se defender do Estado. Pelo contrário: têm que defender o Estado daqueles que o pretendem defraudar porque é essa a única forma

de se defenderem a eles próprios, como cidadãos, e à comunidade nacional». Com efeito, na luta contra a corrupção todos se devem considerar envolvidos, todos deverão estar empenhados. E é desmobilizador e contraditório deixar ficar a pairar, quando do combate à corrupção se trata, a suposição de que serão «mais as vozes do que as nozes».

Pelo contrário, são as nozes mais do que as vozes. A corrupção é mais profunda e mais «abrangente» — para usarmos uma palavra ao gosto governamental — do que poderá ser, nesta fase imediata, o seu combate. A vários níveis e de diversos tipos se nos depara a corrupção. Não existe só corrupção material. Não é apenas a corrupção material que corrói e corrói o tecido social.

O discurso do coronel Costa Brás, no acto que lhe conferiu posse do cargo de alto-comissário, evidencia os pressupostos de uma actuação correcta e responsável de saneamento público e de defesa do regime. Citamos: «... como cidadão não podia deixar de me congratular com a intenção objectiva de conduzir a administração pública e os seus agentes à plena respeitabilidade, à clareza da moral dos seus actos,

à transparência dos seus procedimentos; segundo: porque entendo o exercício desse cargo, a ajuda directa dos que nele me venham a coadjuvar e a cooperação e os apoios de que carecerei, como um honroso contributo para a defesa do regime».

E mais adiante afirmou: «Importa aqui sublinhar que a intervenção da Alta Autoridade será realizada sem prejuízo das atribuições e responsabilidades próprias dos organismos ou instituições existentes com competência orgânica e institucional para o exercício das acções de averiguação, penais e disciplinares, sobre os delitos em causa, com especial destaque para os tribunais e serviços de inspecção e de investigação; que não será possível o cabal desempenho das atribuições cometidas à Alta Autoridade sem a plena cooperação — que a lei estabelece — e a acção enérgica, voluntária, interessada, competente e séria desses mesmos organismos e instituições; que se tornam em absoluto necessário, mesmo indispensável, poder contar com o apoio do Governo e outros órgãos de soberania que tenham em si capacidade de intervenção neste assunto; que o dever de cooperação se estende igualmente à generalidade dos cidadãos sem a

qual não parece possível alcançar os objectivos desejados».

Claro que o sucesso da missão depende, em elevado grau, do apoio público e da coragem cívica. Costa Brás reconheceu que é necessária «a assunção corajosa e honesta das afirmações e acusações produzidas». É essa, aliás, uma razão mais para que a luta contra a corrupção seja acompanhada da denúncia e do combate a aspectos característicos de corrupção política, moral e social.

A corrupção não é só material. Devemos considerar corruptora a política de preferências e de segregação com base em opções políticas ou religiosas, clientelismos partidários, locais ou de grupo. Devemos considerar corruptora a chamada «dança dos gestores». Devemos estar atentos à corrupção bancária. Devemos estar atentos à ilicitude, à fraude e à deslealdade na gestão do sector público. Devemos estar atentos à criação de regimes legais destinados a favorecer clientes políticos ou a compensar dedicações servis. Tudo isso é corrupção.

Esperemos muito — o possível — da Alta Autoridade.

Cumpre-nos exigir mais ao Governo.

«DL»

ponto a ponto



OS cinco presidentes africanos que estiveram reunidos recentemente em Bissau endereçaram a Ramalho Eanes e ao povo português «votos de boa saúde, paz, progresso e prosperidade». Em carta agora chegada a Lisboa, os presidentes de Cabo Verde, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique dizem ter recebido com agrado a mensagem de saudação que o Presidente português lhes dirigiu por ocasião da primeira.

COMO é já tradicional na quadra de Natal, o chefe do Estado-Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, deslocou-se ao Hospital da Marinha, para uma visita de solidariedade ao pessoal ali internado. Entretanto, o almirante Sousa Leitão, recebeu ontem cumprimentos de Boas-Festas dos almirantes e dos oficiais em serviço no Estado-Maior da Armada.

RUI Mateus (PS) participará, a partir de 12 de Janeiro, em Bruxelas, na conferência internacional sobre «O futuro da NATO e a segurança global». O convite ao responsável pelas relações internacionais do PS foi feito pelo Centro de Estudos Estratégicos Internacionais, da Universidade de Georgetown (Estados Unidos). Entre os participantes contam-se o secretário-geral da NATO, Joseph Luns, o ministro dos Negócios Estrangeiros belga, Leo Tindemans, o ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger e o ex-chanceler da República Federal da Alemanha, Helmut Schmidt.



O chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Melo Egidio, recebeu, em visita de cortesia, Marcel Houleux, embaixador da Bélgica.

OS embaixadores dos países africanos de língua oficial portuguesa creditados em Lisboa deverão em breve empreender uma acção conjunta acerca do caso de Timor-Leste. Na sequência da cimeira recentemente realizada em Bissau, os embaixadores de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S. Tomé e Príncipe poderão solicitar audiências conjuntas ao Presidente português, ao Primeiro-Ministro e ao ministro dos Negócios Estrangeiros. Nessas audiências, os embaixadores agarrados tencionam dizer que Portugal «tem responsabilidades históricas, políticas e jurídicas quanto à questão de Timor-Leste, pelo que os seus países gostariam de o ver actuar com mais dinamismo, no sentido de levar a Indonésia a modificar a sua atitude».

gentes e paisagem

O Natal sentido com o olho esquerdo — 1

Dias de Melo

Tl Joaquim Picanço, as pernas a pesarem-lhe como dois trambolhos, estes êmbolos cma que tão a ficar enferrujados, o coração começando com quebrantos e desfalecimentos, raio de magne-te que me anda a falhar, na cabeça a coroa branca dos cabelos ralos, crescidos, emaranhados, por cima do osso da testa enrugada, da cara encarquilhada com a barba de muitos dias por fazer, no meio o traço da boca de lábios arroxeados, o nariz grosso e comprido, os buracos dos olhos rajados de vermelho sujo já a alcançarem mal as coisas ao longe, pior as do perto, letra de imprensa em página encardida de livro encobado, «Os Sete Pares de França», «O João de Calais», «A História das Papas», ou em folha amarfanhada de jornal apanhado por acaso, nem a consegue enxergar, e tanto que gostava, no silêncio solitário das noites de Inverno, povoadas da cantilena do mar na costa próxima, de passar os longos serões a ler o que lhe viesse à mão, sentado no canto da cozinha, naquele banquinho de acácia amarela, à luz de petróleo da lamparina de vidro, junto às brasas morrinhando entre as cinzas da pedra negra do lar, à ilharga da porta do forno, tou cma burro no relho da eira a precisar de antolhos, o saco de ventos do corpo molancacho a dobrar-se para a terra que me há-de comer, não vai tardar munto, vive só, completamente só, como sempre viveu, na sua casa ao fundo da canada estreita e empinada, a cinquenta, sessenta metros do caminho, duas salas, com janelas de gui-

lhotina, à moda antiga, viradas ao nascente, a sala-de-fora, dois ou três calendários da vida dos afonsinos dependurados nas paredes, a banquinha redonda e de pé de galo no meio do soalho, umas tantas cadeiras em volta, poeira por toda a banda e teias de aranha a pender dos tirantes, ao lado da janela a porta da rua para o balcão pequenino de muros com mainéis de boa pedra bem aparelhada e de graus a descender para o pátio em baixo, da loja despen-sa e armazém, a casinha (1) depois, passante o portal tosco que dá para a vinha, a sala de dentro, com acesso para a cozinha, a cama de casal, onde nunca dormiu casal nenhum, só ti Joaquim Picanço, dois baús pouco menos que vazios, o que contém não passa de tralha inútil, chegados às paredes, na empena mais uma janela voltada para o mar, ao sul.

Andou ti Joaquim Picanço em novo pelas Américas, pelas calafonas, trouxe razoável maquia de dólares, consumiu-a, não via melhor destino que lhe desse, na compra de terra, quantos cerrados quis dos melhores das redondezas, uma alegria andar por eles de manhã à noite, cuidava-os que nem a um jardim, sozinho não lhes chegava, metia homens de fora, permanentes, ao ano, um todos os dias, três dois dias por semana, pelas cultivações, pelos sachos, pelas colheitas mais, cultivava milho, batatas brancas, batatas-doces, feijão, ervilhas, favas, criava três ou quatro reses, sempre uma vaca, engordava à porta um porquinho no curral, tirado o que lhe bastasse do leite da vaca ordenhada dia-a-dia, do porco, morto em Janeiro, matança que, nem por ser em casa de sol-

teirão deixava de se festejar cma l'é dado, das novidades acolhidas e arrumadas na loja, vendia o que lhe sobrava, do porco (linguiça, torresmos de vinho-d'alhos, banha), quase apenas para o Faial, boi engordado boi embarcado para Lisboa, tudo sem pressas, o negócio quer tempo e há tempo para vender e tempo para comprar, ponto é não tar um home co a corda o pescoço, ti Joaquim Picanço, graças a Deus, ao pescoço não trazia nenhuma corda, nem sequer barbante, saber esperar com paciência, boca calada e olhos bem abertos, atinar na hora certa com o momento mais asado, abrir o jogo com cautela, com manha, sem dó nem piedade, sim senhor, vendo, mas pelo seu justo preço (justo preço era o que lhe dava na gana), daqui não arredo, e é se queres, se não queres ficamos amigos à mesma. Acabadas as suas vendas, arrecadados os seus lucros, às vezes com certa demora, compro, mas só posso pagar em tal mês, caso a ponderar, com peso de uma só palavra pronto, negócio fechado, leva a mercadoria, e arrecadados os seus lucros gastava com peso e medida, não era fuinha, também não era de mãos rotas, liquidadas as despesas marcadas no rol do botequim, no da loja de fazendas, no do sapateiro que lhe fazia e remendava os coturnos de bater no trabalho, de coiro atinado e solas de enjarroba, acertadas as contas com os homens que davam dias com ele, um copo que pagava a brindar a roda dos amigos, nesta, naquela tasca, por uma festa, Entrudo, Páscoa, Espírito Santo, S. João do Calhau ou S. João do Cais do Galego, S. Pedro da Baixa ou S.

Pedro do Paul, Senhor Bom Jesus, Senhora de Lourdes, em Agosto, na vila, Senhora da Piedade, no Curral da Pedra, Senhora das Mercês, nos últimos de Setembro, na Manhenha, com a prova do vinho novo pelas adegas, e pronto, dinheiro arrumado no fundo da gaveta.

Os bancos... Ti Joaquim Picanço apanhara na América a depressão, vira o que acontecera a quem guardava dinheiro nos bancos, vira, já em Portugal, o que se passara com ossos que depositavam o que tinham no Banco do Faial, na Caixa da Terceira, na Caixa de S. Miguel, noutra em Lisboa, não, bancos, comigo, não. Era ali, no fundo da gaveta, fechada a sete chaves.

Mulheres, não lhe faltava com que, pagava-lhes para que lhe fizessem todos os serviços de portas para dentro, alguns por fora, acartar lenha, deitar milho ao rego, água no plantio na quadra das lavours e da plantação de batatas-doces, todas o cobiçavam, lhe faziam boca de mel e olhos bonitos, se enfeitavam para ele, o senhor americano, a todas, acabado o dia, aqui tens a tua soldada e vai com Deus, de casamentos nem lhe falassem, não que não fosse homem inteiro da raiz dos cabelos às pontas das unhas dos pés, tinha os seus aconchegos, em sua casa não, respeitinho, ao largo, pela calada, sem dar nas vistas nem levantar suspeitas ou escândalos, mas, não, pr'aturar rapazes pequenos, casamento, nunca.

Vivia, dava-se bem com aquele viver, os tempos e os costumes foram mudando, começou, acabou a guerra, não era connosco,

todavia rondou-nos de perto, e os tempos e os costumes correndo e mudando, a princípio, neste cabo do mundo, nem se dava pela mudança, a pouco e pouco, mal se percebia o quê, qualquer coisa de diferente rabiava no ar, até que se entrou na carreira da vida a subir que nem um foguete, do dinheiro a perder valor, uma poita a descer para o fundo, os ganhos passaram de seis, oito escudos, aos doze, vinte, trinta, cinquenta, cem, duzentos, pouco para os que recebiam, o custo das coisas vindas de fora subia muito mais, muito para os que pagavam, as que a terra da ilha produziam não subiam tanto, escancararam-se os portais da emigração para as Américas, pela primeira vez para o Canadá, reduzida para a França, quantos podiam quantos se safavam, repetia-se o que, no passado, tantas vezes acontecera, uma sangria, a ilha despovoava-se, a vida não é já um foguete, para os que ficam é uma vertigem, os ganhos vão para os quatrocentos, quinhentos, seiscentos, oitocentos, mil, mil e duzentos escudos um cavador, mil e oitocentos, dois mil, dois mil e tal um mestre, ou simples ajudante de mestre pedreiro, carpinteiro, caiador, pintor, qualquer se arma em mestre, a criar gado, na pesca da albacora nem se fala, erguer casa nova só emigrante de torna-viagem, vaqueiro, albacoreiro, comerciante de negócios escuros, as coisas que tem de se mercar ultrapassam todas as subidas, e o valor do dinheiro a descer, sempre a descer, ti Joaquim Picanço, a ida-de pesa-lhe, as forças minguam-lhe, trabalhar as suas terras sozinho nem pensar, nunca pôde, pior agora, arrendá-las não en-

contra quem lhes pegue, passá-las a pastagem e meter-se à criação de gado, também... se tivessem filhos que lhe dessem uma demão, mas não quis aturar rapazes pequenos, o dinheiro aferrolhado no fundo da gaveta, antes uma fortuna, vai-se-lhe tornando pouco, muito pouco, nem chega já pra me sustentar e vestir, quanto mais pra pagar mil e duzentos escudos a homem de fora, acabou por ter de abandonar as suas terras, esta este ano, aquela no outro, e no outro mais aquela, doí-lhe menos se lhe crivassem o corpo com punhais, foram-se enchendo de junça, milhã, rabo-de-burro, feito, silvado, na maioria delas crescem já faias e incensos, ficou apenas com uma das quatro hortas dos aposentos (2), e dos aposentos largou ainda a vinha, raro lhe faltava com pipa e meia de vinho, tudo aí está um bravo e o dinheiro a perder valor, a descer mais e mais, não é uma poita, é um raio que nos chega da trovoadas a rugir pelo Mundo e se afunda no temporal das águas turvas do nosso mar sem fundos. Pelo que se dava, há anos atrás, menos de cinquenta escudos, hoje paga-se melhor de um, dois contos de réis, os vintês de ti Joaquim Picanço guardados na gaveta não valem um caracol, nem chegam para mandar cantar um cego, e ti Joaquim Picanço vive a bem dizer da miséria da esmola da Casa do Povo, ele, que nunca sonhou sequer em vir a receber esmola fosse de quem fosse, e as forças a faltarem-lhe, sempre a faltarem-lhe, bem bom enquanto conseguir amanhã, mal, aquela hortinha dos aposentos, custa-

Continua na pág. 22

Projecto Almeida Santos: a mordada à Imprensa?

Têm a palavra os jornais

O «Diário de Lisboa» começa hoje a publicar depoimentos de directores de jornais, de jornalistas e, também, de juristas, sobre o anteprojecto da Lei de Imprensa apresentado pelo ministro de Estado, Almeida Santos.

O «DL» pretende, assim, dar o seu contributo ao debate sobre um assunto de inegável melindre e em relação ao qual já muitas opiniões (adversas) foram expendidas e justificadas expectativas foram criadas.

O anteprojecto do Governo tem sido objecto de contestação e de violentas críticas por muitos sectores da área da comunicação social, situados à direita e à esquerda de quem é responsável político por um trabalho da natureza dadquela que se nos apresenta.

Lamentamos que nem todos os directores de jornais tenham colaborado connosco nesta iniciativa através da qual pretendemos tornar pública a opinião

daqueles que mais directamente se terão que mover nos estritos limites de uma lei de imprensa, qualquer que ela venha a ser, qualquer que ela sempre seja. Porque é uma Lei.

É, pois, com a certeza da vitória da razão da moral e da ética sobre a falsa razão de Estado, da inteligência sobre a mediocridade, da honra sobre a infâmia, que o «Diário de Lisboa» abre as suas colunas a um espaço para o debate sobre o ameaçador e iníquo projecto de revisão da Lei de Imprensa, recentemente apresentado pelo Governo da República.

Já ontem tornámos público um quadro comparativo de alguns artigos da lei em vigor com os correspondentes preceitos da lei que ora se propõe.

Hoje damos início à publicação de uma série de depoimentos de jornalistas e de directores de jornais.

José Carlos Vasconcelos
(«O Jornal»)

“Um inadmissível retrocesso”

O anteprojecto de lei de Imprensa representa um incompreensível, e inadmissível, retrocesso em relação à lei actualmente em vigor. E será bom recordar que a actual lei é de Fevereiro de 1975, em pleno período revolucionário — quando, por isso, seriam porventura (acentuo o porventura) mais «compreensíveis» certas limitações à liberdade de expressão. Afinal, a lei de 75 é muito mais liberal, aberta e moderna do que este anteprojecto de um governo constitucional, PS/PSD, no Poder quase dez anos depois da revolução!...

Digamos que, no que tem de novo, o anteprojecto é **negativo** sob todos os aspectos, excepto quanto a três **intencções**:

- a) A de tornar mais efectivo o direito (teórico...) de acesso às fontes de informação;
- b) A de impedir a formação de monopólios no sector.
- c) A de tornar mais rápido o julgamento dos crimes de abuso de liberdade de imprensa.

Mas, se as duas primeiras intencções são difíceis de concretizar inteiramente e não estarão defendidas do melhor modo, a terceira tem como contrapartida uma disposição pelo menos discutível. Com efeito, embora se entenda que as actuais fases do inquérito preliminar e de instrução preparatórias são, as mais das vezes, demasiado complexas e morosas, não faz sentido puramente aboli-las e substituí-las por um simples «auto de notícia que (...) tem valor de corpo de delito».

Mas o anteprojecto tem disposições muito mais graves e perigosas do que esta. Salientam-se, a título exemplificativo:

- 1) as informações cuja publicação é interdita, a que se refere o artigo 11.º o qual colige uma incrível soma de proibições;
- 2) a obrigatoriedade alargada, e ridícula, de publicações de notas oficiais e comunicações de tudo que é «membro do Governo» (só este artigo, que de par com outros demonstra uma condenável tendência para usar os órgãos de informação como se de coisa sua se tratasse, pode levar, se o Poder o utilizar imoderadamente, à destruição de jornais);
- 3) A destruição, na prática, do «sigilo profissional», através de uma «excepção» que, efectivamente, se pode transformar em regra — e o «sigilo profissional», é uma das muitas e importantes conquistas dos profissionais de informação depois do 25 de Abril;
- 4) A penalização, em cadeia, do director, chefes de redacção e secção, inclusive em casos nos quais nem sequer deviam responder (aqui o anteprojecto segue a tendência de outras le-



gislações — quando se trata de uma matéria em que se impõe inovar. Não posso aqui, evidentemente — fica para texto mais longo em «O Jornal» — neste como noutros domínios, dizer o que defendo a este propósito);

5) A falta de poder dos conce-
lhos de redacção para se pronun-
ciarem quanto à nomeação
dos directores nos órgãos de
Comunicação Social do Estado —
ou seja! exactamente naqueles
em que mais se impunha o fizes-
sem!

Como disse, porém, trata-se
de uma enumeração meramente
exemplificativa!...

Por outro lado, o anteprojecto
limita-se a «consagrar» o que
está, por exemplo, no Código de
Processo Penal — quando, de
facto, deveria alterá-lo, no sen-
tido aliás que aponta a actual Lei.
É o que acontece, ainda e sem-
pre como exemplo, com a norma
que estatui ser proibida a publi-
cação não autorizada pelo juiz
de quaisquer actos ou documen-
tos do processo, antes da audi-
ência de julgamento.

Ora, isto não faz sentido, e
entre os numerosos casos de
alegados «crimes de abuso de
liberdade de imprensa» em que
fui advogado — designadamente
alguns em defesa do director do
«Diário de Lisboa» ou seus jo-
nalistas — conta-se, exacta-
mente, um em que foi réu o dr.
A.P. Ruella Ramos, e que ex-
emplifica bem o absurdo da dis-
posição.

Trata-se do caso em que o di-
rector do «DL» foi réu por este
jornal ter publicado o despacho
de pronúncia do chamado «caso
da rede bombista», um caso já
então amplamente do domínio
público e em que aquele despa-
cho apenas coligia (se não «res-
tringia») acusações que já eram
conhecidas e de que este jornal
se fizera ele próprio eco.

Ruella Ramos foi absolvido,
claro, mas não claramente pelo
princípio jurídico que então de-
fendi, com base na lei actual e
que a nova lei devia inequivoca-
mente consagrar: Princípio que é
este: findo o período de segredo
de justiça, os jornais devem
poder publicar quaisquer actos
do processo desde que eles se

revistam de **interesse público**.
E este fundamental conceito do
interesse público (fundamental
também para saber quando é
legítimo os jornais tratarem de
certos temas relacionadas com a
vida privada dos cidadãos, pro-
cesso sobre o estado dos pres-
sos, etc, que o anteprojecto glo-
balmente proíbe aos jornalistas
não aflora sequer neste texto.

Enfim: era difícil que um ante-
projecto pudessem ser pior em-
bora seja absurdo compará-lo,
como alguns têm feito, à situa-
ção existente durante o fas-
cismo. Pois o «fascismo» não

precisava sequer de leis — opri-
mia o povo, impedia todas as
liberdades usando, quanto à
imprensa, a censura prévia.
Estou certo que os actuais go-
vernações não querem destruir —
e quero crer apesar de tudo, que
não querem diminuir — a liber-
dade, a começar pela fundamen-
tal liberdade de imprensa, com
os correlativos direitos a infor-
mar e a ser informado. Deste
modo, espero que este antepro-
jecto tenha o destino que merece
— e que é, quanto a estas e outras
disposições, o caixote do seu
esquecimento...

Margarida Borges de Carvalho
(«a tarde»)

“É preciso resistir com as armas que temos”

O projecto de Lei de Imprensa
que por aí circula é como a morte
de uma pessoa de família:
mesmo depois de conhecida a
triste realidade, o nosso sub-
consciente impede-nos de
acreditar. Só passado tempo a
crua verdade se nos impõe.

Se me dissessem que era
possível Almeida Santos e o seu
partido produzirem tal coisa, ju-
raria que me mentiam. E, no en-
tanto, é verdade.

O documento é, além de tudo
mais, o abjurar, pelos socialis-
tas, de toda a tradição liberal de
cuja herança tão ciosamente
se reclamam. Com que facili-
dade e rapidez o Poder lhes fez
cair a máscara libertadora, para
ficar bem à vista a verdadeira
face do mais primário jacobini-
smo!

Sentir a necessidade de uma
Lei de Imprensa (melhor se diria,
de um código penal especial
para a Imprensa) é, desde logo,
a manifestação jurídica-política
de uma inferioridade cultural,
como inferioridade cultural é
toda a tendência para leis espe-
ciais.

Talvez o dr. Almeida Santos e
os seus pares sonhem com o dia
em que, para destruir jornalistas
incómodos, lhes dêem informa-
ções que, depois de publicadas,
considerem confidenciais, a fim



de fazer cair sobre o «faltoso»
todo o peso da sua Lei.

É preciso resistir com as
armas que temos.

Reconhecemos que temos
boas armas, os nossos jornais,
para dar força a esta resistência
e conseguir que, por uma vez
que seja, os deputados não se
deixem governamentalizar e
saibam impedir a consumação
da barbaridade.

E é preciso que essa luta seja a
luta da consciência liberal pelo
direito e pela justiça, e não o
instrumento de certos ideólogos
que muito falam de Liberdade
mas nunca verdadeiramente a
amaram nem têm qualquer in-
tenção de a respeitar se um dia
forem Poder.

Nuno Rocha
(«Tempo»)

“A melhor lei é a que não existe”



Numa carta que escrevi há
dias ao Primeiro-Ministro, tive
ocasião de condenar frontal-
mente o anteprojecto de lei de
Imprensa apresentado aos jo-
nalistas pelo ministro da Comu-
nicação Social, dr. Almeida San-
tos. Smpe me habituei, no de-
correr da minha carreira, a as-
sumir as minhas responsabilida-
des e nunca precisei da Lei de
Imprensa para escrever.
Preocupe-me, sim, com a Cen-
sura, enquanto esta existiu em

todos os jornais onde trabalhei,
também nunca senti necessi-
dade de observar qualquer Lei
de Imprensa. Nos últimos vinte
anos, não me lembro de ter as-
sistido em países democráticos
qualquer debate sobre leis de
imprensa, o que não significa a
que a França, a Alemanha Fede-
ral ou a Inglaterra não tenham
leis de imprensa. Trata-se, no
entanto, de instrumentos hoje
desnecessários e que se consi-
deram mortos. A última vez que
se discutiu amplamente uma lei
de Imprensa, foi em Espanha,
quando Fraga Iribarne decidiu
criar um instrumento legal que
controlasse os jornalistas. No
fundo, a lei — Fraga, pretendia
legalizar a Censura. É o que
creio que acontece com o ante-
projecto do ministro dr. Almeida
Santos. Assiste-se, agora, cu-
riosamente, a um debate sobre
leis de imprensa no Parlamento
francês. Os objectivos são co-
nhecidos: um editor de jornais, o
sr. Hersant, controlava vários
jornais de direita no país de
Raymond Aron. O Governo so-
cialista, no poder, pretende criar
legislação que impeça o sr. Her-
sant de controlar os seus actuais
jornais.

É de admitir que, subjacente
ao projecto do dr. Almeida San-
tos, se encontre um desejo de
limitar a liberdade de imprensa.
O texto da Lei, de qualquer
modo, é extenso e inútil. Não
vejo necessidade de se publicar
uma Lei de Imprensa tão exaus-
tiva como a que consta do ante-
projecto. Penso, aliás, que o Go-
verno seguiu o método errado.
Em vez de ter nomeado uma
comissão técnica constituída por
jornalistas de reconhecido mé-
rito para elaborar o referido an-
teprojecto, preferiu redigi-lo ele
ou confiar a uma redacção a um
funcionário do Governo da sua
confiança. Com este método,
perdeu-se tempo e o Governo

sujeitou-se à humilhação de se
ver acusado de intencções autori-
tárias. Alguém disse — e eu
repeto-o — que a melhor lei de
Imprensa é a que não existe. Os
jornalistas não devem ser sujei-
tos a outras leis que não sejam
as que se encontram consigna-
das no Código Penal. Aceito que
os jornalistas devam
responsabilizar-se mais do que
os restantes cidadãos quando
escrevem injúrias ou calúnias.
Mas, tal como os médicos ou os
advogados, os jornalistas não
precisam de leis especiais. Que
diria a sociedade democrática e
creio que progressiva que nós
somos, se os médicos tivessem
uma lei especial para regular o
seu trabalho — que é da mais alta
responsabilidade? Há, apenas,
dois casos em que o Estado deve
intervir no que à actividade da
Imprensa se refere. Penso que é
indispensável que o Estado co-
nheça quem são os proprietários
dos jornais e por isso, o Estado
tem o direito de instituir um Re-
gisto de Imprensa. Depois, há
que responsabilizar os directo-
res dos jornais por injúrias ou
calúnias sempre que as mesmas
não se encontrem assinadas.

Não há que ter outras leis. O
anteprojecto do dr. Almeida San-
tos reflecte uma mentalidade bu-
rocrática. O anteprojecto é um
monumento à burocracia e os
jornalistas, se o mesmo fosse
transformado em lei, teriam que
mover-se num sistema inteira-
mente contrário às responsabili-
dades é a moral da sua profis-
são. O acto de escrever é um
acto de liberdade e de criação e
não só pode ter outros limites
que não sejam os que condicio-
nam a sociedade em geral. Há,
portanto, que transformar o an-
teprojecto do dr. Almeida San-
tos, numa pequena lei-
regulamento, de meia dúzia de
artigos.

José António Saraiva
(«Expresso»)

“A discussão está inquinada”

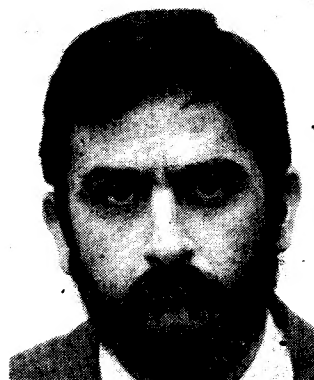
Em relação a qualquer lei de
Imprensa, há duas posições pos-
síveis: ou se rejeita pura e sim-
plesmente, considerando que os
crimes de Imprensa devem ser
julgados pela lei geral do País, ou
se aceita em princípio, passando-
se então à discussão artigo por
artigo.

Em Portugal, até hoje, salvo ra-
ríssimas excepções, nem uma
coisa nem outra foi feita relativa-
mente ao anteprojecto do minis-
tro Almeida Santos.

A discussão está inquinada —
e é para isto, sobretudo, que con-
vém chamar a atenção.

Nem se rejeita frontalmente a
existência de uma lei de Impre-
nsa, nem se critica seriamente o
articulado do anteprojecto que
existe — preferindo-se as ge-
neralidades à discussão concreta.

Creio que isto se deve ao facto
de o debate ter sido dominado até
aqui pela Imprensa «ideológica».



Concretizo

Os jornais situados à direita do
Governo têm dito, por exemplo,
que a lei é pior do que a censura.
Ora sendo certo que eles não o
pensam, só há uma razão para o
dizerem: estarem interessados
em provar que o País não ganhou

nada com o 25 de Abril. Dizendo-se que a lei é pior do que a censura está-se a dizer que, nem no que toca à liberdade de informação, os portugueses ganharam com a mudança. Para que serviu, então, a revolução?

Quanto aos jornais situados à esquerda do Governo, eles tendem também normalmente a demonstrar aquilo que têm vindo a dizer: que este Governo quer destruir as liberdades. Sendo assim, não podem deixar de afirmar que o objectivo deste anteprojecto de lei de imprensa é o de amordçar a imprensa.

Quero dizer, com o que fica, que a lei é boa e que os ataques

que lhe têm sido feitos são desproporcionados?

Nada disso.

Quero até, em certa medida, dizer o contrário.

Ou seja: que o facto de os ataques que têm sido feitos à lei serem na maioria dos casos determinados por razões ideológicas, perdendo-se em generalidades e não se fixando normalmente em matérias concretas, pode levar os portugueses a pensarem que a lei, afinal, é inatacável.

Que não há um só ponto do seu articulado susceptível de ataque formal e objectivo.

O que não é, de todo, verdade.

Pacheco de Andrade ("Diário Popular")

"Liberdade de expressão sofre limites"

Ao fazer, em escassas linhas, um ligeiro apontamento sobre o Anteprojecto de Lei de Imprensa, excluo, desde já, um aspecto que merecia algum desenvolvimento. É o da forma cautelosa e negativa como está elaborado este documento. Não já uma única palavra que sublinhe a função aculturante e social dos meios de Comunicação. Em resumo: os jornais são um incómodo necessário, sem os quais o público não saberia o que vai pelo Mundo.

Neste anteprojecto, a liberdade de expressão sofre limites preocupantes. Sendo reconhecida nos primeiros artigos do texto, vê-se, logo a seguir, condicionada por uma série de barreiras que têm a ver com conceitos tão vagos, tão perigosamente indefinidos, isto é, tão vazamente pragmáticos como «segurança pública, defesa da ordem, prevenção do crime, protecção do crime, da saúde, da moral», etc. O jornalista fica, deste modo, ao dispor da interpretação subjectiva de quem lhe accionou um processo e, obviamente, de quem o julgar, uma vez que, na prática, será fácil alargar ou restringir fronteiras de responsabilidade criminal. Não menos negativo é o facto de, ao



ser reconhecido «o direito ao acesso às fontes de informação», este ficar posto em causa por um artigo ulterior. Em termos de deontologia, é extremamente grave que seja lesado o sigilo profissional, que tem sido um dos pontos de honra dos jornalistas e que lhes atraem o crédito de algumas fontes de informação. Diga-se para concluir, que a penalização por culpas indefinidas, o inaccessibilidade a realidades noticiáveis e a intenção de desbloquear o sigilo profissional, constituem um triângulo que promete dias difíceis para a Informação no nosso País.

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu filho a parar sempre no passeio antes de atravessar a rua.



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



Se conduzir não beba



CAMPAÑA

ALCOOL E CONDUÇÃO

Almoço de Eanes em Coimbra

Ramos de Carvalho preside à comissão executiva

Está a funcionar em Coimbra a Comissão Executiva encarregada de organizar o almoço comemorativo do terceiro aniversário da reeleição do general Ramalho Eanes. É presidida pelo eng. Arménio Ramos de Carvalho e dela fazem parte, entre outros, o dr. Rodrigues Costa e o socialista Manuel da Costa.

Entretanto está a ser formada uma Comissão de Honra que integrará apoiantes do general Ramalho Eanes e

personalidades de destaque a nível distrital e nacional.

A comissão executiva activou já as estruturas da CNARPE em todo o País, prevendo-se que o número de adesões venha a tornar difícil a obtenção de um local capaz de acolher todos os interessados.

Neste momento há dois locais previstos. Um é o pavilhão gimnodesportivo dos Olivais, mas a sua utilização poderá ser condicionada pelos

jogos do campeonato nacional de basquetebol; o outro é também um pavilhão pertencente a uma empresa.

Os organizadores dispõem já de instalações próprias para o seu trabalho, na Avenida Calouste Gulbenkian, 7, r/c. (telefone 29927) e as previsões apontam para um número muito elevado de participantes, que todavia só poderá ser fixado em função do local que vier a ser escolhido para a realização do almoço.

A situação de grave crise política e social que se está a viver e a convicção de vastos sectores da sociedade portuguesa de que o Presidente da República venha a ter um

papel determinante numa mobilização nacional que permita superar as dificuldades presentes, estão a concentrar as atenções sobre esta comemoração cujo significado político é por de mais evidente.

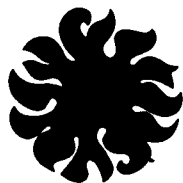
As grandes obras dos grandes compositores

A mais alta qualidade técnica

Os maiores intérpretes da actualidade



Claudio Scimone
Michel Corboz
Pierre Amoyal
Ton Koopman
John E. Gardiner
Marie-Claire Alain
René Duchâble
Armin Jordan

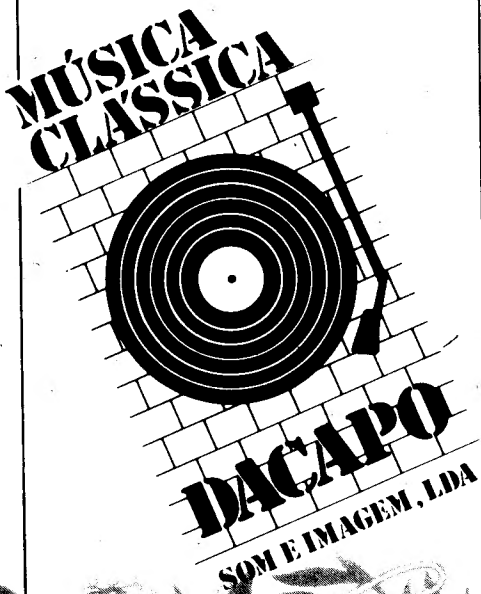


ASTRÉE

Jordi Savall
Hesperion XX
Montserrat Figueras
Paul Badura-Skoda
Hopkinson Smith
Blandine Verlet
Ton Koopman



Leonid Kogan
Wolfgang Sawallisch
Emil Gilels
Paul Badura-Skoda
Gesa Anda
Lorin Maazel
M. Rostropowitsch
S. Richter
René Kollo
Peter Schreier



UMA DISTRIBUIÇÃO
EXCLUSIVA

Conselho Hispano-Lusitano terminou ontem

Marcadas reuniões técnicas, criadas comissões mistas...

O Conselho Hispano-Lusitano, que ontem terminou em Madrid, fixou reuniões técnicas para os dias 11 e 12 de Janeiro destinadas à intensificação do intercâmbio e à redução do desequilíbrio comercial entre Portugal e Espanha.

O encontro bilateral criou comissões mistas de cooperação científica e técnica para os sectores da agricultura e dos transportes que reunirão no primeiro semestre de 1984.

No âmbito da cooperação fi-

nanceira e empresarial entre os dois países, o Conselho Hispano-Lusitano considerou imprescindível a abertura de sucursais ou filiais de instituições bancárias espanholas em Portugal e portuguesas em Espanha.

Decidiu também activar a cooperação no sector do ensino através da criação de comissões mistas do ensino secundário, licenciaturas e doutoramentos.

No plano sociocultural foi decidida a realização de uma exposição de artes decorativas por-

tuguesas dos séculos XVIII e XIX em Espanha e uma exposição de arte espanhola em Portugal em 1986.

Entretanto, o ministro dos Negócios Estrangeiros português, Jaime Gama, após a conclusão dos trabalhos, disse à imprensa que nas próximas semanas os governos de Espanha e Portugal poderão assinar um plano global no sector das pescas para 1984.

A adesão de Portugal e da Espanha à Comunidade Económica Europeia — disse Gama — foi

também debatida no Conselho. Ao referir a posição da França no alargamento do Mercado Comum a Portugal e a Espanha, Gama sublinhou que «Paris saberá pôr a imagem e os problemas da Europa acima dos problemas de uma contabilidade agrícola francesa». Salientou que «a partir de Atenas a responsabilidade recai sobre os governantes dos países comunitários», pois «não há futuro para a Europa sem o alargamento da Europa a Portugal e Espanha».

Jaime Gama admitiu em Madrid

Facilidades em Lisboa para a banca espanhola

MADRID, 23 (do nosso correspondente, Fernando Jauregui) — As autoridades espanholas, assim como os meios de informação madrilenos, mostram-se reticentes quanto aos resultados da IV reunião do Conselho Hispano-Português, que ontem terminou com um extenso comunicado conjunto e com promessas de numerosas reuniões durante 1984 — mas com escassos resultados concretos, excepção feita a um acordo para abrir durante 24 horas por dia quatro postos fronteiriços.

Representantes da delegação espanhola, bem como da portuguesa, comentaram, no final da reunião, que 1984 será um verda-

deiro «ano teste» para comprovar se as relações hispano-portuguesas poderão, ou não, funcionar de um modo positivo. Nesse ano reunir-se-ão os secretários de Estado do Comércio para examinar as possibilidades de levar à prática o «Anexo P» que rege as relações comerciais entre os dois países; e ainda nesse ano serão concretizadas (ou não) as possibilidades de acção conjunta para a negociação com a CEE; terá de se ultimar o plano de pescas — que, segundo o ministro espanhol Moran pode ficar pronto em poucas semanas; será estabelecida a negociação consular e serão postos em marcha os estudos para a realização de planos concretos, como os estudos técnicos

sobre as pontes nos rios Tejo e Guadiana; a construção do Centro Cultural Espanhol em Lisboa e Português em Madrid; reunir-se-á a Comissão Bilateral de Cooperação Científica e Técnica e recomendarão as negociações para um convénio consular entre os dois países; e, mais importante que tudo isto, continuarão, provavelmente, as «sondagens» de bancos e empresas espanholas com a finalidade de se instalarem em Portugal, para o que as autoridades de Lisboa concederão novas facilidades, segundo insinuou ontem, durante a conferência de imprensa conjunta com o seu colega espanhol, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama.

Porém, é de sublinhar, todos estes planos para 84 são temas sempre pendentes nas relações entre os países ibéricos, e sempre adiados. Somente uma vontade forte de avançar com questões tão espinhosas como as pescas ou o comércio bilateral poderá fazer com que os princípios gerais estabelecidos na «Cimeira» de 11 e 12 de Novembro passado e na reunião do Conselho, ontem terminada, deem bons resultados. Tudo dependerá do modo como as coisas correrem em 84, que se apresenta, assim, como um verdadeiro ano-chave nas relações entre os dois países vizinhos. Por agora, tudo continua a ser indefinição.

Conselho de Ministros quer marina no Vale do Jamor e não em Paço de Arcos

O Conselho de Ministros de ontem considerou «inaceitável» uma proposta de construção de uma marina de recreio com capacidade para mil embarcações na zona de Paço de Arcos. De acordo com o comunicado saído da reunião, «um tão vultuoso investimento só se justificará quando associado a um empreendimento imobiliário, susceptível de autofinanciar o empreendimento».

Por este motivo o Governo considera que uma marina daquele tipo (necessária devido ao «número elevado de embarcações de recreio que passam ao largo da costa portuguesa») deverá ser construída não em Paço de Arcos mas no vale do Jamor, entre o nó de Algés e o forte de São Bruno. A cedência de um direito de superfície naquela área deverá ser objecto de concurso, devendo portanto ser reformuladas as propostas já apresentadas, para que, rapidamente, seja tomada uma decisão, acrescenta a nota governamental.

Durante a reunião do Conselho os ministros ouviram uma exposição do ministro da Defesa sobre a sua recente deslocação à RFA e uma outra do ministro do Mar sobre um conflito entre alguns sindicatos e a Companhia Nacional de Navegação. O diferendo relaciona-se com o boicote de que está a ser alvo um navio daquela companhia num porto sueco.

O boicote foi desencadeado por sindicatos suecos a pedido de sindicatos portugueses, e o Governo considerou-o ilegal, apoiando a decisão da CNN de atribuir aos sindicatos toda a responsabilidade pelas consequências daquela acção e de «extrair desse facto as peritentes e justas consequências disciplinares».

O Conselho debateu também um anteprojecto de diploma legal que prevê a criação, junto da Presidência do Conselho, de um Conselho Permanente de Concertação Social, de carácter consultivo e composição tripartida.

O comunicado do plenário ministerial refere que apreciou esta matéria «para recolha de opiniões críticas e ulterior conversão em decreto-lei».

O novo órgão, acrescenta, será um instrumento de diálogo com os parceiros sociais, no quadro da política de concertação social do actual Governo, no âmbito da política socioeconómica.

O comunicado refere que o anteprojecto define as atribuições do Conselho sua composição e regras de funcionamento, bem como os seus serviços de apoio.

Na reunião de ontem foi aprovado um decreto-lei que eleva para 71 milhões de contos o limite do empréstimo interno, amortizável, autorizado pelo Orçamento do Estado (lei 2/83 de 18 de Fevereiro).

Aprovou também um decreto-lei que altera dois parágrafos de um artigo do código administrativo no sentido de alterar o valor limite das coimas a prever pelos governadores civis nos regulamentos por eles próprios aprovados.

As coimas são muitas aplicáveis a proprietários de gado cujos rebanhos danifiquem a propriedade de terceiros.

CONSTRUA O SEU CASTELO DE SONHOS

Habilite-se à

LOTARIA do FIM de ANO

1984

TALUDA 96 MIL CONTOS

Dia 30 Anda a Roda

SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

CHEIAS

Subsídio a fundo perdido para a indústria, comércio e agricultura

A Câmara Municipal de Loures tem vindo a chamar a atenção dos Srs. **Comerciantes, Industriais e Agricultores** do Concelho, que sofreram danos com as cheias de Novembro último, para declararem nas Juntas de Freguesia da respectiva área o montante dos prejuízos, com o preenchimento das fichas que para o efeito a Comissão Coordenadora do SNPC, que funciona junto do MAI, fez chegar aos interessados através da Câmara e Juntas de Freguesia.

Segundo informação verbal recentemente prestada na Presidência da Câmara, por porta-vozes do Instituto de Emprego e Formação Profissional, da Secretaria de Estado do Emprego, as empresas do Concelho, nas áreas da **Indústria, Comércio e Agricultura**, podem vir a receber um **subsídio a fundo perdido**, que pode ir **até 30 %**, sobre o valor dos prejuízos sofridos.

Desta forma avisam-se todos os interessados que das fichas acima referidas os Serviços da Câmara entregarão fotocópias ao IEFPP, a fim de que o eventual subsídio a fundo perdido seja assegurado.

Loures, 20 de Dezembro de 1983.

Seabra reserva "surpresa" para os seus opositores

A quadra natalícia não apaziguou os ânimos dentro do Ministério da Educação. José Augusto Seabra, titular da pasta, e os seus três secretários de Estado continuam em guerra aberta. O ministro entrou ontem à noite de férias. Mas é bem possível que as interrupções para lançar contra os três «rebeldes» uma ofensiva decisiva.

Irregularidades dentro de uma Secretaria de Estado do Ministério da Educação poderão constituir, dentro em breve, a arma secreta a utilizar

por José Augusto Seabra para aniquilar de uma vez para sempre a campanha que contra ele foi desencadeada.

«Farto de levar porrada», segundo expressão utilizada por círculos que lhe são próximos, o ministro entende estar-se a aproximar o momento «em que há que dar cabo da cambada».

Forte do apoio de Mota Pinto, Seabra não dá grande importância às críticas de que é alvo dentro do PSD (partido a que recentemente regressou), dentro da coligação e no mundo do ensino em geral.

Crê-se saber que os três secretários de Estado da Educação já perderam uma batalha: Mário Soares e Mota Pinto não estão dispostos a fazer rolar a cabeça de Seabra. Isso apesar dos professores sociais-democratas terem defendido esta semana a demissão do ministro, juntando-se assim a outras organizações de professores.

Depois de uma batalha perdida, será que os secretários de Estado — António de Almeida e Costa, Helena Valente Rosa e Britaldo Rodri-

gues irão perder a guerra?

A resposta poderá vir brevemente, se for confirmada a intenção do ministro e dos seus colaboradores mais próximos em despoletarem uma «bomba» que pode, inclusive, pôr em risco a própria coligação. Mera contra-informação, tentativa de intoxicação, jogada para amedrontar o inimigo?...

Seja como for, o «DL» soube junto de fonte altamente colocada no Ministério da Educação existirem documentos que provam «graves irregularidades» praticadas

numa determinada Secretaria de Estado. Sobre essas eventuais irregularidades, nem uma palavra é destilada. O segredo está bem guardado.

Não impede que o «DL» tenha, quando tais irregularidades lhe constaram, procedido desde logo a uma investigação. Pouco depois de a mesma se ter iniciado, o jornalista deparou com matéria passível de abrir pistas.

Percorrendo-as, chegou junto a um alto funcionário da Secretaria de Estado em questão, que reagiu de modo significativo quando colocado

perante certas perguntas: «Não confirmo, nem desminto!». Em tom enervado, o funcionário acrescentava: «Se soubesse que o senhor era jornalista nunca teria falado consigo!».

Do temor demonstrado pelo funcionário pela imprensa e do facto do significado da frase «não confirmo nem desminto» ser, nas mais das vezes, uma clara confirmação, pode-se licitamente concluir: aqui há gato.

Manuel Anta



Enquanto o "tenente" Mota Pinto assiste a cerimónia no EME

Salazar Braga prepara ajustamentos no Exército

O novo chefe do Estado-Maior do Exército iniciou ontem formalmente o exercício das suas funções, numa cerimónia em que participou o ministro da Defesa, Mota Pinto.

As Forças Armadas e o Exército, disse na ocasião Mota Pinto, «estão subordinadas ao poder político democrático, como única expressão legítima da vontade do povo português» e, por isso, «não podem ser objecto de instrumentalização de quem quer que seja». De outra modo, sublinhou o ministro, «pode ser posto em causa o Estado de Direito constitucional».

Dirigindo-se directamente a Salazar Braga, Mota Pinto qualificou-o como «disciplinado e disciplinador» e referiu que «a proposta da sua nomeação exprime o empenhamento do Governo em que haja chefias militares isentas, competentes e prestigiadas».

Em breves palavras, Salazar Braga que estava acompanhado por todos os oficiais-gerais sob o seu comando, manifestou o prazer em receber no EME políticos responsáveis e sobretudo que serviram a instituição militar, prestando serviço no Exército», referência esta ao facto de o actual ministro da Defesa ser desde 1963 tenente na disponibilidade.

O novo CEME vai ter de agir rapidamente em duas ou três questões-chave que marcarão a sua capacidade como líder militar no Exército. Para já terá de defender a candidatura de Firmino Miguel a vice-chefe de Estado-Maior do Exército, já aprovada no Conselho Superior do Exército e que dentro de dias será proposta no Conselho Superior de Defesa Nacional; cabe-lhe também nomear um general para o cargo de ajudante-general, lugar deixado vago por Firmino Miguel. Um dos nomes de que se fala para o lugar é o do ex-candidato à Presidência

da República, Soares Carneiro, que tem estado arrumado numa prateleira do Supremo Tribunal Militar.

Por outro lado, Salazar Braga vai ter de nomear novos comandantes para a Região Militar Sul, donde sairá Gomes Marques, e Norte, que se encontra vaga desde que o CSDN recusou o nome do general Aurélio Trindade. Admite-se que Salazar Braga insista nesta proposta, por se considerar que não houve motivos de fundo para a recusa daquele oficial. Mas, por outro lado, a carta que Aurélio Trindade fez divulgar no Exército, depois do veto do CSDN, poderá tornar difícil a sua aceitação pelas instâncias políticas.

Conselho Superior tem regimento

O regimento do Conselho Superior de Defesa Nacional foi hoje publicado no «Diário da República».

O Conselho é definido no documento como um órgão específico de consulta para os assuntos relativos à defesa nacional e à organização, funcionamento e disciplina das Forças Armadas, dispondo de competência administrativa.

O Presidente da República, que goza de voto de qualidade, preside ao Conselho, o qual é constituído pelo Primeiro e vice-Primeiro-Ministros da República, da Defesa Nacional, dos Negócios Estrangeiros, da Administração Interna, das Finanças, da Indústria e Energia e dos Transportes e das Comunicações.

Compete ao Presidente da República convocar o Conselho por sua iniciativa ou a pedido do Primeiro-Ministro, bem como dirigir os trabalhos de acordo com a ordem que tiver fixado.

A divulgação das obras fundamentais da música clássica em cassettes super ferro de alta qualidade técnica

MÚSICA CLÁSSICA

UMA DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA

DACAPÓ

SOM E IMAGEM, LDA

de ontem para hoje

Assaltantes de Porto de Mós «tocavam» música de Natal

QUATRO indivíduos embuçados, dois deles armados respectivamente com um revólver e uma pistola-metralhadora, assaltaram ontem a filial do Crédito Predial Português em Cruz da Léguas, Porto de Mós (Leiria), apoderando-se de cerca de 450 contos em dinheiro. Um dos assaltantes transportava um gravador que emitia música de Natal e mensagens de Boas-Festas. Na altura do golpe encontravam-se nas instalações apenas dois clientes e os funcionários. O alarme do banco estava ligado à GNR de Porto de Mós, mas não funcionou. Os assaltantes afastaram-se do local num «Datsun», de cor castanha e com matrícula falsa, que mais tarde as autoridades descobriram pertencer ao camião de uma empresa de cerâmica do Montijo. A referida filial já tinha sido assaltada em Outubro de 1982.

O Intendente foi a sua perdição

Um jovem de dezanove anos que, antes de ser transportado para o Hospital de Santa Maria, afirmou à mãe, em Odivelas, ter sido obrigado a ingerir um veneno por dois indivíduos, um dos quais chulo na zona do Intendente, acabou por sucumbir naquele estabelecimento. Ainda segundo o relato da mãe, Manuel Guedes da Silva Pereira (foto), electricista de profissão, teria começado a frequentar os bares do Intendente após ter conhecido uma viúva «que ali fazia vida». «Só num mês — disse — o meu filho levantou quase todo o dinheiro que tinha no banco,



fruto do seu trabalho, para entregar àquela mulher». O caso está a ser investigado pela Polícia Judiciária.

Especulação de 180 mil contos

A Direcção de Fiscalização Económica detectou numa empresa da zona de Lisboa um caso de especulação na comercialização de produtos avícolas no montante de mais de 180 mil contos. A fraude, que decorreu ao longo de dois anos, foi detectada através da análise da contabilidade, mas a Fiscalização Económica não revelou o nome da empresa, com base no facto do processo «estar ainda em segredo de justiça».

Português condenado em Angola

O Tribunal Militar de Benguela condenou ontem o comerciante português Silvestre do Amorim Cardoso a 14 meses de prisão, por «sabotagem económica e açambarcamento». O réu terá ainda de pagar cerca de 1500 contos e ficará com o seu estabelecimento encerrado por quatro meses. O processo em que Silvestre Cardoso estava en-

volvido foi o primeiro sobre sabotagem económica julgado no Tribunal da Sétima Região Militar, que abrange as

províncias angolanas de Benguela e Kuanza-Sul. A partir da recente criação dos Conselhos Regionais Militares, aos tribunais daqueles conselhos cabe julgar tal género de crimes.

Recluso deu «salto» de 20 metros

Quando trabalhava numa obra do sector prisional da Direcção do Porto da Polícia Judiciária, um recluso da cadeia de Custóias, lançou-se (ou caiu) de uma altura de cerca de vinte metros, encontrando-se em estado grave no Hospital de Santo António, com fractura da coluna vertebral. Fernando Pereira Coelho, de 25 anos, natural da capital nortenha, já tinha cumprido nove meses de uma pena de quatro anos de prisão a que fora condenado por furtos em automóveis, e face ao seu bom comportamento tinha sido destacado para participar em trabalhos no exterior da cadeia.

Marinheiro francês recolhido nos Açores

O navio francês «Fort Fleur D'Epee» desembarcou ontem na Horta um tripulante gravemente doente. Segundo informou o Comando Naval dos Açores, o doente tinha sido assistido no mar há três dias pelo médico de um navio soviético, mas o agravamento do seu estado determinou a eva-

cuação agora efectuada. O Centro de Coordenação de Navegação Marítima de Nova Lorde informou antes o Comando Naval dos Açores de que o único navio com médico a bordo naquela área do Atlântico Norte se encontrava demasiado longe para poder assistir o doente.

Homicida aprisionado em Valongo

O homicida do pedreiro José Domingos de Sousa foi detido pela GNR quando transitava numa rua de Valongo. Trata-se do torneio Manuel Joaquim Duarte Carneiro, de 57 anos, que andava a monte desde o último sábado, dia em que cometeu o crime utilizando uma caçadeira. José Domingos foi atingido com um tiro na cabeça, em princípio dirigido ao seu compadre Armando Gonçalves de Sousa, que ficou ferido sem gravidade no ombro direito.

Comunicações já ultrapassaram as 150

Congresso sobre o Algarve já tem 500 inscrições

A terceira edição do Congresso Sobre o Algarve, que se realizará no próximo ano, de 19 a 22 de Janeiro, comporta 22 sessões temáticas e seis outras para debate exclusivo da globalidade de cada painel em análise no certame.

O programa, com carácter definitivo, foi, na quarta-feira, divulgado pelo Racial Clube de Silves, entidade organizadora do congresso, anunciando também existirem mais de 500 inscrições de participantes e 152 comunicações para serem apresentadas.

No programa divulgado pelo Racial está prevista uma sessão dedicada à Comunicação Social e seus aspectos em favor do desenvolvimento regional.

O tema está incluído no painel sobre «Cultura e sociedade» de que fazem parte mais oito outros temas, num total de 32 comunicações.

Os outros painéis do programa do congresso são dedicados a «Ciências e tecnologia», «Recursos naturais», «Planeamento económico-social e regionalização» e «Sectores produtivos e infra-estruturas».

Durante o congresso decorrerão diversas actividades paralelas, destacando-se uma mostra gastronómica do Algarve, salão de fotografia, filatelia, «ballet» e visitas de estudo.

Dos temas agendados para o Terceiro Congresso sobre o Algarve, assumem particular importância as comunicações sobre turismo, agricultura, pescas, energia solar, riquezas do subsolo, infra-estruturas, transportes e comunicações, entre outras.

O Racial Clube de Silves tem a intenção de publicar dois volumes com

todas as comunicações apresentadas ao congresso.

A primeira realização aconteceu em 1980 e foram admitidas 36 comunicações e efectuadas 140 intervenções-debates.

O segundo Congresso sobre o Algarve efectuou-se no ano passado e foram apresentadas 87 comunicações com mais de 300 intervenções-debates.

Para as cerimónias de abertura e encerramento do congresso, o Racial de Silves irá convidar o Presidente da República, Ramalho Eanes e o Primeiro-Ministro, Mário Soares.

Barcos em trânsito foram considerados obsoletos

Trabalhadores da zona de Tróia denunciam «mau serviço» da Transado

Trabalhadores de várias empresas que operam na ilha de Tróia (Torralta, Lavandaria «Lince Azul», Supermercados Delta, Agência PPI e Batiponte) aprovaram uma moção já enviada ao ministro do Equipamento Social na qual se afirmam insatisfeitos com o serviço prestado pelos barcos da «Transado» a partir de Setúbal.

Segundo referem, a «Transado», única empresa a operar naquele percurso, fornece os seus serviços «com barcos obsoletos nos quais não existem as condições mínimas de segurança, conforto e higiene, sobretudo no In-

verno em que a chuva molha até aos ossos grande número de utentes. Por sua vez no Verão «o acréscimo de passageiros origina a sua aglomeração em longas bichas, assistindo-se ao exceder da lotação de barcos, perante a passividade das autoridades marítimas presentes, degradando assim ainda mais as condições de segurança e conforto.» Face a esta situação os subscritores da moção formulam várias interrogações a Rosado Correia, com destaque para as seguintes:

«Sendo o «Rio Azul», o barco convencional de construção mais recente e o menos mau dos que

compõem a frota da «Transado», porque motivo ao terminar a época balnear, esse barco fica imobilizado na doca, ficando ao serviço o mais obsoleto, precisamente o «Rio Almansor»?

Será que os lucros alcançados por esta empresa durante o ano não chegam para fornecer transportes em condições ou será que apenas pensam em minimizar as custas e maximizar receitas?

Será que os trabalhadores da Torralta, os mais afectados pela actual situação não merecem o mínimo de condições de transporte por parte da «Transado», já que lhe pagam anualmente milhares de contos para serem

transportados?

E os clientes da Torralta que ficarão a pensar com tal recepção de más vindas e maus serviços logo à entrada?

Será por esta empresa ter ligações estreitas com a Junta Autónoma do porto de Setúbal, que ainda se mantém estas condições de transportes?

Tal situação não deve nem pode continuar por isso e para quem de direito aqui ficam as preocupações e os anseios de quem pretende apenas contribuir para uma melhor justiça social e respeito pela dignidade e direitos de cada um.»

É preciso regularizar os rios

Vila de Coruche voltou a ficar inundada

«As cheias continuam» — eis o alerta lançado pela Câmara de Coruche, na sequência de inundações que se verificaram naquela vila durante a noite de terça para quarta-feira. O alarme foi dado quando as águas do rio Sorraia voltaram a galgar as margens chegando a atingir meio metro na parte baixa.

A subida das águas foi um tanto inesperada embora a explicação seja fácil: pouco antes tinham aumentado as descargas na barragem do Maranhão. Só a diminuição dos caudais nesta barragem e na de Montargil permitiu uma

melhoria na situação.

O problema, diz um texto divulgado pela Câmara Municipal de Coruche, é que «os prejuízos aumentam e as respostas por parte das entidades governamentais não surgem».

«Mais uma vez, as populações do concelho de Coruche viveram as dificuldades causadas pelas cheias. Até quando?» — interroga-se o município. «Até quando é permitida esta situação — chove/cheias não chove/secas?» — interroga-se ainda a autarquia.

A questão põe-se, pois, em ter-

mos de regularização do rio Sorraia e das ribeiras da Erra e do Divor. «Urgem», segundo entende a Câmara de Coruche.

Afastada a hipótese de cheias no Douro

A ameaça de cheias no rio Douro, com o tradicional cortejo de dificuldades na «ribeira» do Porto, foi entretanto afastada. Mas as previsões meteorológicas, apontando para a contribuição de mau tempo, com chuva, fazem aconselhar o estado de alerta para as

populações que habitam perto das margens.

O perigo maior foi afastado quando o nível das águas começou a descer, ontem, e não atingiram mesmo durante a prela-mar a altura necessária para transbordar.

A evolução nos próximos dias está, entretanto, muito dependente dos níveis que se verificarem nas barragens do rio Douro, incluindo as que se situam em território espanhol. A hipótese de haver descargas também constitui uma ameaça séria para as gentes do Porto e Gaia.

«Português acusado de ter burlado Estado espanhol em 25 mil contos»

Com referência a uma local por nós publicada no passado dia 24 de Novembro, sob o título «Português acusado de ter burlado o Estado espanhol em 25 mil contos», escreve-nos Raul Dias Correia, ex-director, em Lisboa, de «Viagens Marsans Lusitana, Ld.», com sede em Madrid, visado nessa notícia, para responder às acusações então divulgadas. Segundo Raul Dias Correia, «as imputações (que lhe são) feitas são inteiramente falsas, e mais não constituem senão uma tentativa insidiosa de pressão por parte de alguns accionistas da empresa de que também é sócio os quais pretendem, com o recurso à difamação e à calúnia de baixo jaez, tentar resolver meros diferendos societários de índole estritamente comercial».

Como os nossos leitores estarão recordados, Raul Dias Correia foi acusado de burla pelo director madrileno da empresa,

em declarações feitas à ANOP. Ora, acrescenta ele na carta que nos envia, «não há conhecimento da existência de qualquer processo judicial contra o signatário (e), bem ao contrário, o signatário é que imediatamente recorreu aos tribunais para resolução de questões relativas à referida sociedade e respectivos sócios».

Finalmente, o ex-director da «Marsans» em Lisboa protesta «contra o noticiário fantasista e

tendencioso, pelos vistos divulgado pela ANOP, onde praticamente se dá por certa a autoria de factos criminosos graves sem provas, sem processo, só com base em afirmações gratuitas de alguém praticamente interessado em denegrir a qualquer custo a pessoa do signatário, para forçá-lo a concessões no âmbito de disputas internas de uma sociedade comercial».

O caso Marsans promete, portanto.

A ILUMINANTE

AV. ALMIRANTE REIS, 6 — LISBOA
R. SANTO ILDEFONSO, 197 — PORTO

Desejam a todos os seus Clientes e Amigos, Feliz NATAL e próspero ANO NOVO

COSTA & DIOGO, LDA.

AV. ALMIRANTE REIS, 4-A, 4-C — TELEFONE 543315
DEPÓSITO DE TABACOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

SUCURSAL — PERFUMARIA NINA
AV. ALMIRANTE REIS, 2-G
Desejam BOAS-FESTAS e ANO NOVO muito próspero aos seus Exmos. Clientes e Amigos

Lotaria

José Manuel Saraiva

Crónica de um homem quase rico

Às cinco horas da madrugada do primeiro domingo de Dezembro Celestino Costa acordou sobressaltado como um touro que espetaram na traseira um agulhão: sonhara com o número da sorte grande.

Até de manhã este homem não conseguiu mais pregar olho, por um minuto que fosse. Levantou-se mais cedo do que o habitual, tomou apressadamente o pequeno-almoço, meteu-se no autocarro que passa na esquina da rua e foi à descoberta de um cauteleiro que lhe vendesse o número do seu sonho.

Correu Lisboa de uma ponta à outra e só ao fim da tarde, já quase noite, o encontrou no quiosque de um cinema do Conde Barão. Quando o viu pendurado na vitrina do cubículo, mesmo ao lado do último número da «Playboy», um sorriso imenso rasgou-lhe a boca até às orelhas, e uma secreta alegria invadiu-lhe a alma: ali estava, intocável, o bilhete inteiro do número que seria prémio maior da lotaria maior do ano.

Ai se ele tivesse o dinheiro todo para comprar aquele bonito lençol de papel cheio de algarismos vinte vezes repetidos, o que não seria quando o País soubesse que Celestino Costa, um modesto funcionário de uma repartição pública de finanças que sempre viveu teso como um raio, se tornara em momento breve, num dos homens mais ricos de Lisboa, talvez, até — quem sabe? — da Península Ibérica.

«Ah! caramba», murmurou mansamente. Quantos amigos iria ter a partir do Natal? Quantas entrevistas para os jornais e para a rádio? E até a Televisão a invadir-lhe a casa e a violar-lhe a morridão do lar.

Celestino, sem despregar os olhos da montra do quiosque retirou devagarosamente a carteira do bolso interior, do blusão de napa, contou as notas, somou-lhes os valores e comprou duas cautelas.

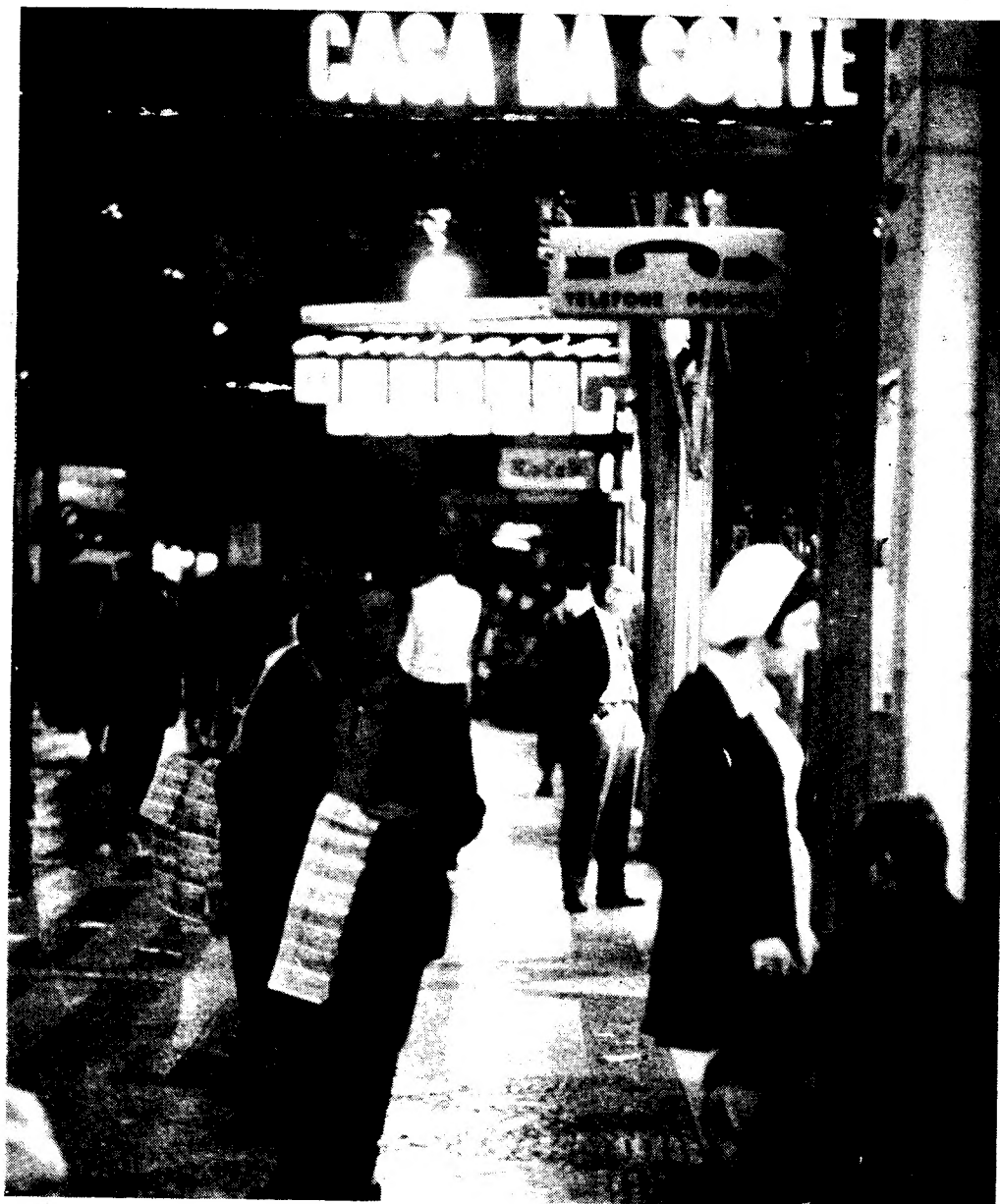
Nunca poderia vir a arrecadar a totalidade do prémio. Mas o que lhe viesse a sair era já infinitamente mais do que suficiente para o transformar em homem de grande fortuna.

Já na rua acendeu o cigarro que levou à boca. Expirou com profundidade e satisfação o fumo que lhe massacrava os pulmões, enfiou as mãos nos bolsos das calças, bateu com os pés frios no chão do passeio e regressou a casa com ar de triunfo e senhor da importância que iria ter dentro de dias, a partir do momento em que a sorte madrastra, que o tem acompanhado, se lhe rendesse, finalmente.

Se é verdade que a «Grande» nunca lhe iria parar às mãos, não é menos certo que o valor correspondente às duas cautelas que comprou, constituiria para si, como, aliás, representaria para qualquer cidadão, total independência económica para o resto da vida — sua e dos seus.

De Celestino Costa sabe-se apenas que é um homem de poucas palavras em casa, e fora dela. No emprego, onde já trabalha há cerca de 18 anos, nunca o diligente funcionário se distraiu em conversas que não dissessem respeito exclusivo a assuntos de serviço. Faltou uma vez por causa da gripe asiática e chegou atrasado em outra, devido a uma greve de transportes para a qual o governo não arranjara alternativa.

Em casa o Celestino entretem-se a ver televisão num aparelho a preto e branco que comprou há dez anos, em segunda mão, e só vai para a cama depois de ouvir o Hino Nacional que encerra todos os dias as emissões regulares da programação. De vez em quando bebe de um bagaço que o irmão lhe



mandou da terra e raramente discute com a mulher ou com as duas filhas, a quem presta, de resto, pouca atenção.

Na madrugada seguinte, de domingo para segunda-feira, o Celestino voltou a acordar, sobressaltadíssimo, e também às cinco da manhã: sonhara, desta vez, que lhe tinha saído a sorte grande. Quase trinta mil contos transbordavam-lhe, agora, das mãos trementes...

Quando a comoção se esvaçou e a voz se lhe desprende e o corpo se desconvulsionou, eis que da garganta do Costa se libertou um violentíssimo berro. A mulher e as filhas acordaram, o vizinho do andar de cima também, e até se assustou, e nessa noite já ninguém dormiu mais naquela casa. O Celestino, de casaco de pijama desabotoado e de cabelos esguerdilhados, com os pés poisados no soalho do quarto, abanando

como varas verdes, estava fora de si.

Nesse dia, na repartição, quase ninguém o reconheceu. Houve até quem pensasse que a derrota do Benfica, na véspera, frente a um clube menor, tivesse posto de trombas o Celestino. Mas não. As angústias eram outras...

Nos dias seguintes, porém, este zeloso escrivão de segunda classe começou a merecer uma atenção mais cuidada por parte dos seus colegas. E, se às vezes era motivo de chacota, em outras vezes era até objecto de piedade.

Um dia o Costa pôs-se a imaginar, de si, homem rico.

Começou a falar dos seus projectos, das suas ambições, a inventar, a construir castelos e a conquistar mares. E era tal o entusiasmo e convicção que emprestava às palavras que pronunciava com o tom cada vez mais elevado que, a

páginas tantas, desfechou — sem querer, claro! — um violentíssimo pontapé na parte inferior de uma estante, no momento em que dizia: «Ah! caracas, daqui a uma semana largo esta porcaria, dou um chuto nesta ...» e, antes de acabar, já um frasco de cola se estilhaçara contra o chão.

A dona Virgínia, que tinha estreado naquele dia umas botas de cano alto que comprara na véspera com o dinheiro que lhe sobrava do subsídio de Natal, levou com pesadas gotas do líquido em cima do cabedal. Foi o diabo!

Nessa manhã teve que intervir o chefe da repartição: o Celestino foi repreendido e a dona Virgínia mandada para casa, porque começou a sentir-se mal desde que lhe deram um «Castilium» para sossegar os nervos que lhe agitaram o corpo escanzelado.

☆☆

Durante mais de duas semanas o Celestino não sossegou. Dobrou o consumo dos cigarros e passou a exceder-se no bagaço. Em cada momento via-se com as mãos ataviadas de notas de mil, longe da repartição que odiava, lá onde tinha que suportar, dia após dia, as angústias existenciais da dona Virgínia — essa figura sinistra que sempre detestou.

Muitas vezes bem queria o Celestino afastar o pensamento para longe da totalidade do sonho que o habitava. Mas como? Uma voz longínqua que regressava sempre ao interior de si mesmo, como o eco de um grito que viesse das origens do mundo, dizia-lhe que o número da sorte grande era precisamente aquele — e não outro — que morava no interior do seu bolso, em duas cautelas da Santa Casa.

Foram longos estes dias de Dezembro, e muito mais longa, ainda, esta manhã que não acaba.

Celestino Costa vai faltar ao emprego pela segunda vez em 18 anos de trabalho nem sempre competente. Vai percorrer a baixa, contar carneiros para matar o tempo, olhar centenas de vezes para a montra da Casa da Sorte, acender os cigarros que lhe cansam o coração e espreitar as montras — que o Natal é já a seguir e as miúdas e a mulher bem precisam de umas coisas novas para vestir. Do bom, claro! porque dinheiro há que chegue.

É quase meio-dia. Celestino aproxima-se do passeio e da montra, dentro da qual está um homem de auscultadores nos ouvidos e de marcador vermelho na mão direita. Mas o Costa não está só. Ele é um entre muitos que se juntaram no Rossio de Lisboa.

Primeiro prémio: o funcionário da Casa da Sorte começa a escrever os algarismos da grande lotaria.

O Celestino olha incrédulo: «Não é possível!» murmura docemente. Começa aos poucos a esmagar as cautelas que guarda no bolso das calças coçadas, até os dedos lhe doerem. Um nó de raiva sobe-lhe à garganta e até as meninges sente a dilatarem-se. Os olhos pretos do Costa rasam-se de lágrimas.

Eis o homem de regresso a casa desabitado das suas obsessões e dos seus sonhos fantásticos. Os castelos ficaram por construir e os mares por conquistar — a pobreza continua, a tristeza voltou.

CONCENTRAÇÃO
MANIF.VIGÍLIA DOS TRABALHADORES
SEM SALÁRIOS23 DEZ.º - 21H00 - ROSSIO
com manif. para S. BentoNÓS, TRABALHADORES SOLIDÁRIOS HOMENS CONSCIENTES,
VAMOS TODOS A

CONCENTRAÇÃO/MANIF.

Pelo pagamento dos salários
Contra o desemprego
Contra o aumento do custo de vida
Contra o roubo do 13.º mês

USL/CGTP-IN * CIL

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA HOTELARIA,
TURISMO, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

ABRANGENDO: Lisboa, Santarém, Setúbal, Portalegre, Évora e Beja

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do n.º 1 do Art.º 34.º e dando cumprimento ao estabelecido nos Artigos 31.º alínea c) e 32.º dos Estatutos deste Sindicato, convoco para o dia 30 de Dezembro de 1983, pelas 15.30 horas, na Sede do Sindicato no Pátio do Salema, n.º 4 em Lisboa, a ASSEMBLEIA GERAL, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

- 1.º — APRECIAR E DELIBERAR SOBRE O ORÇAMENTO GERAL PROPOSTO PELA DIRECÇÃO PARA O ANO DE 1984;
- 2.º — INFORMAÇÕES.

Lisboa, 14 de Dezembro de 1983

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Américo Nunes

ensino

Fenprof voltou ao ME para reunião com secretários de Estado

Uma delegação da Federação Nacional dos Professores foi recebida na quarta-feira pelos secretários de Estado — adjunto do ministro da Educação e dos Ensinos Básico e Secundário, além de técnicos superiores do ME.

Dos muitos assuntos que a Fenprof pretendia debater, o tempo permitiu que apenas fossem tratadas a profissionalização em exercício e a definição das habilitações para a docência, duas questões que o ME pretende rever mas na resolução das quais aquela estrutura sindical pretende também colaborar.

A Fenprof manifestou as suas reservas em relação ao projecto do Ministério da Educação sobre profissionalização, tendo os representantes do Ministério afirmado que não há intenção de eliminar o modelo actualmente em vigor.

No princípio do próximo ano será entregue à Fenprof um projecto sobre a mesma matéria, mais explícito, já que o primeiro é susceptível de provocar equívocos.

Na opinião dos secretários de Estado, o actual modelo devia ser reduzido a um ano uma vez que esgotou as suas potencialidades.

A Fenprof não aceitou esta justificação e como há muito os sindicatos seus filiados vêm afirmando, salientou que a ineficácia do actual modelo se deve ao facto de o Ministério da Educação não ter criado as estruturas necessárias à sua correcta aplicação.

A delegação da Fenprof não concordou com a intenção de interromper a aplicação do actual modelo de profissionalização em exercício por um ano sem ter a garantia de que o modelo na forja o poderá substituir eficazmente.

A discussão deste problema prosseguirá no ME no princípio do segundo período escolar.

Quanto às habilitações para a docência — que o Ministério pretende também reformular e sobre o que já elaborou um projecto, a Fenprof criticou-o, o que aliás fizera já por escrito junto dos órgãos de comunicação social.

O projecto elaborado pelo Ministério da Educação criaria, segundo os sindicatos integrantes da Fenprof, situações salariais discriminatórias entre professores com a mesma licenciatura e a leccionar as mesmas disciplinas na mesma escola. A secretaria de Estado dos Ensinos Básico e Secundário não concordou com essa leitura do documento, esclarecendo que presidiram à sua concepção diversos critérios, de acordo com os diversos grupos disciplinares. Sublinhou que, estando o projecto em discussão, estaria aberto a propostas de alteração.

A Fenprof comprometeu-se a analisar o documento e apresentar um parecer na próxima semana.

Trabalhos Manuais e 12.º Grupo

Outro problema debatido foi o do curso de complemento de formação para professores de Trabalhos Manuais e do décimo segundo grupo, tendo sido assumido pelo Ministério da Educação — de acordo com um comunicado da Fenprof sobre os resultados desta reunião — o compromisso de que a segunda fase, já muito atrasada, se iniciará em Janeiro e que o seu início será «precedido de negociação com os Sindicatos das alterações a introduzir no actual processo».

A actual situação do ME

O secretariado nacional da Federação Nacional dos Professores reuniu-se em Lisboa nos próximos dias 27 e 28.

A Fenprof chama a atenção para a importância desta reunião que decorrerá «no contexto de grande indefinição da situação do actual Ministério da Educação».

«A sua acção, como temos denunciado, tem-se pautado», prossegue a Fenprof, «pela incompetência, o autoritarismo, a demagogia que hoje leva a generalidade dos professores e, mesmo das forças sociais e políticas, a pugnar pela sua demissão dando razão a idêntica posição já anteriormente expressa pela Federação Nacional dos Professores».

O secretariado nacional da Fenprof irá discutir as acções a propor aos professores para a obtenção de uma melhoria das suas condições socioprofissionais «extremamente degradadas».

Negociação das captações e bolsas de alunos do E. Superior

Uma nota procedente do gabinete do ministro da Educação informa que têm decorrido reuniões entre o titular do ME e a comissão coordenadora nacional das associações de estudantes com vista à satisfação das reivindicações estudantis do ensino superior.

A revisão das captações e do montante das bolsas de estudo e a reformulação do Decreto-Lei 132/80 são as reivindicações da maioria das associações de estudantes do ES. para aceitar os novos preços das cantinas.

A proposta de reformulação do DL, resultantes de reuniões entre o ministro e os representantes dos estudantes, foi enviada ao Conselho de Acção Social do Ensino Superior para este dar o seu parecer; quanto ao montante das captações e bolsas, foi marcada uma reunião para o próximo dia 5, em que a comissão coordenadora das AE's apresentará a sua proposta.

A proposta do Conselho de Acção Social do Ensino Superior foi apresentada pelo ministro em reunião realizada no dia 20 passado. No próximo dia 5 serão confrontadas as duas propostas, a do ME e a que a coordenadora das AE's apresentará, segundo o comunicado do gabinete do ministro.

comunicação social

Tito de Moraes na posse do CI

“Uma das principais bases do actual sistema político”

O presidente da Assembleia da República, Tito de Moraes, considerou que as atribuições do Conselho de Imprensa constituem «uma das principais bases do actual sistema político».

Falando na posse dos novos membros do Conselho, Tito de Moraes frisou que aquele órgão tem por missão salvaguardar a liberdade de expressão do pensamento da Imprensa.

«É uma das bases, talvez a principal, do nosso sistema político que resulta da Revolução de 25 de Abril» — acentuou.

Tomaram posse a presidente

do CI, o juiz-desembargador Mendonça Torres, designado pelo Conselho Superior de Magistratura, e os jornalistas indicados pelo respectivo Sindicato, Marques Pinto, Rui Osório, Adelino Cardoso, Edite Soeiro, Fernando Cascais, que é o vice-presidente do CI, e Oscar Mascarenhas.

Seruca Salgado, Silva Marques, Alves Fernandes e Vítor Dias foram também empossados na qualidade de «cidadãos de reconhecido mérito» eleitos pela Assembleia da República.

O CI é composto por 19 ele-

mentos, dos quais oito ainda não expiraram o prazo do seu mandato, e tem por missão velar pela liberdade de Imprensa e sua independência face ao poder político e económico.

O CI funciona desde 1975, tendo o mandato dos seus membros a duração de dois anos.

Dos membros que tomaram posse agora, o presidente exerce as funções pela segunda vez, bem como os jornalistas Fernando Cascais, Edite Soeiro e Marques Pinto.

CGTP condena anteprojecto da Lei de Imprensa

A CGTP/IN denunciou a existência de «enormes limitações à liberdade de Imprensa e ao exercício da actividade jornalística» no anteprojecto de Lei de Imprensa, apresentado pelo Governo.

O anteprojecto em questão, no entender da Central Sindical, «agrava a situação de controlo partidário e governamental dos órgãos de informação estatizada, diminui os poderes dos Conselhos de Redacção e exagera ao pressupor uma criminalidade patente em todas as publicações de Imprensa».

«A acção repressiva do Governo sobre a Imprensa» sofre,

afirma a CGTP, uma acentuação por se «estabelecer uma celeridade no julgamento de crimes de Imprensa que é contraditório com a negligência com que se encara o direito essencial de informar e ser informado, designadamente limitando como nunca o acesso às fontes de informação».

Entre outros aspectos do anteprojecto que merecem a condenação da Central Sindical, contam-se «a equiparação, para efeitos de aplicação das sanções legais, de livros e jornais aos materiais impressos de propaganda (como cartazes, folhetos, etc) e a violação do direito absoluto ao sigilo profissional».

São ainda condenados «o aumento do número de palavras e entidades que podem emitir notas oficiais a publicar obrigatoriamente, a retirada do poder de aprovação do Código Deontológico dos Jornalistas e a violação dos direitos fundamentais dos jornalistas nos processos judiciais».

Como alternativa, a CGTP aponta «a manutenção, no fundamental, da actual Lei de Imprensa, com as adaptações decorrentes da revisão da constituição e da necessidade de aperfeiçoar as garantias sobre a liberdade de Imprensa e direito à informação».

Correspondente da TVE deixa Lisboa

O correspondente da Televisão espanhola em Lisboa, durante os últimos seis anos, Diogo Carcedo, vai ser nomeado delegado da TVE nos Estados Unidos.

A nomeação de Diogo Carcedo verifica-se dentro de uma reestruturação dos Serviços Informativos da Televisão espanhola.

As mesmas fontes da Direcção-Geral da Televisão espanhola disseram à ANOP que ainda não está decidido quem será o substituto de Diogo Carcedo em Lisboa.

Diogo Carcedo, de 42 anos, licenciado em História e Ciências da Informação, exerce o jornalismo há mais de vinte anos e é jornalista da Televisão há dez anos.

Repressão no Uruguai

O Governo militar uruguaio requisitou um dos últimos exemplares do semanário «Busqueda» depois de obrigar os seus responsáveis a concluir a impressão da tiragem.

De acordo com a censura prévia no passado sábado, os semanários devem imprimir todos os exemplares na presença das autoridades policiais.

Enquanto alguns exemplares passam pela censura, os restantes ficam em custódia na respectiva tipografia.

Também na segunda-feira passada, data da entrada em vigor deste novo sistema, o semanário «Crónicas Económicas» foi controlado e, posteriormente, foi autorizada a sua divulgação.

Estão dispostos a continuar mesmo que os prendam

Governo francês confirmou fecho de rádio dos emigrantes

O governo francês deu ontem por terminados os contactos com os responsáveis do Rádio Clube Português de Villejuif (Paris), recusando-se a rever a ordem de encerramento da única estação emissora dos emigrantes portugueses da região parisiense.

«Mau grado a afirmação feita pelo ministro da cultura português ao «Diário de Lisboa» de que estava convencido que a voz do RCP não seria calada, ela acaba de ser silenciada definitivamente», disse-nos ontem um dos animadores da quebra rádio livre da comunidade portuguesa, logo após o malogro da última tentativa feita para obter a legalização do RCP.

Segundo Carlos Duarte, que nos falava dos estúdios de Villejuif com mágoa e ainda sob o efeito da surpresa, os representantes da Alta-Autoridade do Audio Visual comunicaram ao RCP numa reunião ontem efectuada que a única possibilidade de as suas emissões serem retomadas residia na desistência de alguma das rádios livres já autorizadas a trabalhar.

Os homens do Ministério da Comunicação frisaram que mesmo nesse caso haveria que estudar as prioridades da concessão dessa frequência, entre os numerosos pedidos de legalização já apresentados por diferentes candidatos à criação de rádios livres.

Dado que o processo de atribuição das frequências disponíveis foi considerado concluído pelo governo francês (apesar do RCP argumentar com fundamentação técnica que há frequências ainda não utilizadas), torna-se extremamente difícil que qualquer das 75 rádios livres autorizadas em Paris e num raio de 60 km desista dos seus direitos, ou

conceda espaços de programação minimamente aceitáveis aos emigrantes portugueses.

A hipótese que tinha sido referida ao «DL» por Coimbra Martins (ministro da Cultura) de agrupamento entre o RCP e outros candidatos à antena foi portanto afastada pelas autoridades francesas sob o pretexto de que já não há frequências disponíveis.

A última rádio legalizada, já esta semana, foi a da comunidade dos originários da ilha de Martinica, que recentemente se haviam barricado no interior dos estúdios, de onde acabaram por ser desalojados pela Polícia. Há poucas semanas foi igualmente autorizado um emissor anarquista e um outro de trabalhadores aménios e árabes.

Encerramento deve-se a pressões de Lisboa?

Face à intransigência francesa os responsáveis do Rádio Clube Português consideram que a única explicação plausível para tal atitude reside em pressões provenientes de Lisboa. De onde, exactamente, não sabem, mas o que é facto é que havia sectores, franceses e portugueses — sobretudo portugueses de Portugal — a quem não agradava a espantosa influência que um emissor autónomo da emigração estava a conseguir junto de centenas de milhares de portugueses da região.

«Havia quem achasse que a rádio nos estava a abrir os olhos de mais», disse ao «DL» um ouvinte do RCP.

«A partir de agora cada qual tem que saber tomar as suas responsabilidades», afirmou-nos o dirigente do RCP, Carlos Duarte. «Se até aqui escolhemos o diálogo, agora estão-

nos a forçar a optar por outras vias», acrescentou.

Contando como apoio de praticamente todos os órgãos representativos da emigração portuguesa em França e com a solidariedade de uma grande massa de ouvintes, o RCP encara agora novas formas para prosseguir a sua luta pelo direito à livre expressão e à continuação da sua actividade em prol da preservação da identidade cultural dos portugueses de França.

Nem que sejamos presos

«Se for preciso ir para a ilegalidade e suportar todas as consequências dessa atitude também o faremos», garantiram Carlos Duarte. «Estamos determinados a prosseguir e dissemos mesmo aos representantes da Alta-Autoridade que estamos dispostos a emitir sem autorização e a ser presos», concluiu.

Curiosamente os altos funcionários que os ouviam ficaram surpreendidos: «não, isso não pode ser, os portugueses são tão gentis que não acreditamos nisso». «Gentis» é o adjectivo consagrado para qualificar os emigrantes portugueses, disse-nos a nossa fonte. «Só que para eles, «gentil» é sinónimo de «parvo», comen-

tou. Tudo indica portanto que os portugueses começam a ficar fartos de ser «gentis», mesmo com os socialistas no poder...

Coimbra Martins continua com «esperança»

Entretanto, e já depois da Alta Autoridade ter dado o assunto por encerrado numa reunião cuja duração limitou a meia hora, o ministro Coimbra Martins, que tem acompanhado a evolução do caso com particular atenção, declarou ao «DL»:

«Eu creio que há um mal entendido e estou pela minha parte convencido, se eles encontrarem um parceiro autorizado, e se voltarem ao diálogo com as autoridades referindo justamente que esse parceiro autorizado aceita acolhê-los, tenho esperança que, nesse caso, as autoridades francesas veriam sem nenhuma espécie de desgosto ressurgir a emissão».

Este parceiro é fácil de encontrar porque entre os autorizados há emissoras que, na verdade, não dispõem de programa para preencher o tempo de emissão que lhes é actualmente e legalmente facultado. Eles que encontrem o parceiro e que voltem ao diálogo com as autoridades.



O que foi notícia em 1983

A OPEP na tempestade

Denis Brulet (France-Press)

A organização dos países exportadores de petróleo OPEP foi apanhada, em 1983, por uma tempestade que nunca sofrera desde a sua criação, há 23 anos, e vai procurar recuperar o seu fôlego em 1984. Os 13 países da OPEP, que detêm 66 por cento das reservas mundiais de petróleo e 30 por cento das reservas de gás, foram mesmo obrigados a abandonar a outros, transitoriamente segundo esperam, a fixação dos preços do petróleo.

A 15 de Março em Londres, no termo da mais longa reunião da sua história, decidiram baixar os seus preços oficiais em 15 por cento, de 34 para 29 dólares por barril de 159 litros. Também instauraram um plano colectivo de «programação da produção», uma ideia cara aos fundadores da OPEP, mas que nenhum membro julgou realmente útil aplicar durante o período da abundância.

Os outros actores do mercado do petróleo, países consumidores e companhias de petróleo internacionais, observaram com uma indiferença altiva os sobressaltos internos do seu velho inimigo, esse «cartel de emires do petróleo» tão criticado durante os anos 70.

Mas a economia internacional está demasiadamente ligada ao futuro do ouro negro para que essa indiferença possa durar muito mais tempo. Preocupados com as consequências financeiras duma queda demasiado brusca

dos preços, os responsáveis políticos ocidentais já deram o sinal de alarme.

Com efeito, sem uma manutenção dos preços do petróleo a níveis «razoáveis», o enorme esforço financeiro feito pelo Ocidente desde há dez anos para se garantir uma certa independência energética será aniquilada.

O aumento vertiginoso dos preços da rama (de 2,9 dólares por barril para 29 dólares em dez anos) permitiu, por exemplo, o desenvolvimento dos jazigos do Mar do Norte e das energias de substituição, como a nuclear.

Países da OPEP com orçamentos deficitários

Do lado da OPEP, a diminuição da produção (a OPEP só produziu uma média de 17,3 milhões de barris por dia em 1983 contra 31,2 milhões em 1977) equivale, para a economia dos 13 países do cartel, a um «terceiro choque do pe-

tróleo». Mas desta vez, acrescentam os responsáveis argelinos, as economias ocidentais não pagaram a conta como aconteceu em 1973-74 depois da guerra do Kipur, ou em 1979 durante a revolução iraniana e «ninguém fala nisso».

Os rendimentos do petróleo desses países diminuíram em 40 por cento durante os últimos três anos. Em 1980 atingiram os 275 mil milhões de dólares. Em 1983, segundo as primeiras avaliações, apenas atingirão os 154,5 mil milhões de dólares.

Para se adaptar a estas novas condições económicas, a OPEP começou por acumular os défices financeiros. Pela primeira vez, todos os seus membros, inclusive os abastados reinos e emirados do Golfo, têm orçamentos deficitários em 1983-84.

Mas, apesar de vacilante, a OPEP não está ainda disposta a abandonar a luta. «É uma crise e então? Já estamos habituados», declara o porta-voz da organização, Gonzalo Plaza. E os ministros, apesar das suas oposições ideológicas, políticas e militares, tomam o tempo necessário para encontrarem o mais pequeno denominador comum susceptível de manter viva a organização.

Até estão dispostos a contratar, «1984, declarou o ministro argelino Belkagem Nabi, será

fértil em acontecimentos. Vamos ter de nos encontrar mais vezes». No entanto, entre as reuniões ministeriais de Genebra (Janeiro de 83), Londres (Março), Helsínquia (Julho) e Genebra (Dezembro), os 13 não conseguiram restabelecer definitivamente o equilíbrio entre os seus níveis de preços e de produção.

Congelamento dos preços do petróleo

Para a Arábia Saudita e os países do Golfo, a única solução para efectuar esse restabelecimento é congelar os preços pelo menos por mais dois anos. Os países com maiores populações, que precisam urgentemente de liquidez, tendem, pelo contrário, para um aumento regular dos preços, mesmo que isso implique limitar novamente a produção para sustentar as novas tarifas.

Uma referência explícita à diminuição eventual do máximo de produção actual (17,5 MBD), que estava no texto do comunicado da OPEP no termo da última reunião de Genebra, foi no entanto suprimida no último momento.

O reino saudita deseja poder aumentar a sua produção — entre 4,5 e 5 MBD — se os preços tenderem a aumentar, e recusará terminantemente assumir qual-



Pela primeira vez, todos os membros da OPEP têm orçamentos deficitários em 1983-84. Para a Arábia Saudita, cuja delegação a uma das reuniões da organização se vê na foto, a solução passa pelo congelamento dos preços do petróleo

quer compromisso nesse domínio.

No entanto, o factor determinante poderá ser externo à OPEP, como testemunham os apelos da organização à Grã-Bretanha, à Noruega, ao México e à URSS, para que cooperem no restabelecimento do mercado.

Guerra Irão-Iraque-

Outro elemento susceptível de tudo modificar é de natureza militar e não depende da OPEP, apesar de dois dos seus membros serem os protagonistas desse elemento. A guerra entre o Irão e o Iraque, que já dura há 39 meses,

faz pairar perigos suficientes sobre a rota do petróleo no Golfo para fazer ruir todas as previsões de um dia para o outro. O efeito imediato duma intensificação do conflito seria um aumento dos preços mundiais.

No entanto, o Golfo já não tem a importância de que gozava na produção mundial (15 por cento em 1983, contra 30 por cento em 1980) e as reservas acumuladas no Ocidente permitiriam aos grandes consumidores enfrentarem uma crise grave nessa região sem problemas de abastecimento.

Euromísseis: O «Inverno rigoroso» das relações Leste-Oeste

As relações Leste-Oeste estão a atravessar um «Inverno rigoroso». Na altura em que o governo de Bonn acaba de confirmar que os primeiros mísseis americanos «Pershing-2» estacionados na RFA estarão operacionais antes do fim deste ano, as negociações entre os dois blocos sobre o controlo dos armamentos, quer nucleares quer convencionais, chegaram ao grau zero. As potenciais consequências deste endurecimento e a perspectiva de uma escalada na confrontação Leste-Oeste suscitam profundas inquietações na Europa, tanto a Ocidente como a Leste.

O medo de um ano terrível para 1984 anima — designadamente na RFA — um crescente número de pacifistas e de partidos políticos que se opõem à implantação, já iniciada, dos mísseis americanos destinados a contrabalançar os «SS-20» apontados à Europa Ocidental.

A suspensão, por tempo indeterminado, de todas as negociações sobre o controlo dos armamentos constituiu a resposta soviética à instalação, na Grã-Bretanha, na RFA e em Itália, desde Novembro último, dos primeiros mísseis de Cruzeiro e «Pershing-2» americanos.

Em menos de um mês, Moscovo interrompeu as negociações sobre os euromísseis (INF), adiou «sine die» as discussões sobre as armas estratégicas (START), em Genebra, e suspendeu, em Viena, a negociação sobre a redução mútua das forças convencionais (MBFR).

1983 termina assim com um inquietante vazio diplomático, que suscita duas interrogações, onde e quando será renovado o diálogo Leste-Oeste e quais serão as consequências duradouras da crise dos euromísseis para a Aliança Atlântica?

À espera de Estocolmo

O conselho ministerial da NATO fez no passado dia 9 um apelo ao Kremlin, em Bruxelas, com vista ao desbloqueamento

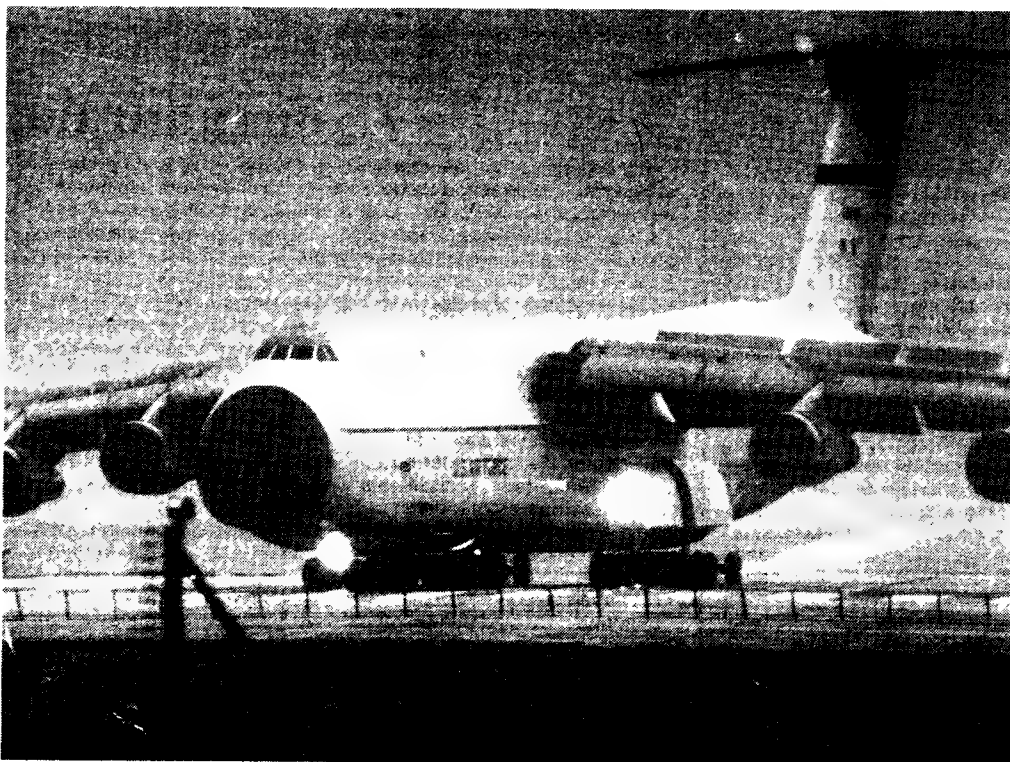
do actual impasse. Tal desbloqueamento poderá começar a materializar-se em Estocolmo, onde deve decorrer, a partir de 17 de Janeiro, a Conferência sobre o Desarmamento na Europa (CDE).

Nos meios da Aliança há a convicção de que a URSS retomará as negociações interrompidas em Genebra e em Viena, sob uma forma ou outra. Nesses meios precisa-se mesmo que a instalação dos primeiros euromísseis americanos deverá levar o Kremlin a adoptar uma posição «realista» face à determinação da NATO em pôr cobro ao monopólio euroestratégico de que a União Soviética beneficia.

Os países da Aliança Atlântica desejam que se esboce um «descongelamento» em Estocolmo. Os Estados membros do Pacto de Varsóvia não dizem sim nem não, por agora, ao mesmo tempo que sublinham o seu desejo de relançar o diálogo. Segundo alguns peritos ocidentais há, particularmente, dois elementos que tornam difícil qualquer previsão sobre a atitude do Kremlin: a situação política interna, com a incerteza que persiste relativamente à situação do «número um» soviético, Yuri Andropov, e ausência de indicação sobre o processo de relançamento das negociações que Moscovo poderá vir a encerrar.

O «dilema soviético»

Os mesmos especialistas



A 25 de Novembro, o «Galaxy» (na foto) depositava na Alemanha Federal as primeiras peças dos mísseis americanos Pershing-2. Dias antes, tinham chegado à Grã-Bretanha os primeiros elementos dos mísseis de Cruzeiro

pensam que, em Estocolmo, a URSS poderá encontrar-se perante um dilema. Ou aceitará relançar o diálogo de maneira significativa, enfraquecendo então, consideravelmente, o sentido e o alcance das suas «manobras de diversão» de Genebra, ou manterá uma posição intransigente, que não estaria de acordo com a afirmação da sua vontade de negociação. Um novo «niet» soviético também seria mal interpretado pelos movimentos europeus que militam contra qualquer aumento do potencial mili-

tar nuclear na Europa.

A União Soviética também deverá ter em conta a opinião dos seus aliados do Pacto de Varsóvia, pensam os observadores. Estes últimos aprovaram formalmente as «medidas de retorsão» que o Kremlin poderá decidir tomar, face à instalação dos euromísseis, mas é com inquietação que prevêem uma eventual implantação de «SS-20» nos seus territórios, que se tornariam assim alvos potenciais da NATO.

Por seu turno, as consequências da actual confrontação nos

países da Aliança Atlântica traduziram-se por fenómenos que têm, a médio prazo, um interesse não negligenciável para a URSS. Por um lado, a crise suscitou a escalada do movimento pacifista na Europa o qual ao mesmo tempo que reclama um desarmamento geral — tem como objectivo prioritário o desmantelamento dos euromísseis americanos.

As gigantescas manifestações que reuniram, nos últimos meses, centenas de milhares de

pessoas na RFA, Bélgica, Holanda, Itália e Grã-Bretanha põem em causa a vitória táctica dos governos desses países, que fizeram aprovar a implantação dos euromísseis americanos pelas suas maiorias parlamentares.

NATO optimista

Por outro lado, essa crise, aberta com a decisão da NATO (de Dezembro de 1979) de implantar mísseis de Cruzeiro e Pershing-2 antes do fim deste ano se não se alcançasse acordo em Genebra, fez voar em estilhaços o consenso que existia na RFA a respeito da defesa, com a «reviravolta» dos social-democratas e a chegada dos «Verdes» (ecologistas, pacifistas) ao Bundestag.

Tal crise também levou o Partido Trabalhista britânico a incluir no seu programa político o desarmamento unilateral e irreversível da Grã-Bretanha.

Contudo, segundo se pensa nos meios da NATO, esta evolução não é de natureza a pôr em causa a determinação ocidental, reafirmada pela reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Aliança Atlântica que teve lugar no passado dia 9 em Bruxelas.

A NATO está convencida que a URSS vai proceder a um re-exame geral das relações Leste-Oeste e que Estocolmo constituirá, a este respeito, um teste importante.

É por isso que todos os ministros dos Negócios Estrangeiros da Aliança Atlântica assistirão à abertura da «CDE» dispostos a reatar o fio da negociação sem cederem ao que diz respeito ao imperativo do equilíbrio de forças na Europa.

24 horas

Guerra nuclear é eutanásia

Os habitantes de uma localidade situada próximo de Bristol (ocidente da Inglaterra) votaram a favor da eutanásia, no caso de se registar uma guerra nuclear, seguindo assim o conselho do seu médico, dr. Richard Lawson. O dr. Lawson declarou, efectivamente, que é favorável à eutanásia nessas circunstâncias excepcionais, depois de ter ouvido os seus pacientes afirmar que preferiam matar os filhos a deixá-los sofrer as consequências das radiações nucleares. Aquele médico propôs então que, no caso de um ataque nuclear, fossem distribuídas doses mortais de morfina. Anunciou agora que vai estudar «os aspectos jurídicos do projecto», o qual, segundo a Associação dos Médicos britânicos, poderá colocar um espinhoso problema ético.

Frio mata nos EUA

A onda de frio glacial que afecta desde há uma semana, os Estados Unidos já provocou até agora 75 mortos, segundo números fornecidos pelas autoridades norte-americanas. A maioria das vítimas deve-se a acidentes nas estradas e a incêndios provocados pelo sobreaquecimento dos motores de caloríferos. As temperaturas, em certos Estados, sobretudo da zona ocidental, não sobem há

dois dias dos 20 graus centígrados negativos, causando enormes problemas de comunicação e de fornecimento de víveres em algumas cidades. Os Estados mais afectados são Montana, Colorado, Wyoming, Minnesota, Wisconsin, Iowa, Kansas, Novo México, Oklahoma, Texas, Louisiana e Nebraska, sobretudo este último, que registou as temperaturas mais baixas deste século.

As avarias da «Colúmbia»

Minúsculos detritos metálicos provenientes de soldaduras defeituosas estiveram na origem das avarias registadas em dois dos cinco computadores da nave espacial «Colúmbia», durante a sua última missão, anunciou um porta-voz da NASA. O exame efectuado pelo construtor desses computadores, a empresa IBM, «confirmou que perigosíssimos fragmentos de metal, quase microscópicos», provocaram um curto circuito no interior dessas máquinas», acrescentou.

Explosão na presidência da Guatemala

Guatemala, 23 Dez (ANOP) — Uma bomba destruiu na quinta-feira as instalações de uma das dependências da secretaria das relações públicas da presidência da República Guatemalteca sem ter causado vítimas — informou a polícia.

Três homens armados irromperam nas instalações onde

funciona o equipamento de vídeo que o governo utiliza para as transmissões e após desalojar o pessoal fizeram explodir o engenho.

A explosão destruiu por completo o equipamento e os prejuízos elevam-se a cerca de meio milhão de dólares.

Segurança nos aeroportos de Paris

Novas medidas de segurança foram tomadas nos aeroportos parisienses para evitar os atentados por via aérea, com a instalação de marcos de betão em Roissy-Charles de Gaulle e reforço das forças de segurança nesse aeroporto e no de Orly, soube-se ontem de fonte autorizada.

Evitado novo acidente em Barajas

Um «DC-9» da companhia espanhola «Ibéria», que se preparava para aterrar, no dia 16 deste mês, em Madrid-Barajas, foi forçado a ganhar de súbito altitude, por o seu piloto ter avistado um «Boeing» da companhia ameri-

cana TWA que ocupava nesse momento a pista, afirma hoje o jornal «El País». Este incidente deu-se nove dias, recorda-se, depois da colisão de um «DC-9» da companhia colombiana «Aviaco» com um «Boeing» da «Ibéria», que fez 92 mortos.

Destruídos navios iranianos

A marinha iraquiana destruiu ontem à noite dois navios iranianos na região de Khor Moussa, no nordeste do Golfo, anunciou esta manhã um porta-voz do comando militar iraquiano. Segundo este, os dois navios iranianos foram destruídos quando tentavam «prestar assistência» às tripulações dos dois barcos iranianos que tinham sido afundados na manhã do mesmo dia pela aviação e pela marinha iraquianas. A zona nordeste do Golfo foi decretada por Bagdad, em Agosto de 1982, «zona de exclusão marítima».

Pedida a detenção de Bignone

Um advogado de Buenos Aires pediu ontem à justiça que ordene a detenção do ex-presidente argentino Reynaldo Bignone, no quadro de um inquérito judicial relativo ao desaparecimento de dois militantes comunistas, em 1976, soube-se de fonte judicial na capital

argentina. O advogado dos dois militantes afirmou que o general Bignone, antecessor de Raul Alfonsín, não tinha comparecido em tribunal para responder, entre outras, a acusações de «dissimulação de provas», «entraves à justiça» e «falsos testemunhos».

Ele só queria dar duas espingardas

Um homem que pretendia oferecer duas espingardas ao presidente Reagan foi detido ontem pela Polícia à entrada da Casa Branca. Os agentes detiveram Malcolm Upchurch, de 34 anos, quando se apresentou às 3 da manhã, diante de uma das portas do edifício, levando duas armas descarregadas com a intenção — disse — de as oferecer ao presidente.

Em Maputo

Embaixador soviético nega ruptura das relações URSS-Moçambique

O embaixador soviético em Maputo, Yuri Sepeliov, declarou serem «excelentes as relações» entre o seu país e Moçambique.

«A União Soviética compreende a política traçada e seguida por Moçambique que, como país independente, tem todo o direito de expandir as suas relações em todas as direcções, para resolver os seus problemas», afirmou Sepeliov, que desmentiu o rumor ontem propagado em Lisboa de que os soviéticos destacados em Moçambique teriam recebido ordem para regressar a Moscovo.

«As relações soviético-moçambicanas intensificam-se em muitos domínios e ontem era aguardado em Maputo um barco com sete mil toneladas de arroz, oferta do povo soviético», disse Sepeliov, que recordou o facto de há um mês ter sido descarregada na Beira uma oferta de três mil toneladas de arroz.

Um navio soviético estava a descarregar petróleo no porto do Maputo e outro navio está prestes a chegar a Moçambique, com

idêntico objectivo — indicou o embaixador.

Em Março deste ano foram assinados entre Moçambique e a União Soviética acordos de cooperação no valor total de 300 milhões de dólares (cerca de 40.000 milhões de escudos) — sublinhou ainda aquele diplomata.

Por seu turno, fontes afectas ao Governo moçambicano não desejaram fazer qualquer comentário ao rumor de que os conselheiros militares e cooperantes soviéticos em serviço no país estariam a concentrar-se em Maputo, para se irem embora.

Aquelas fontes alegaram que o boato era «demasiado ridículo» para que merecesse um comentário.

Soviéticos raptados já libertados

Oito dos 24 técnicos soviéticos raptados em Agosto passado no norte de Moçambique foram libertados durante os últimos meses,

anunciou ontem a Embaixada soviética em Maputo.

Dois dos técnicos que tinham sido raptados pelo «Movimento Nacional de Resistência» (MNR — apoiado pela África do Sul) morreram no cativeiro e outros 14 continuam detidos pelo MNR, precisa a Embaixada.

Esta indicou que os oito soviéticos foram libertados nos últimos meses durante diferentes operações e que regressaram todos à URSS.

Relembramos que dois técnicos soviéticos foram mortos e 24 raptados durante o ataque perpetrado em 21 de Agosto por uma unidade do MNR contra uma mina de tantalio na província de Zambeze (centro de Moçambique). Durante esse ataque dois moçambicanos foram igualmente mortos e quatro outros raptados.

A declaração da Embaixada da URSS vem confirmar em parte o anúncio feito há várias semanas pelo MNR em Lisboa de que alguns reféns soviéticos seriam libertados.

Submarino nuclear soviético pôs em alerta os Estados Unidos

Um submarino nuclear soviético porta-mísseis, supostamente a caminho de Cuba, pôs em alerta quinta-feira os Serviços de Defesa dos Estados Unidos, ao passar muito perto da costa norte-americana.

A informação foi difundida pelas cadeias norte-americanas de televisão, com base em fontes dos Serviços de Segurança do país.

Em finais dos anos 60, a União Soviética renunciou a enviar a Cuba submarinos estratégicos, portadores de mísseis de grande alcance, mas unidades como o «Echo-II», com mísseis de curto alcance SS-N-12, de 450 quilómetros, continuam a fazer rota para Cuba.

Se o submarino que se encontra agora próximo do litoral Leste atracar em Cuba, o governo de Ronald Reagan poderia encontrar-se numa difícil situação política, consideram os analistas políticos.

A ABC disse que de momento a Marinha de Guerra norte-americana seguirá o submarino ao longo da sua viagem.

Especialistas em armamento disseram que os mísseis SS-N-12 estão vocacionados para ataques contra navios no mar, mas também poderiam ser utilizados contra objectivos em terra, embora neste caso a sua precisão não fosse tão boa.

RDA e Checoslováquia

A RDA e a Checoslováquia estão a acelerar os trabalhos preparatórios da instalação dos mísseis soviéticos, que constituem parte das medidas de retorsão anunciadas por Moscovo, devido à implantação dos mísseis norte-americanos — revelou o presidente da RDA, Erich Honecker, em entrevista à revista francesa «Revolution». Honecker disse ainda que os mísseis em causa têm um alcance superior aos 120 quilómetros que a imprensa ocidental divulgou. O dirigente da RDA considerou que a NATO devia rever a sua posição e renunciar à instalação dos novos mísseis.

Enquanto isto, um telex da AFP provindo de Berlim-Oeste afirma que o clima se alterou radicalmente na RDA, depois do começo dos preparativos da instalação de novos mísseis. Numa mensagem recebida em Berlim-Oeste, duas dirigentes do movimento

«Mulheres pela Paz» anunciam «inúmeras prisões recentes de pacifistas na RDA». A mensagem pede a solidariedade dos pacifistas da RFA.

Duas mulheres foram recentemente presas na RDA e essas prisões suscitaram uma vaga de protestos na RFA.

Papa oferece mediação

João Paulo II reiterou ontem plena disponibilidade para ofere-

cer a sua mediação e a sua colaboração com vista a extinguir os focos de tensão e de ódio no mundo.

O Soberano Pontífice dirigia-se a três dezenas de cardeais presentes em Roma por ocasião da tradicional audiência de apresentação dos votos de Natal. Na sua alocução, João Paulo II, evocou «as dramáticas vicissitudes do Líbano e de outras regiões do Médio Oriente, bem como da América Central».

«A guerra — declarou o Papa — ameaça a existência da sociedade, dilacerada por egoísmos perigosos e exposta a constantes desafios. As nações, apesar dos nobres esforços das organizações internacionais, parecem continuar mais profundamente divididas, assentando as suas relações em equilíbrios as mais das vezes frágeis e precários.»

Depois de apontar «a urgente necessidade de pacifismo», o Santo Padre afirmou: «A paz no interior das nações, a paz nas relações entre os povos: é este o objectivo que a Igreja tem em vista ao oferecer a sua colaboração a todos os homens de boa vontade, desde os chefes de governo ao homem da rua. Trata-se de um diálogo que eu não me canso de travar nos meus encontros com os chefes de Estado e com os responsáveis da política internacional, bem como por ocasião das minhas viagens. Trata-se da própria vida das nações. O futuro da humanidade está em jogo.»

O chefe da Igreja salientou a responsabilidade individual de cada um. Não só o mundo mas os próprios homens vêem-se abalados no seu foro íntimo por fortes tensões. Deste alanceamento, que se deve à sua fraqueza e aos seus pecados, resultam os tão numerosos e graves conflitos na sociedade, disse em substância o Soberano Pontífice.

João Paulo II aludiu designadamente aos problemas da família, ameaçada pelo «número crescente de divórcios, a chaga do aborto, o recurso cada vez mais frequente à esterilização, a mentalidade contraceptiva que se afirma». Evocou igualmente «a limitação das liberdades fundamentais em numerosos países, o terrorismo, os raptos, a tortura, os atentados».

A concluir, o Papa fez votos para que os homens saibam encontrar o caminho da conversão dos corações

Encom viol

O encontro de ontem entre o presidente Harri Mubarak e os servidores como uma vitória suscitou as mais diversas reacções enquanto os EUA se contentam, afirmando que ela é um futuro entendimento ao plano de paz para o Oriente. Reagan, Israel dirigiu um comunicado oficial pelo facto de Mubarak ter encontrado de Arafat com o secretário-geral da FPLP, G. Arafat, longe nas suas críticas demissão do chefe da OLP.

O líder da OLP, Yasser Arafat, partiu ontem do Cairo onde se encontrou durante duas horas com o presidente egípcio Hosni Mubarak. O Egipto foi o primeiro país árabe onde Arafat pôs o pé depois da sua evacuação da terça-feira passada, de Trípoli, norte do Líbano. Segundo os observadores, a entrevista entre Mubarak e Arafat constitui um sucesso evidente para a diplomacia egípcia.

Com efeito e depois de uma ausência de mais de seis anos, Arafat, reatou ontem contacto, ao mais alto nível com os dirigentes egípcios. Na sua última visita àquele país, datava de Novembro de 1977, tendo as relações entre o Egipto e a OLP sido congeladas depois da assinatura do tratado de paz israelo-egípcio em Março de 1979. No entanto, e com a chegada ao poder de Hosni Mubarak, em Outubro de 1981, as relações entre a OLP e o Cairo foram melhorando progressivamente.

No termo do encontro de ontem, Mubarak reafirmou o apoio do seu país a Arafat e sua qualidade de dirigente

EU

Continua a reinar a incerteza sobre a sorte do bispo de Bluefields, mons. Salvador Schläefli, dois dias depois de o governo nicaraguense ter anunciado o seu rapto, devido a informações contraditórias procedentes de Washington, de Manágua e de Honduras.

Ontem à noite, o embaixador dos Estados Unidos em Manágua, Anthony Quainton, anunciou que o departamento de Estado americano acabava de informar oficialmente o governo nicaraguense de que o bispo dirigia uma coluna de índios mistos que estavam a caminho de Honduras, confirmando portanto, implicitamente, que o pr

Arg

Revogada

O projecto do governo argentino de revogação da Lei de Amnistia decretada pelo regime militar relativa aos excessos cometidos durante a luta contra a guerrilha entre 1975 e 1979, ontem adoptado definitivamente. Com efeito, o senado con

Encontro de Arafat com Mubarak suscita reclamações críticas da OLP e de Israel

UA e anti-sandinistas desmentem morte do bispo de Bluefields

O editorial de quinta-feira recorda que, apesar dos duros ataques anteriormente dirigidos através do Pravda aos dirigentes moldados, pela «sua ineficácia na gestão do Governo», os responsáveis do Kremlin não firmam até agora qualquer alteração significativa na acção dos seus camaradas da Moldóvia.



Desta vez fui à China — 1

Países ricos e países pobres

A. Sebastião Gonçalves

DEPOIS de tanto ter sentido vontade de ir à China, agora fui lá; e a minha anterior dificuldade estava, fundamentalmente, no que eu havia colhido em visitas a outros pontos do mundo, onde bem me apercebia de que o contacto com a parte mais pobre do povo se tornava quase impossível por eu não falar a sua língua natural, única que sabem falar. E foi após a minha ida à Formosa, no ano passado, que eu maior vontade senti de ir à República Popular da China, (RPC), que eu agora mais sinto como a efectiva China, pois foi de lá que a Formosa se desagregou, para onde Chiang KaiShek fugiu em 1949, mantendo-se como presidente nominal da China e chefe do Kuomintang, situação expressamente atribuída, por uma enciclopédia internacional, ao apoio do governo americano que aliás, desde 1950 aplica a sua esquadra na defesa da **independência** da ilha, mantendo-a apartada da RPC, no campo político e sente-se que também no campo social, como tive agora a possibilidade de verificar, mesmo apenas percorrendo ruas em ambos os locais, sendo a população da Formosa tão grande como a de Portugal e a área de pouco mais de um terço.

Efectivamente é o contacto directo com a gente da rua que me interessa, pois é ela que, para mim, representa a força real de qualquer país; não é o artifício das **forças** governantes que esclarece a situação básica: o nível socioeconómico do seu povo.

Sinto, muitas vezes, que aquilo que digo — escrito ou falado — é tido como resultante de **desequilíbrio** meu, em confronto com o equilíbrio corrente. Digo, por exemplo, que quando estou lá fora sinto maior interesse em comer num restaurante popular do que num sofisticado, ou em entrar numa casa de gente comum do que visitar um palácio imperial; que quando estou em casa que não conheço tenho — sempre que posso — de ir à retrete, pois

aquele compartimento dá uma mais perfeita ideia do efectivo nível de vida da gente que na casa habita do que uma sala frequentemente artificial e orientada para as visitas; dizer isto é, usualmente, tido como um desvio no campo social corrente, pois a preferência comum é contactar com o que é bonito, com o que é aparatoso, com o que nos coloca em ponto elevado quando o descrevemos.

Quando me perguntam se certo país que visitei é pobre sinto, normalmente, dificuldade na resposta, pois a pobreza no campo social tem interpretações bem diferentes, mesmo quando encarada apenas sob o aspecto económico. Uma pessoa que percorra ruas de Bombaim — onde vê homens, mulheres e crianças, dormindo com a cabeça apoiada no chão ao lado de cães, nos passeios por onde abundantemente gente passa — conclui, facilmente, que se trata de um país pobre; mas eu sinto que fundamental é conhecer a orientação social do país que se visita: se ele é **rico** na orientação governativa e, consequentemente, se ele caminha para levar a sua gente a resolver os problemas de base, e não apenas no que é aparatoso, ou se ele é pobre nesse sentido e prefere o aparatoso de que só os ricos beneficiam.

Na capital do Nepal, por exemplo, sente-se como o social é recusado, para o que basta ir ao Palácio do Rei — enorme e de elevado requinte artístico e hoje rodeado de gente a pedir esmola e de velhos que nem esmola pedem, onde vi uma criança dos seus dez anos com outra de meses, ou talvez de um ano, ao colo e que me não largava, de mão estendida, ali em volta do palácio. Quando se está num país destes, em que a governação antiga escondia a pobreza mas não a evitava e até procurava tirar proveito dela; onde a ida de um estrangeiro ainda hoje se limita a mera visita a palácios sofisticados e não a conhecer a vida dos miseráveis; quando ainda hoje há integração nas **visitas** meramente turísticas,

em que a aspiração do próprio visitante recusa os bairros da lata; quando isto é ainda assim, em que os próprios governantes procuram impedir o contacto dos estrangeiros com a gente pobre dos bairros pobres — vemos que a abundância da pobreza é tão grande que nem é possível evitar que o turista a veja.

No meu último dia na capital do Nepal — isto em 1982 — fui dar uma volta num autocarro da cidade e, casualmente, fiquei sentado ao lado de um homem que, conversando, me disse ser «filósofo budista»; foi para mim ótima a conversa que com ele tive. Levou-me a ver um monumento da sua religião de há três mil anos, segundo me afirmou, aconselhando-me a visitar outros templos, museus e palácios e, assim, evitar o contacto com a «miséria actual», segundo sua expressão — ele que seguia a primeira grande religião universal, fundada pelo filho de um grande proprietário rural, segundo nos apontam livros de base. Depois de deixar aquele filósofo budista, fui pelas ruas da capital, impressionando-me as casas onde hoje moram pobres, prédios que têm ainda vestígios dos velhos tempos, como vi bem evidentes em leões moldados de pedra. E agora, conversando na China com um homem do Nepal — que estava num hotel perto do meu — tendo-lhe eu dito ter visitado Katmandu, perguntou-me qual a minha opinião; eu, talvez por impropriedade **adequada**, disse-lhe só ter visto a capital e que olhando para a sua gente e, por vezes até falando com ela, sentira a impropriedade para um efectivo progresso socioeconómico do conjunto, pois todo o sistema me pareceu não ter em conta essa preocupação.

Se Nepal é um país rico, isso não se reflecte na gente que vi pelas ruas, procurando colher moedas daqueles turistas que lá iam para ver os palácios e o Monte Everest à distância — a mais alta montanha do mundo — e não para andarem pelas ruas procurando sentir o anseio da população. E

acontecem-me casos que parecem propósitos: quando eu ia a pé até ao ponto em que tomava o autocarro para o aeroporto, partiu-se-me a asa da mala, mesmo junto de um homem que trabalhava na rua; pregou a asa em 10 minutos e eu tive tempo para ver a **orgânica** da sua pobre oficina, não longe do rico palácio imperial...

Eu — visitando os velhos templos e palácios, ao mesmo tempo que via a gente efectivamente pobre — não podia deixar de pensar como a base religiosa desses tempos se adaptava ao predomínio social de então, como vejo adaptar-se hoje às modificações sociais a que o evoluir vai obrigando, levando a novas estruturas políticas, mas em que, por vezes, a base não difere muito.

A pobreza moral de tempos aparatosamente ricos pode o turista sentir na visita a um palácio em que a **sala** da imperatriz não fica longe da sala das concubinas — como se vê no Palácio Imperial, em Pequim, de há quase 600 anos — o que não pode deixar de reflectir pontos básicos do conjunto social; mas o turista é capaz de sentir que aqueles sim é que eram tempos ricos...

Seguindo a rota turística, eu também quis ver palácios na China, até para fazer confrontos a nível social e, numa das vezes, levarei-me ao Templo das Nuvens Verdes, indo almoçar a um hotel da Colina Perfumada; mas eu gostei mais da Colina pois, na verdade, não me interessam visitas a templos e a palácios, pelo efectivo artificialismo que neles eu sinto, em face das realidades, mesmo daqueles tempos.

Isto de pobreza e de riqueza é, de facto, normalmente complexo. Se me perguntarem se o Brasil é um país rico, eu posso sentir-me em dificuldade na resposta, lembrando-me das palhotas de Salvador da Baía, dos velhos e das crianças que lá vi, em confronto com as belezas actuais da Brasília, muito mais longe da realidade do que as palhotas. É sintomático ver-se grandes reclames coloridos — quanto a cigarros e a bebidas — instalados sobre barracas onde o comer escasseia — como vi também na Índia — o que não pode deixar de denotar um sintoma de desacerção social.

Dai a dificuldade na definição de país rico. Se um desconhecido do nosso país passeia pelas ruas **turísticas** de Lisboa, ao voltar à sua terra dirá, naturalmente, que Portugal é um país rico, pois os milhares de automóveis levam-no, facilmente, a uma conclusão de riqueza, sem ligar a posição do país importador à do mercado mundial, com elevado débito aos fornecedores; as gentes bem trajadas — como os bares, os restaurantes, os cafés repletos de clientela — não podem deixar de levar à interpretação a favor de um ambiente de riqueza. Se esse desconhecido do nosso ambiente socioeconómico ouvir-se e compreendesse a nossa televisão dizendo que «investir é uma arte», certamente mais concluiria pela **nossa** riqueza, sem se aperceber do mero artificialismo.

Andando por paragens da Ásia oriental e tendo a preocupação de não confundir a riqueza de um país com o nível de vida da sua população; andando pelas ruas vendo palhotas e visitando palácios, eu fiquei agora com grande pena de não ter ido à Coreia do Norte para compreender a realidade destes belos livros e revistas que lá publicam, com efectiva riqueza gráfica e sobre problemas de fundo, mas que eu sinto serem motivo de perturbação, mormente pela corrente atribuição da classificação de «grande leader» ao seu maior dirigente político, insistindo assim na superioridade pessoal, como era comum nos tempos recuados, nessa zona de importantes minas de ouro, carvão e de grande riqueza hidroeléctrica. Eu tinha interesse em sentir a integração do seu povo nessas riquezas, mercê de uma estrutura social orientada para isso.

Os motoristas “atómicos” dos EUA

Um grupo de cerca de cento e sessenta pessoas, escolhidas a dedo e cuidadosamente treinadas pelo Departamento (Ministério) americano da Energia, assegura o transporte rodoviário da quase totalidade do armamento atómico em todo o território dos Estados Unidos.

Estes especialistas da estrada percorrem anualmente doze milhões de quilómetros, mais coisa menos coisa, para levarem os seus perigosos carregamentos a 125 pontos espalhados por 48 Estados americanos.

É o Departamento da Energia que concebe, efectua as experiências e entrega todos os equipamentos nucleares postos à disposição das Forças Armadas americanas.

O local de origem é o centro de montagem de Amarillo (Texas) e o destino é muitas vezes o Polígono nacional de tiros nucleares do Deserto de Nevada, a cem quilómetros a Noroeste de Las Vegas.

Uns trinta semi-reboques — verdadeiros cofres fortes sobre rodas — constituem o parque de veículos desta companhia de transporte um pouco especial, cujo custo de exploração se elevou em 1982 a 27,3 milhões de dólares (cerca de 382 mil contos ao câmbio actual).

Três homens ocupam a cabina de cada camião: um motorista, um guarda e um terceiro homem encarregado de substituir eventualmente qualquer dos outros. Nunca saem do seu veículo, blindado, mesmo num longo percurso transcontinental.

O seu semi-reboque, que à primeira vista é idêntico aos milhares de outros camiões que percorrem as auto-estradas americanas, é continuamente seguido por uma escolta de veículos desprovidos de qualquer característica que permita identificá-los. Só alguns responsáveis da polícia dos diferentes Estados estão informados do itinerário.

Além disso, o transporte é vigiado electronicamente por especialistas do departamento da Energia, a partir da Base Aérea de Kirtland, em Albuquerque (Novo México). Sabemos constantemente o que eles (a tripulação do camião) estão a fazer, onde se encontram, e estamos aptos a responder imediatamente a qualquer problema, declara o porta-voz do departamento da Energia, David Jackson.

Um carregamento pode conter bombas atómicas ou de hidrogénio desactivadas, ogivas nucleares, minas atómicas, porções de urânio ou de plutónio enriquecidos, ou simplesmente sistemas de disparo e outros componentes.

Nesta equipa, que é constituída sobretudo por antigos militares, há apenas uma mulher. A média das idades é de 36 anos, e todos possuem a classificação «Q», a mais secreta do Ministério onde trabalham.

Todos os membros desta equipa são submetidos a um treino rigoroso, que é repetido periodicamente. Devem ser capazes de se livrarem, caso tal aconteça, de uma emboscada, de repelir um ataque de helicópteros ou o assalto de um carro blindado ligeiro, disparando «rockets» antitanque. Estão habilitados a utilizar qualquer espécie de arma individual.

Diga-se em abono da verdade que muitos camiões que transportam propano ou produtos químicos são mais perigosos do que estes semi-reboques garante o porta-voz do Ministério da Energia.

«Mesmo no caso, diz ele, de uma explosão de tipo convencional (há componentes explosivos de tipo convencional em todas as armas atómicas), essa explosão não poderia ocasionar uma explosão nuclear».

Sob a égide da UNESCO

Participação política da mulher foi debatida em Lisboa

Decorreu em Lisboa, de 13 a 16 de Dezembro, um encontro de peritos sobre a participação das mulheres na vida política e os meios de incrementar essa participação. O encontro foi organizado pela UNESCO e foi encerrado pela secretária de Estado da Emigração, dr.^a Maria Manuela Aguiar. Nele participaram peritas de

diversos países europeus, africanos, asiáticos, latino-americanos, e observadoras das mais diversas nacionalidades. Duas peritas portuguesas: a escritora Isabel Barreno e a dr.^a Maria Alzira Cardoso de Lemos, da Comissão da Condição Feminina.



ção dos «problemas da mulher».

Abertura e democracia

Perguntámos à investigadora brasileira se ela considerava que a abertura no Brasil podia ser tida como uma abertura e qual o efeito que ela estaria a ter sobre o problema da mulher.

Fanny Tabak considerou que a abertura democrática, no Brasil, por mais mitigada que seja, é real. Um dos aspectos mais notórios é o levantamento da censura. Além disso, houve eleições, nas quais a oposição obteve a vitória em alguns Estados. No Brasil o problema da mulher é hoje debatido com uma amplitude sem precedentes. No Estado de São Paulo, por exemplo, criou-se um Conselho da Condição Feminina. Há programas de televisão (TV mulher, por exemplo), onde a problemática feminina é discutida com toda a liberdade.

Lembrámos a Fanny a série «Malu Mulher» e o efeito concreto que ela teve sobre muitas mulheres portuguesas. Fanny concordou, e ela, que é uma estudiosa sobre o tema **A Mulher e a Política**, com diversas obras publicadas e uma vida quase exclusivamente consagrada a esta matéria, foi peremptória, ao afirmar que a emancipação da mulher está intimamente ligada à democracia. Num regime democrático, a mulher pode desenvolver as suas potencialidades, participar debater os seus problemas. Os regimes ditatoriais são repressivos em todos os aspectos, e, naturalmente também, no da questão da mulher.

De Júlia Maciel quisemos ainda saber o que pensava sobre o actual momento político argentino: perigo de nova ditadura militar?

«Na Argentina — respondeu — há sempre o perigo de uma ditadura militar. Basta que nos lembremos que em 53 anos só um Presidente da República conseguiu cumprir o mandato para que foi eleito. E era um general, o general Perón. No entanto, neste momento a degradação total da economia a que os militares conduziram o país, o grau da repressão que exerceram, o desastre das Malvinas produziram um tal descrédito, criaram um descontentamento tão profundo e generalizado que hoje não há condições para que os militares cheguem simplesmente à Casa Rosada e digam ao presidente que se demita. Para que os generais façam um golpe, hoje, na Argentina, é preciso empunharem mesmo as armas».

E como se explica a derrota dos peronistas? Perguntámos.

«Alfonso preparou muito cuidadosamente a sua candidatura. Ganhou uma imagem de estadista, na viagem que fez pela Europa, nos encontros directos, porta a porta, que durante largos meses efectuou por toda a Argentina. Não cedeu às divisões no Partido Radical, não se deixou enleiar em compromissos que o lesariam, caso chegasse à Presidência. Por seu lado, os peronistas deram de si uma imagem de violência, autoritarismo, divisão. E os argentinos anseiam por uma solução verdadeiramente democrática. Estão fartos de violência, fartos de autoritarismo».

seja, acima de tudo, delimitar a problemática feminina comum, as limitações que universalmente afectam a mulher, por ela ser mulher, no concreto toma-se difícil proceder a essa essencialização. Porque o problema da mulher, profundamente enraizado nas estruturas sociais, não pode ser encarado com os mesmos olhos em Moscovo, em Rabat, em Nova Deli, em La Paz...

Como acontece em todas as reuniões, que se têm vindo a suceder sobre a problemática da mulher, houve dificuldades, houve que estabelecer pontes (por vezes difíceis de erigir) entre as mulheres do Terceiro Mundo e as do mundo desenvolvido.

Há dois anos

Há dois anos que a UNESCO vinha preparando esta reunião de Lisboa, cuja grande dinamizadora foi Vassyla Tzani, que pertence à Divisão dos Direitos do Homem e da Paz, da UNESCO, e que é responsável pelo Programa da Mulher. Além deste encontro de Lisboa, uma espécie de reunião-síntese sobre o problema da participação política da mulher, organizou várias reuniões nacionais.

Presidiu à reunião de Lisboa o cuidado de trazer pessoas de países bastante diferentes e com o objectivo primordial de fazer uma avaliação do que tem sido alcançado neste domínio no âmbito da Década da Mulher.

Acontece que este tema precisa pouca atenção tem merecido, e por isso tem sido dos menos estudados: daí que o problema tenha sido abordado agora em Lisboa e por um leque muito representativo de mulheres.

Fanny Tabak referiu que tinha participado há 15 dias no Chile numa reunião da Comissão Económica da ONU para a América Latina (CEPAL) e que, apesar da lentidão com que este tipo de questões avança, uma coisa é certa: naquele subcontinente os progressos registados na abordagem dos problemas e na própria penetração destas preocupações nas consciências são notórios. As nossas interlocutoras consideraram profundamente significativo que no mês de Julho tivessem estado presentes em Lima (Peru) 700 mulheres feministas, idas de toda a América Latina e Caraíbas.

Pessoalmente pudemos assistir à parte dos debates sobre as conclusões do encontro. Tratou-se de um debate muito

animado, com certa polémica, e profundo. Reparámos que nestes encontros muitas coisas se discutem, algumas coisas se concluem, mas no nosso modesto entender perde-se algum tempo discutindo os próprios objectivos da reunião.

Fanny Tabak, Glória Bender, Júlia Constenla afluíram esses debates, chamando-nos a atenção para uma das questões prévias que ali foram discutidas: como classificar a participação política da mulher? Limitando a análise do problema à acção da mulher nas actividades a que se costumam restritamente denominar de políticas? Ou avaliando essa participação também por acções inseridas não já em partidos políticos, centros tradicionais de acção política, mas também em toda uma série de outras sedes de participação política (movimentos de opinião, grupos de base, etc.).

O «discurso» das mulheres empenhadas na luta pela igualdade e emancipação é diverso, consoante a sua proveniência: para as feministas de tipo democrática capitalista ocidental, a questão põe-se em termos muito mais teóricos, teóricos; para as do Terceiro Mundo, há manifestamente uma constante ligação à problemática das classes populares.

Essas duas perspectivas dificilmente se encontrarão, mas podem cruzar-se e influenciar-se. Nesse aspecto as reuniões como a de Lisboa têm um papel pedagógico importante, embora seja manifesta a dificuldade de as mulheres do Terceiro Mundo entenderem as preocupações das provenientes dos países capitalistas desenvolvidos e vice-versa.

Falar no Terceiro Mundo, como uma zona onde os problemas se colocam quase nas mesmas circunstâncias é também um erro. Porque, por exemplo, o grupo árabe tem uma tal especificidade de problemas no que à mulher diz respeito que se torna difícil criar um denominador comum.

Para Fanny Tabak o encontro de Lisboa foi importante em termos de informação. Mas, segundo ela diz e todas corroboraram, a unidade chegará até ao ponto da definição de estratégias. Mas definir um programa de acção «seria uma loucura».

Mesmo dentro de cada país considerado, há pequenos grupos, por onde passam as divisões de classe, e as divergências sobre o que será a concep-

em duas palavras

AM de Constância sem «quorum»

A Assembleia Municipal de Constância ficou sem «quorum», na sessão desta semana, por abandono de vários eleitos do PS e do PSD. Tratava-se, quando tal aconteceu, de discutir a integração do município na EDP. Ficaria ainda por discutir a reconstrução, ou não, da «Casa Memória de Camões».

O Plano e Orçamento foram, entretanto aprovados, com os votos favoráveis do PS e do PSD e face à abstenção da APU. A falta de verbas motivada pelos cortes efectuados pelo Governo foi a tônica da discussão deste ponto.

Mais azeitona em Bragança

A produção da azeitona na terra quente deverá este ano ultrapassar em 25 por cento a produção do ano passado — disse à ANOP um informador dos Serviços de Agricultura da Direcção Regional de Trás-os-Montes.

A mesma fonte acrescentou que «as chuvas vieram melhorar a qualidade da azeitona e o aumento da produção do azeite na parte Sul do distrito de Bragança», prevendo-se assim um aumento na produção da ordem dos 55 por cento, na média dos últimos anos.

Por sua vez, um técnico da sub-região de Bragança, afirmou à ANOP que «os olivais a norte do distrito foram danificados pela geada dos primeiros dias de Dezembro».

Matosinhos reforça freguesias

A Câmara Municipal de Matosinhos deliberou na sua última reunião conceder um subsídio de oito milhões de escudos a dez Juntas de Freguesia do concelho.

Um comunicado da autarquia, diz que esta proposta do presidente da Câmara constitui a última distribuição de verbas antes do fim do ano e o montante a distribuir será dividido em partes iguais pelas Juntas, cabendo a cada um 800 contos.

Delegação marítima em V.F. de Xira

O almirante Cruz Júnior, director-geral dos Serviços de Fomento Marítimo, presidiu ontem à inauguração do novo edifício da delegação marítima de Vila Franca de Xira.

O edifício, em pré-fabricado, situa-se junto ao rio e obedece a «critérios de sobriedade e funcionalidade», segundo um comunicado do Gabinete do Chefe do Estado-Maior da Armada.

A inauguração assistiram Correia Gago, presidente do Conselho de Administração da AGPL, o capitão do porto de Lisboa, de quem esta delegação depende directamente, e os responsáveis da autarquia local.

Ovar adjudicou obras

A Câmara Municipal de Ovar, Aveiro, adjudicou ontem, obras no concelho no montante global de cerca de 65 milhões de escudos.

De acordo com deliberações tomadas na sua habitual reunião semanal, serão construídas duas escolas primárias e um cemitério e realizadas obras de beneficiação na estrada que liga o Furdouro ao Carregal e nas ruas envolventes do parque Almeida Garrett.

A Câmara deliberou ainda aumentar o preço da água, bem como as taxas de transferência, ligação, colocação e aluguer dos contadores numa média de 30 por cento aproximadamente.

Matadouro do Cachão vai funcionar

O matadouro industrial do Cachão entrará em funcionamento no primeiro trimestre de 1984 — anunciou o presidente do conselho de administração do Complexo Agro-Industrial do Cachão (CAICA), Menfes Manso.

Acrescentou que se trata de uma infra-estrutura de apoio básico ao projecto de desenvolvimento rural integrado de Trás-os-Montes e que constitui o investimento de maior vulto no complexo.

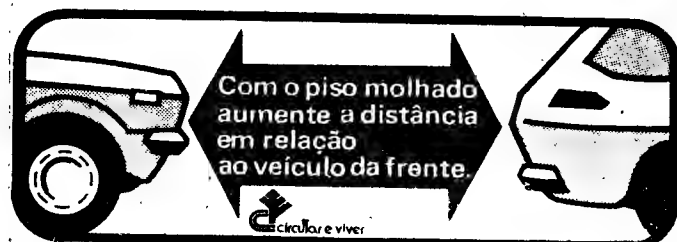
Referiu-se, também, numa reunião que manteve com a Assembleia Distrital de Bragança, ao projecto da central transformadora leiteira em Macedo de Cavaleiros, já em laboração, e que permitirá a recolha e abastecimento do leite na região nas melhores condições higiénicas.

Fafe combate clandestinos

A Câmara Municipal de Fafe vai intensificar o combate às construções clandestinas e as situações de desrespeito pelos embargos que forem detectados — anunciou o presidente do Município, Parécio Sumavielle.

O autarca disse que apesar dos sucessivos alertas verifica-se que os donos das obras e os executantes «vêm fazendo letra morta dos imperativos legais em vigor, bem como abusando da boa vontade e espírito de tolerância da Câmara».

Entendendo não poder contemporizar mais com tais situações, a Câmara de Fafe, entre outras medidas que aplicará e que poderão ir até à demolição imediata das obras não legalizadas, passará a remeter à d ir até à demolição imediata das obras não legalizadas, passará a remeter a tribunal todas as situações de desrespeito a embargos que forem detectadas, o que sujeita os infractores a multa entre dez a 50 mil escudos e a pena de prisão de 15 dias a três meses.





MARTINHO, LDA.

Fábrica e confecção de
todas as peles para abafó

FORNECEDORES DAS PRINCIPAIS CASAS
DO PAÍS

Deseja BOAS-FESTAS a todos os seus Exmos. Clientes e
Amigos, assim como o NOVO ANO repleto de felicidades.

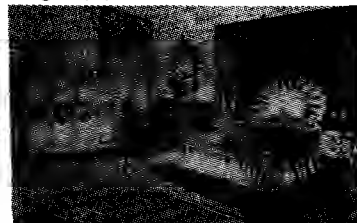
Sede própria: Rua Alfredo Guisado, 382-A
(Estrada de Benfica) — Telefone: 782092-780071

Armazéns de Móveis

BEIRA RIO

de António Carloto

Móveis
em
todos os
estilos



Para vosso
interesse
consultem
os nossos
preços

VENDAS: Rua Miguel Bombarda, N.ºs 1, 222 e 222-A
Rua Serpa Pinto, 43 e 45

Tel. 2072448
BARREIRO

EDITAL

ALFREDO DA COSTA
LEAL JÚNIOR, Vice-Cônsul,
Encarregado do Consulado
Geral do Brasil, em Lisboa,
faz saber que a cidadã brasilei-
ra RUTH ASTRID ROUTH,
filha de Aage Kierulf Abrahamsen
e de Christina Veile
Abrahamsen pretende casar.
Se alguém souber de algum
impedimento oponha-o na
forma da Lei na Chancelaria
do Consulado Geral do Brasil,
em Lisboa, à Praça de Luís de
Camões, n.º 22-1.º-esq.º.

Lisboa, em 14 de Dezembro
de 1983.

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos estatutos em vigor, convoco a Assembleia Geral Extraordinária da Cinequipa, Grupo de Cinema Experimental, C.R.L., para o dia 30 de Dezembro de 1983, pelas 21.30 h. na Delegação da Rua da Palmeira n.º 7, em Lisboa, com a seguinte **Ordem de Trabalhos**:

1. Informações.
2. Exclusão de cooperadores nos termos das alíneas b) do Artigo 22.º c) do Artigo 23.º e a) do Artigo 24.º (atraso no pagamento de encargos sociais).
3. Apreciação e votação do Relatório, Balanço e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal relativo ao ano de 1982.
4. Apreciação e votação do Plano de Actividades para 1984 e respectivo Orçamento.

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL
(João Matos Silva)

UM INVESTIMENTO QUE DÁ SEGURANÇA E RENDIMENTO

Um núcleo de habitação social, sem disponibilidades comerciais, provoca graves inconvenientes aos seus utentes. Por outro lado, cada loja existente, que lhe oferecemos a preços altamente vantajosos, é uma fonte de rendimentos e um óptimo investimento a médio prazo. Porque o nosso objectivo não é o lucro, oferecemo-lho a si.

PRAZO DE ENTREGA DAS PROPOSTAS ATÉ ÀS 16H DO DIA 19 DE JANEIRO DE 1984

FUNDO DE FOMENTO DE HABITAÇÃO

COMISSÃO LIQUIDATÁRIA

PLANO INTEGRADO DE SETÚBAL

Venda por licitação de cerca de 25 lojas
com uma área média de 60 m², situado a
1000 metros da rotunda da auto-estrada
Lisboa-Setúbal-Algarve.

PLANO INTEGRADO DE ALMADA

Venda por li-
citação de
cerca de 20
lojas, com a
área média de
60 m², à saída
da portagem
da Ponte 25
de Abril.

PLANO INTEGRADO ZAMBUJAL/BURACA

Venda por licitação de cerca de 20
lojas com a área média de 60/70 m²,
junto ao Estádio de Pina Manique (nó da
Buraca).

PARA TODAS AS INFORMAÇÕES DIRIJA-SE AO
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 153 - 3.º * TELEFONE 730601-730617-730622

UM INVESTIMENTO VIVO PARA O BEM-ESTAR COLECTIVO



Albino, Maia & Santos, Lda

• APRESTOS NAVAIS •

MATERIAL DE ELEVAÇÃO E PESCA

Rua dos Remolares, 28 a 38 • TEL. 369291/4
END. TELEG.: «SAMAL» • 1200 LISBOA • PORTUGAL

TELEX 42772 SAMAI P

DESEJA A TODOS OS SEUS ESTIMADOS
CLIENTES, AMIGOS E FORNECEDORES

**NATAL FELIZ E UM BOM ANO
NOVO**

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO BARREIRO

ANÚNCIO

Proc. N.º 75/81 A
1.ª S. 1.ª J

No dia 16 do próximo mês de Janeiro pelas 14 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de Execução de Sentença em que é exequente SEBASTIÃO MARQUES DE CAMPOS, casado, servente, residente na Praça da Liberdade, n.º 4-3.º Esq.º no Barreiro e executado MANUEL ANTÓNIO NUNES RODRIGUES, solteiro, operário químico, residente na Rua Mouzinho de Albuquerque, n.º 45, 3.º Esq.º no Barreiro, há-de ser posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor indicado no processo o seguinte bem: Um motociclo de passageiros, da marca Honda, modelo CL-350, matrícula LU-67-43, com o número de quadro CL-350-3047713 e o número de motor CL-350 E — 3140213, de 2 cilindros e 325 cm3 de cilindrada, a gasolina, de dois lugares e assento corrido de cor azul e preta, em mau estado geral de conservação, possuindo dois pneus em bom estado mas encontrando-se o da frente vazio devido ao estado da câmara de ar, com muitos pontos oxidados (ferrugem) quer nos cormados quer na pintura, com o motor em mau estado por desde há muito não trabalhar.

BARREIRO, 9 de Dezembro de 1983,
O Juiz de Direito,
a) Ezequiel Sanches Casanova,
O Escrivão Adjunto,
a) Maria Júlia Santos
Padiha Fragoço.

.DL. 23/12/83 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA GOLEGA

ANÚNCIO

Proc. 201/83 1.ª Secção

Faz saber que no dia 20 de Janeiro próximo pelas 14 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca e Autos de Carta Precatória para Arrematação vindo do 1.º Juiz Cível de Lisboa e extraída dos Autos de Execução Sumária que o Banco Pinto & Sotto Mayor EP moveu contra Joaquim Antunes Trincão e mulher Ivone Freitas Capela Trincão, residentes no Casal da Ponte Nova-Torres Novas, há-de ser posto em praça pela primeira vez para ser arrematado pelo maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica, o seguinte prédio penhorado aos executados: Prédio rústico composto de terra de semeadura com largura de dois hastingses, sito nos Rocelos Longos, campo freguesia da Golega, confrontando do norte com Guilherme de Matos Trincão, a sul com dr. José Maria Reposo Sousa d'Ale Espargosa, a nascente com a Estrada e poente com Estrada, inscrito em nome dos executados na matriz predial respectiva sob o artigo 2633 com o valor de 48 656\$00 e descrito na Conservatória do Registo Predial da Golega sob o n.º 17 187 a fls. 51 verso do Livro B-43. — Val à Praça pelo valor matricial.

Golega, 16 de Dezembro de 1983

O Juiz de Direito,
(Rui Hilário Maurício)
O Escrivão de Direito,
(António Maria Parreira)

D.L. — 23/12/83 — 1.ª Pub.

economia

Espanha: acordo de pescas nas próximas semanas

O Conselho Luso-Espanhol, que terminou na quinta-feira em Madrid, aproximou as posições de Portugal e Espanha sobre a questão da pesca, tornando possível a assinatura de um acordo «nas próximas semanas», indicou na quinta-feira o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Fernando Moran.

O ministro falava à Imprensa, tal como o seu homólogo português Jaime Gama, no final dos trabalhos do Conselho, que decorreram em Madrid quarta e quinta-feira.

Moran precisou que as delegações conseguiram, nomeadamente, aproximar as suas posições sobre o problema da delimitação das zonas de pesca, com vista à elaboração de um plano de pesca da 1984. Interrogado sobre as perspectivas de alargamento da CEE, Gama indicou por seu turno que as aspirações de adesão dos dois países não deverão provocar a competição entre eles.

Considerou ainda Jaime Gama que o malogro da recente cimeira de Atenas «deve servir de estimulante para acelerar as negociações de alargamento». «A França, acrescentou, quando ocupar a presidência, estará nas condições políticas requeridas para imprimir essa rapidez à negociação com a Espanha e Portugal.»

Associação de proprietários contra rendas comerciais

A Associação Lisbonense de Proprietários classificou de «prenda de Natal do Governo aos comerciantes» o decreto-lei, de 19 de Dezembro, que actualiza as rendas não habitacionais.

Num comunicado subscrito pelo respectivo presidente da Direcção, afirma-se que se trata «de mais um recuo de cariz eleitoralista, onde se vislumbra uma intenção de criar um clima de compadrio».

Considerando que o governo «é um verdadeiro bloco central de asneiras, fornecedor de meios para uma crise maior», os proprietários lisboenses afirmam que o decreto-lei é tecnicamente incorrecto, nomeadamente porque se reporta a índices que o Instituto Nacional de Estatística não possui e porque prevê a nomeação «por indefinidas associações representativas de indefinidas actividades nas comissões».

Linha de crédito promove o turismo

Uma linha de financiamento de 150 milhares de contos foi aberta pelo fundo de Turismo para operações de promoção turística no estrangeiro durante o ano de 1984.

O respectivo protocolo foi assinado pela Secretaria de Estado do Turismo e pela Associação dos Hóteis de Portugal, e o financiamento destina-se a operações de promoção turística, no estrangeiro por empresas, ou grupos de empresas, detentores de meios de alojamento turístico.

Trata-se de operações de campanha, com financiamentos de prazo máximo de um ano para reembolso, operações das quais 60 por cento ficarão a cargo do Fundo de Turismo.

“Record” de exportações este ano**Minipacote de apoio ao sector conserveiro**

Os industriais de conservas de peixe têm a partir de agora facilidades de pagamento na aquisição de sardinha em lota para a respectiva laboração — informou a Secretaria de Estado das Pescas.

A medida que consta de um despacho do secretário de Estado Faria dos Santos, de 13 de Dezembro, destina-se a contribuir para a regularidade de laboração da indústria conserveira, obstar às dificuldades de liquidez das empresas do sector e a diminuir consideravelmente as importações de sardinha congelada.

O despacho refere que as «aquisições de sardinha em lota com destino à indústria conserveira serão facturadas no final de cada mês».

As referidas aquisições, quando não liquidadas a pronto, serão garantidas mediante aceite de letra avaliada pessoalmente pelos respectivos sócios, com vencimento a 30 dias de vista.

Os encargos a incidir sobre os aceites referidos serão de 28,5 por cento ao ano.

De acordo com uma fonte da Secretaria de Estado das Pescas isto significa que, na prática, o prazo de pagamento aos serviços de lotas e venda-gem pode ir até 60 dias, com encargos apenas incidindo em metade desse período.

A medida destina-se a ser aplicada pelo serviço de lotas e vendagem e pelo Instituto Português de Conservas de Peixe, surgindo como complemento de outras já tomadas para o sector conserveiro.

Anteriormente, aos industriais conserveiros fora facultada a possibilidade de obtenção de crédito através de um esquema que consistia no depósito de produtos acabados ou matérias-primas, nomeadamente sardinha congelada, à guarda do Instituto.

Esses produtos funcionam como uma espécie de penhor, sendo devolvidos ao depositante logo que liquide o montante do crédito recebido.

Este «minipacote» de apoio ao sector conserveiro visa também, disse a mesma fonte, aumentar o valor acrescentado nacional de um produto que atinge este ano o recorde da sua exportação tanto em valor como em quantidade.

Para 1984**Portucel: dez por cento de aumento das vendas**

A Portucel aponta como objectivo da sua actividade para 1984 o aumento de dez por cento das vendas totais dos seus produtos de pasta de papel, segundo se soube numa reunião de agentes da empresa na Póvoa de Varzim.

As exportações da Portucel cresceram substancialmente no ano passado e só para Espanha saíram das suas fábricas produtos no valor de um milhão e 387 mil contos. Já este ano, a Espanha passou para o primeiro lugar entre os clientes de pasta de papel kraftliner adquirindo 30 mil toneladas. A Itália ocupa o segundo lugar e o Reino Unido o terceiro.

No seu conjunto o Mercado Comum representa 65 por cento do total das vendas da Portucel a principal empresa portuguesa do sector das pastas de papel.

Projecto comum GM-Toyota

A Comissão Federal do Comércio norte-americana aprovou, em princípio, na 5.ª feira o acordo entre os construtores automóveis General Motors e Toyota para construir em comum automóveis de pequena cilindrada.

A Comissão aceitou, por três votos contra dois, os compromissos assinados pelas duas

sociedades de não produzirem mais de 200 mil automóveis por ano, durante um máximo de 12 anos e de limitarem as suas trocas de informações confidenciais.

Estes compromissos, destinados a assegurar que o projecto não viola as disposições de lei «anti-trust», serão submetidos durante 60 dias a inquérito

público, no final do qual a Comissão do Comércio dará o seu parecer definitivo. «Há possibilidades muito fortes de que a Comissão aprove o acordo no final deste inquérito», afirmou uma fonte segura no seio da Comissão.

Este acordo entre os dois construtores, respectivamente primeiro e terceiro grupos mun-

diais, prevê a produção desde o início de 1985 de viaturas concebidas pela Toyota na fábrica de Fremont, Califórnia, fechada pela General Motors há vários anos.

Os outros construtores americanos, nomeadamente a Chrysler e a Ford, opuseram-se vigorosamente a este acordo desde que foi anunciado em Fevereiro de 1983.

trabalho

Em 25 localidades**Trabalhadores manifestam-se hoje contra os salários em atraso e por uma nova política**

Muitos milhares de trabalhadores saem hoje à rua para, mais uma vez, protestar contra a política desenvolvida pelo Governo PS/PSD e que está a gerar graves problemas sociais, como o caso candente dos salários em atraso, o aumento do desemprego e a insegurança no trabalho. Em todo o País e num total de 25 localidades, vão realizar-se várias acções convocadas pela CGTP-IN, nomeadamente, vigílias, concentrações, desfiles, colocação de árvores de Natal alusivas à situação vivida pelos trabalhadores, difusão de jornais sonoros, distribuição de comunicados e manifestos e audiências a entidades locais, regionais e eclesiais.

Com efeito, e como foi divulgado pela Intersindical, os salários em atraso afectam mais de 130 mil trabalhadores de 417 empresas. Esta situação já levou a fome e a miséria a muitos lares e que, na perspectiva do movimento sindical, só poderá ser alterada por uma nova política e um novo Governo, que reconduza o País «aos caminhos de Abril».

Entretanto, numerosas organizações sindicais já manifestaram o seu apoio às vigílias, consideradas uma forma inovadora de luta e também um meio de alertar as populações para a situação calamitosa que se enfrenta no País, com a cumplicidade do Governo.

Em Lisboa, onde há o maior número de trabalhadores sem salários, haverá, às 21 horas, uma concentração no Rossio, seguida de desfile até S. Bento, onde durante toda a noite decorrerá a vigília. No Porto, a vigília decorre, a partir das 17 horas, na Praça da Liberdade. Estão, também, marcadas vigílias para Aveiro, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Leiria, Santarém e Setúbal.

A partir das 14 horas, também os reformados vão realizar, no Rossio, uma acção de protesto, cuja palavra de ordem é «Mário Soares para a reforma já / com 3900 escudos». Esta jornada, promovida pelas comissões de reformados da cidade de Lisboa também inclui a colocação de cartazes que denunciam a fome que os idosos passam, devido

à política anti-social do Executivo.

Segundo dados provisórios da CGTP-IN, são 30 500 os trabalhadores do distrito de Lisboa, de 119 empresas que não recebem salários, ascendendo a dívida a cerca de dois milhões de contos.

Entretanto, a União dos Sindicatos de Setúbal divulgou que, naquele distrito, a dívida do patronato de 54 empresas, relativa a salários atrasados, é de um milhão e meio de contos.

ANOP

Representantes dos trabalhadores da ANOP apoiaram a vigília desta noite, promovida pela União dos Sindicatos de Lisboa, apelando à participação nesta iniciativa.

Num comunicado, as ORT's da agência salientam que «os trabalhadores da ANOP vivem há mais de um ano numa situação de incerteza quanto ao futuro da empresa e dos seus postos de trabalho».

Esta situação, diz o documento, «tem-se caracterizado pelo pagamento irregular dos

salários» e resulta da «ofensiva iniciada pelo Oitavo Governo e prosseguida pelo actual, visando a destruição da agência».

O comunicado refere que «os trabalhadores da ANOP, EP, continuam sem garantias concretas de que a agência vai ser viabilizada».

Por estas razões — explicam as ORT's — e porque nos sentimos solidários com os milhares de trabalhadores portugueses com salários em atraso, desempregados e vítimas do aumento brutal do custo de vida e dos impostos, decidimos apoiar a vigília de dia 23».

A iniciativa da USL/CGTP destina-se a exigir o pagamento dos salários em atraso e protestar contra o desemprego, o aumento do custo de vida e o Imposto Extraordinário de 28 por cento sobre os rendimentos do trabalho.

Os trabalhadores da ANOP receberam ontem o subsídio de Natal, ficando a haver o subsídio de férias, o salário de Dezembro e, no caso dos jornalistas, os retroactivos contratuais.

Salário mínimo proposto pelo Governo é inferior ao aumento do custo de vida — considera a CGTP

A CGTP-IN considerou que a proposta do Governo para um salário mínimo nacional «fica muito aquém do aumento do custo de vida deste ano».

O dirigente sindical José Cartaxo, da CGTP, fez aquela afirmação no final de uma audiência com Amândio de Azevedo, que ontem à tarde recebeu todos os parceiros sociais, dando cumprimento à lei.

José Cartaxo considerou «grave a proposta governamental», dado o «aumento brutal do custo de vida» e referiu que o direito de participação dos trabalhadores neste processo não foi cumprido, uma vez que não foi ouvido o Conselho Nacional de Produtos e Preços.

A proposta governamental aponta para um aumento do salário mínimo nacional oscilando entre os 19,5 e os 24 por cento.

Amândio de Azevedo referiu que o valor máximo será indicado em Conselho de Ministros, mas acrescentou que os ministros das Finanças e da Indústria devem fazê-lo baixar para 19,5 por cento, média dos últimos

aumentos nas empresas públicas.

Aquele dirigente sindical adiantou que o Ministério do Trabalho pretende que o novo aumento entre em vigor a partir de 1 de Janeiro.

Durante o encontro no Ministério, a CGTP entregou a Amândio de Azevedo uma exposição sobre os salários em atraso, documento já anteriormente enviado à Inspeção de Trabalho.

José Cartaxo disse existirem actualmente 130 mil trabalhadores de 400 empresas nesta «situação insustentável», pelo que se mostra urgente que o Governo tome as devidas medidas.

Amândio de Azevedo, por seu lado, manifestou a sua disposição para, em Janeiro, receber uma delegação da CGTP a fim de estudar a questão.

Em Junho e Novembro, a CGTP apresentou ao Ministério propostas de aumento dos salários de 10 500 escudos para domésticas, de 14 mil escudos para rurais e de 16 500 escudos para os restantes trabalhadores.

Governo contradiz-se no caso da Gelmar — afirmam os trabalhadores

A contradição entre os estudos económicos que consideravam a Gelmar viável e a decisão governamental de extinguir a empresa foi salientada em conferência de Imprensa dos trabalhadores desta empresa.

A Gelmar é uma empresa especializada na preparação e comercialização de produtos congelados, cuja laboração parou há alguns meses, estando nesta al-

tura com perto de cinco meses de salários em atraso.

As organizações representativas dos trabalhadores afirmaram que o secretário de Estado do Comércio Interno, Carlos Filipe, lhes anunciou recentemente que tinha já preparado um projecto de decreto-lei para declarar a extinção da empresa com despedimento colectivo de trabalhadores.

DESPORTO

Já há trinta e três para Los Angeles

Os 33 atletas já seleccionados para Los Angeles «são a garantia de uma condigna representação portuguesa nos Jogos Olímpicos» — declarou o eng. Lima Belo, presidente do Comité Olímpico Português.

Em reunião com os órgãos da Comunicação Social, os responsáveis pelo Comité Olímpico português confirmaram os nomes dos seleccionados, todos dentro dos mínimos exigidos, apenas tendo surgido uma dúvida de última hora quanto à representante da natação, Joana Figueiredo, cuja forma o Comité pretende confirmar.

Joana Figueiredo é portuguesa mas encontra-se radicada nos Estados Unidos, onde está a estudar, tendo obtido boas classificações em provas norte-americanas de saltos para a água.

Quanto ao apoio governamental prometido, foi referido que é o maior até hoje registado, e que vai proporcionar uma preparação cuidada e a tempo e à partida para Los Angeles com antecipação a fim de permitir o treinamento e



Presidente do COP — os 33 seleccionados são a garantia de uma representação condigna

ambientação imprescindível à conquista dos melhores resultados.

O secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha, em nome do Governo, prometeu

tudo o apoio possível dentro dos condicionamentos da situação económica do País, e garantiu que aos representantes portugueses «nada irá faltar».

As despesas com a deslocação da equipa portuguesa estão praticamente a cargo do Governo, cabendo às federações respectivas à orientação técnica e a preparação dos seus atletas.

No decorrer do encontro, que teve como principal finalidade a apresentação dos atletas seleccionados, foi entregue às ginastas Maria João Falcão e Margarida do Carmo, do Belenenses, a maior condecoração até hoje recebida por ginastas portuguesas, a medalha «Ginasta de Categoria Mundial».

Este galardão foi atribuído pela Federação Internacional de Ginástica, por ambas terem alcançado mais de nove pontos nas provas realizadas em Estrasburgo.

Maria João Falcão e Margarida do Carmo são as únicas duas ginastas para Los Angeles.



Rosa Mota, um dos 33 para os Jogos de 84: um sorriso, a esperança de uma medalha

Visitando as colectividades populares

Clube Desportivo da Graça: vamos cobrir o rinque?

«O clube foi fundado numa barbearia da Travessa de St. António da Graça. Era aí que a rapaziada se juntava, enquanto alguns cortavam o cabelo». Declarações de Alexandre Oliveira e Silva, sócio fundador do Clube Desportivo da Graça, que acrescentou: «Chamava-se Bétis Futebol Clube e quando o quiséssemos filiar na AFL não foi possível, por Bétis ser considerado um nome espanhol. Entretanto, outro grupo de moços aqui do bairro fundou, também, um clube ao qual deram o nome de Glorioso. Mais tarde, este grupo juntou-se a nós e a colectividade passou a ser chamada de Clube Desportivo da Graça».

O Clube Desportivo da Graça foi fundado em 12 de Março de 1935 com o objectivo de promover o desporto: a sua primeira modalidade foi o futebol, como lembraram Manuel Baieta e João Monteiro, respectivamente o presidente e o 1.º secretário da sua actual direcção.

«Em futebol, fomos (nas épocas de 39/40 e 41/42) campeões da promoção. Mais tarde, participámos no campeonato amador actualmente Campeonato de Qualificação de Seniores. Mais tarde abandonámos o futebol devido às grandes despesas que acarretava. Actualmente, temos futebol de salão, inclusive o ano passado apresentámos uma equipa feminina. Ainda sobre o futebol de onze: mantivemos até à pouco tempo os escalões de juvenis e de juniores e cá se fizeram bons jogadores, como Fernando Santos, que é titular do Estoril».

O futebol não foi apenas a única modalidade abandonada: o mesmo aconteceu com o basquetebol e o atletismo. Nesta última disciplina desportiva, o Clube Desportivo da Graça chegou a vencer uma S. Silvestre para amadores, entre o Cais do Sodré e Belém. Actualmente, a modalidade que já nome ao clube é o futebol de mesa, como nos fizeram os nossos entrevistados.

«Chegamos a ser campeões



Desportivo da Graça: futebol teve época

nacionais da 3.ª Divisão em ténis de mesa. Actualmente, encontramos-nos na 2.ª Divisão. E mantemos os tradicionais jogos de cartas, dominó e damas para os sócios se entreterem».

O Clube Desportivo da Graça é o clube organizador da Marcha do Bairro da Graça. António Monteiro fez-nos uma retrospectiva das classificações que tem obtido:

Desde o seu início que a Marcha do Bairro da Graça é organizada por nós. Em 1959, classificámo-nos em 3.º em «distinção». Em 1960, alcançámos um 1.º lugar em ornamentação. Em 1975, ficámos em 5.º lugar na classificação geral. E, em 1982 e 1983 classificámo-nos em 6.º lugar, entre 15 marchas. Costumamos estar representados na «Grande Noite do Fado» da Casa da Imprensa. Este ano os nossos representantes (Álvaro Santos e Gina Maria) alcançaram o 3.º e 4.º lugar respectivamente. Também chegámos a organizar concursos de «misses», já lá vão largas épocas: foi (talvez) nas décadas de 40 e 50. Há uns anos atrás houve um par que nos representou num concurso de dança. Ganhou uma pequena taça em ouro.

A actual direcção do Clube Desportivo da Graça tomou posse no dia 11 de Novembro do corrente ano. Manuel Baieta e João Monteiro falaram-nos dos dois objectivos que gostariam

que se tornassem realidade a curto ou a médio prazo.

O nosso primeiro horizonte era cobrir o rinque de futebol de salão, que é a nossa principal fonte de receitas: a cobertura só será possível com a ajuda das entidades governamentais. Neste mesmo rinque poder-se-ia praticar uma modalidade como a ginástica. A Graça é um dos bairros mais pobres, vive com muitas carências. A escola da zona não tem um local onde as crianças possam fazer desporto.

O nosso segundo objectivo é fazer, no rés-do-chão, um Salão Nobre: será em breve uma realidade.

Vontade de trabalhar não falta à Direcção do Clube Desportivo da Graça que, apesar das dificuldades económicas, é um clube que vive sem dívidas. E a sede é propriedade sua.

Costumamos receber pequenos subsídios por parte da CML ou da Junta de Freguesia da Graça. Como o dinheiro desses subsídios é pouco costumamos fazer bailes pelo Caraval e festas do Fim do Ano. Uma vez por mês (aos sábados à noite) costumamos organizar sessões de fados. Também fazemos (aos domingos) «matinés» para os jovens. Todas as nossas iniciativas são bem aceites por parte da massa associativa. É a paga do nosso trabalho, da nossa dedicação ao clube.

Filomena Araújo

Pedroto: Natal em casa

Acompanhado da mulher e da filha, regressou ontem ao Porto o técnico portista José Maria Pedroto que, conforme foi oportunamente noticiado pelo «DL», se havia deslocado a Londres a fim de ser submetido a uns testes e posteriormente a uma intervenção cirúrgica.

Pedroto chegou a Pedras Rubras cerca das 20 horas, onde era esperado pelos seus dois filhos Rui e Pedro e, ainda, por amigos e dirigentes do FC Porto. De entre estes destacamos o presidente

Jorge Nuno Pinto da Costa, Alexandre Magalhães, Álvaro Pinto, Pôncio Monteiro e Fernando Vasconcelos. Presentes, também, os técnicos adjuntos, João Mota e Fernando Duarte, o futebolista Gomes — futuro genro de Pedroto —, o professor Hernâni Gonçalves e, claro, alguns jornalistas.

Visivelmente bem disposto, embora mais batido, Pedroto declarou que «tudo correu bem e penso regressar ao «banco», dentro de dois meses. Para já e de acordo com as instruções médi-

cas, tenho de guardar um repouso absoluto». A perguntas dos jornalistas, Pedroto disse ainda que tinha acompanhado a par e passo o comportamento da sua equipa e que o empate da Póvoa nada significava em termos de disputa do título. «Continuamos na corrida», acrescentou. E em jeito de despedida: «Agradeço todas as manifestações de carinho que tiveram para comigo e a todos os portistas quero deixar aqui expresso que podem contar com o Zé do Boné.»

No rescaldo do Espanha-Malta

«Adeus Paris», escreve em título o «Algemeen Dagblad» de Roterdão que, tal como os outros vespertinos holandeses, dá conta na primeira página do afastamento da Holanda da fase final do Campeonato da Europa das Nações em face da vitória (12-1) alcançada em Sevilha pela Espanha frente a Malta.

O jornal cita o comentário do seleccionador holandês Kees Rijvers: «Penso que se os espanhóis precisassem ainda de mais alguns golos, não deixariam de os marcar».

Sob o título «A Espanha sabe muito bem o que é preciso fazer da minúscula Malta», o «Trouw» de Roterdão também se rende à evidência: «O incrível aconteceu (...) a selecção espanhola eliminou a da Holanda (...) e isto nada tem a ver com suborno. Os espanhóis dispuseram do adversário em jeito de gato com o rato como era preciso fazer nesta ocasião».

Finalmente o «Telegraaf» de Amsterdão escreve em título a seis colunas: «A Espanha fez desvanecer o nosso sonho». E acrescenta: «Este dramático desfecho privou a Holanda de estar presente na fase final do Campeonato da Europa. Nada há a dizer do triunfo e da qualificação da Espanha — conclui. Rijvers recebeu uma boa lição de Munoz».

Em Espanha: o delírio

A Imprensa espanhola, à beira do delírio, abusou dos superlativos para dar conta da copiosa vitória (12-1) alcançada da Espanha sobre Malta. Nenhum jornal formula a menor dúvida quanto à regularidade do encontro, empenhando-se antes em salientar o mérito dos jogadores e do treinador, sem esquecer o impressionante apoio do público de Sevilha.

«Olé...», proclama o diário

desportivo «Marca», afirmando em páginas interiores que «o gordo» (taluda) saiu na cidade do Guadalquivir.

Outro importante diário desportivo, «As», não fica atrás do seu congénere: «Sim, sim e sim: a Espanha vai a Paris (...) o dia de 21 de Dezembro de 1983 ficará para sempre na história do futebol espanhol».

«El País» considera pela sua parte que «Malta se revelou uma equipa ainda pior do que se julgava» mas o mérito da selecção espanhola foi indiscutível pela maneira como soube conduzir a partida.

Segundo «El Alcazar», a fúria espanhola voltou a aparecer. Na opinião do jornal, «o esforço total dos nossos rapazes, a estratégia simples de Miguel Muñoz, a fé inquebrantável no triunfo, tornaram possível o que não estava nos prognósticos, porque o coração não tem freio e a esperança não é racionada».

E a Taça Jules Rimet?

O roubo da Taça Jules Rimet e de mais três troféus de ouro foi feito por pessoas que trabalharam na sede da Confederação Brasileira de Desportos — informou o comissário da Polícia Federal, Artur Carbone.

Aquele funcionário policial disse não poder dar quaisquer dados sobre as investigações que estão em curso, afirmando que há pistas sobre a identidade dos ladrões.

Por outro lado, ontem do depar-

tamento de roubos da Polícia civil informaram que o vigilante do edifício da Confederação dos Desportos que foi submetido ao detector de mentiras, continua detido na Polícia Federal.

As mesmas fontes dizem que as declarações do vigilante são muito contraditórias, havendo suspeitas de que possa estar a esconder o nome dos assaltantes.

Por sua vez, o director da Companhia de Seguros do

Banco do Estado do Rio de Janeiro (BANERJ), Fernando António Pereira da Silva, afirmou que a informação dada por uma pessoa, cujo nome não referiu, atraída por uma recompensa de cinco mil dólares oferecidos pela instituição, «ajudou muitos as investigações».

«Precisamos descobrir as taças antes que sejam fundidas e transformadas em lingotes de ouro pelos delinquentes — disse Pereira da Silva».

em duas palavras

**Cristo crucificado
em Abril do ano 33**

Jesus Cristo foi crucificado na sexta-feira, 3 de Abril do ano 33, segundo os cálculos de dois professores britânicos da Universidade de Oxford.

Os professores Colin Humphrey e WG Waddington, cujas investigações são publicadas na última edição da revista «Nature», afirmam que consideram determinar a data exacta da morte de Cristo graças a um eclipse lunar mencionado no Novo Testamento.

Até agora, as contas dos cientistas não tinham permitido determinar com precisão o ano da morte de Cristo e os próprios apóstolos são contraditórios quanto ao dia da sua morte.

O apóstolo João afirma que Jesus morreu na véspera da Páscoa judaica, ao passo que Mateus, Marcos e Lucas dizem que morreu no próprio dia da Páscoa. No entanto, todos concordam em afirmar que Jesus foi crucificado algumas horas antes do sabbath (sábado), ao fim da tarde de sexta-feira.

Os dois professores, ao reconstituírem o calendário judaico do século primeiro, conseguiram limitar a cinco as datas possíveis.

Mas foi graças a uma passagem do Novo Testamento, afirmando que a Lua ficou «cor de sangue» no momento da crucificação, que conseguiram determinar a data exacta. Os anais bíblicos e medievais revelam que tal termo era corrente para descrever um eclipse da Lua e que se registou efectivamente tal eclipse a 3 de Abril do ano 33.

**China relança
acupunctura**

O presidente da Sociedade Chinesa de Acupunctura defendeu, ontem em Pequim, a eficácia do método de anestesia por acupunctura, relançando uma polémica que apareceu há alguns anos nos meios médicos da China.

O dr. Lu Zhijun rejeitou as conclusões de outros médicos chineses que criticaram essa forma de anestesia e denunciaram, mais particularmente, a sua utilização política, durante a Revolução Cultural.

Durante uma conferência de Imprensa, o dr. Lu reconheceu que tinham sido cometidos abusos no passado. Contudo, afirmou, experiências feitas com animais provaram, cientificamente, a eficácia da anestesia por acupunctura.

Durante a Revolução Cultural, os visitantes estrangeiros eram convidados frequentemente a assistir a intervenções cirúrgicas espectaculares, designadamente operações de coração aberto, no decurso das quais o paciente, anestesiado graças à acupunctura, lia «O Pequeno Livro Vermelho» das citações de Mao Tsétung.

**Sonda americana
«raspa» a Lua**

Uma sonda espacial americana, já com três anos de idade, a «Explorer-3», efectuou ontem uma manobra especialmente difícil — passar «a raspar» pela Lua — a caminho de um cometa distante, anunciou a NASA.

Segundo as previsões a «Explorer-3» passaria apenas a 120 km do satélite da Terra, precisou a agência espacial americana. O engenho seria nesse momento acelerado pelo campo de gravidade da Lua, lançando-se a mais de 8000 km/hora na direcção do cometa Giacobini-Zinner.

O encontro deverá ter lugar em 11 de Setembro de 1985, indicou a NASA. O cometa Giacobini-Zinner, que os astrónomos conhecem bem, foi descoberto em 1911 e gira em torno do Sol em voltas de seis anos e meio.

A missão principal da sonda «Explorer-3» é a observação do Sol, salientou a NASA. Com o peso de apenas 500 kg, o engenho espacial colhe nos seus painéis solares a energia necessária para o funcionamento dos seus instrumentos.

**Saúde da Humanidade
está ameaçada**

A saúde da Humanidade e a própria subsistência no Planeta estão ameaçadas, se não forem adoptadas medidas preventivas muito rigorosas, afirma a Organização Mundial de Saúde (OMS).

Esta organização procurou criar, em 1983, uma consciência universal contra os perigos que ameaçam a conservação da espécie, estabelecendo um programa intitulado «A saúde para todos no ano 2000».

No entanto, em caso de guerra nuclear, nenhum serviço de saúde do Mundo estaria em condições de atender as vítimas das explosões, das epidemias e dos efeitos psicológicos resultantes do conflito.

«Aturdidos pelas conquistas tecnológicas e abertos na busca contínua de remédios milagrosos, esquecemos o princípio da responsabilidade pessoal, numa comunidade em que a assistência deve ser mútua» afirma um comunicado da OMS.

Para evitar a crise, que «será inevitável se não actuarmos», é preciso «transformar radicalmente a concepção que temos da saúde e a organização dos cuidados médicos» acrescentou a Organização.

ANA

TEXTO: G. Solano
DESENHO: F. Solano

8



© AGÊNCIA DIAS DA SILVA - LISBOA

Continua

FUMO



NÃO FUME

EM RECINTOS

FECHADOS



Saiu o II Volume do "Guia de Portugal"

Em edição da Fundação Guibekian, através do seu Serviço de Educação, acaba de ser publicado o II Volume do "Guia de Portugal", a importante obra de Raúl Proença, que agora surge em 2.ª edição, abrangendo a Extremadura, Alentejo, Algarve, com apresentação e notas de Sant'Ana Dionísio, num texto integral que reproduz fielmente a 1.ª edição publicada pela Biblioteca Nacional de Lisboa, em 1924, obra que «No alvorecer deste século, o perscrutante e vigoroso espírito de Raúl Proença, o audacioso «inventor» desta obra, ainda conheceu, na sua impressiva intimidade, esta recatada província de estirpe mediterrânica», como escreve Sant'Ana Dionísio.

Trata-se de um valioso documento de consulta com cerca de 700 páginas, com diversos mapas e notas, com os respectivos índices, incluindo o prefácio de Raúl Proença, de 14 de Agosto de

1927, abrangendo o Alentejo (Évora, Estremoz e Vila Viçosa) — (A Beja e ao Alentejo Meridional); Algarve (Ao Algarve por via marítima; ao Algarve por via fluvial, ao Algarve pela estrada ordinária; ao Algarve pelo caminho-de-ferro; a Vila Real de Santo António, por Loulé, Faro, Olhão, Tavira; e a Lagos por Silves e Portimão); Ribatejo (Abrantes por Santarém e o Entroncamento); Médio Tejo (A Fratel por Belver e Amieira); Alto Alentejo (A Castelo de Vide, Marvão e Portalegre); e Elvas; Alta Estremadura (A Tomar, Pombal e Estremadura beirense); Estremadura Litoral (A Amieira, por Torres Vedras, Caldas, Alcobaca e Leiria).

Todos os textos são precedidos das respectivas introduções e as adendas no final, inserindo ainda o valioso volume muitas dezenas de gravuras de página inteira, cartas e plantas e Gravuras «horts-texte», bibliografia, etc.

Gene Kelly escapa por um fio

A casa do bailarino e actor americano Gene Kelly foi inteiramente destruída por um incêndio na quinta-feira e o actor salvou-se graças à intervenção rápida do seu filho.

O fogo, que se declarou na noite de quarta para quinta-feira, partiu de uma árvore de Natal que se inflamou por razão desconhecida, indicou um porta-voz dos bombeiros.

Gene Kelly, de 71 anos, encontrava-se no seu quarto e os dois filhos preparavam-se para ver televisão quando o sistema de alarme começou a funcionar. O filho do actor correu ao primeiro andar para o alertar e conseguiram fu-

gir, mas sem poder salvar nada. «Gene Kelly não tem mais nada além de um pijama», declarou o seu empresário, enquanto o actor via arder a sua casa — em Beverly Hills — onde vivia há 40 anos. «É um desastre» foi tudo quanto Gene Kelly conseguiu dizer.

Gene Kelly sofreu uma queimadura ligeira numa mão e o filho queimaduras superficiais no rosto.

No incêndio Kelly perdeu nomeadamente todos os seus documentos pessoais que serviam para redigir as suas memórias, e o Oscar especial que lhe foi atribuído em 1951, ano em que rodou «Um Americano em Paris».



Zeca, Paredes e Adriano em reedições de "luxo"

José Afonso, Carlos Paredes e o já distante mas sempre omnipresente Adriano Correia de Oliveira, acabam de ver reeditadas algumas das suas obras discográficas. Três reedições de «luxo», três exemplos acabados da riqueza de uma certa música que se faz em Portugal.

A reedição de que é objecto parte da obra de José Afonso apresenta-se sob a forma de uma colectânea intitulada «Um álbum, três discos, uma obra». Magnificamente apresentada — para além de três longas — duração a reedição inclui um livro com *Testemunhos, Poesia e Discografia - Bibliografia* sobre e de José Afonso —, coloca o ouvinte perante trinta das mais significativas cantigas de José Afonso.

São elas: «Canção de embar», «Natal dos Simples», «Maria Faia (moda da azeitona)», «Canto Moço», «Vai Maria Vai», «Milho Verde», «Balada do Sino», «Mar Alto», «Saudades de Coimbra», «Verdes são os campos», «Menina dos olhos tristes», «Cantar alentejano», «Vejam bem», «A morte saiu à rua».

Paredes

Carlos Paredes vê por seu turno reeditados dois discos — respectivamente «Guitarra Portuguesa» e «Movimento Perpétuo» —, lançados no mercado em meados da década de setenta. A reedição, sob a forma de um duplo-álbum, contempla 22 composições.

A saber: «Variações em ré maior», «Porto Santo», «Fantasia», «Melodia n.º 2», «Dança», «Canção dos verdes anos», «Divertimento», «Romance n.º 1», «Romance n.º 2», «Pantomina», «Melodia n.º 1», «Movimento Perpétuo», «Variações em ré menor», «danças Portuguesas n.º 2», «Variações em mi menor», «Fantasia n.º 2», «Valsa», «Variações sob uma dança popular», «Mudar de vida — tema», «Mudar de vida — música de fundo», «António Marinho — tema de peça» e «Canção». Na maior parte destes trechos, Carlos Paredes é acompanhado pela viola de Fernando Alvim.

Adriano

É também mercê de um duplo-álbum, com 22 cantigas, que se proporciona ao ouvinte um reencontro com a voz e a obra de Adriano Correia de Oliveira. Disco-homenagem, «sobretudo para os jovens de uma geração que saía das maternidades quando o Adriano saiu

para a rua com as suas canções...» (segundo palavras de José Niza, que apresenta a reedição), permite a audição das mais significativas «mensagens» de um homem que nunca transigiu com o fácil.

Ei-las: «Trova do vento que passa», «Capa negra, rosa negra», «Trova do amor lusiada», «Barcas Novas», «Pátria», «Para que quero eu olhos», «Sou barco», «Margem sul — canção patuleia», «Pedro soldado», «Lira — canção popular açoriana», «Menina dos olhos tristes», «Ergam-se muros», «Canção com lágrimas», «Canção do soldado (no cerco do Porto)», «Cantar de emigração», «O Sol perguntou à lua», «Sapateia», «Tejo que levava as águas», «As balas», «No vale escuro», «Recado a Helena» e «Cantiga de Montemor».

O duplo álbum inclui ainda um single com temas inéditos de Adriano Correia de Oliveira.

...Três reedições, outros tantos belíssimos presentes de Natal!

Racal Clube tem novas instalações em Silves

Vão ser inauguradas no próximo dia 28 de Dezembro novas instalações de trabalho do Racal Clube em Silves.

Trata-se de um edifício de fins do século passado, pertencente ao património arquitectónico da cidade, localizado no gaveto das ruas Cândido dos Reis com a Magalhães Barros, tendo sido adquirido pelo Racal Clube e reconstituído para permitir um amplo conjunto de actividades culturais e de animação.

As obras de recuperação tive-

ram o apoio financeiro das seguintes entidades: Direcção Geral do Equipamento Regional e Urbano da Secretaria de Estado das Obras Públicas, Direcção Geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, Fundação Calouste Gulbenkian, Direcção Geral do Turismo e Governo Civil do Distrito de Faro.

O edifício compreende uma pequena sala de conferências com capacidade para 90 lugares, uma área de exposições temporárias, salas de leitura e

convívio, laboratório para fotografia e salas de trabalho e reuniões. Dispõe ainda de um pátio interior no qual um lagar antigo bordejado a «pedra ruiva» (arenito vermelho característico da região) foi totalmente restaurado.

O programa da inauguração decorrerá no dia 28 de Dezembro às 21.30 e incluirá: inauguração de Exposição Fotográfica; recital de poesia e concerto de piano por alunos do Conservatório Regional de Música.

MC/Mundo da Canção

Esburacar como a toupeira

Em fase de decisiva e decidida aposta na regularidade da sua publicação, «MC/Mundo da Canção» renova o encontro com os seus leitores através da edição n.º 64, com a qual se inicia o décimo quinto ano de vida desta revista de música popular.

A música popular portuguesa está uma vez mais presente, através de uma análise da «Pequena Antologia da Música Regional Portuguesa», de Fernando Lopes Graça e Michel Giacometti — é o vigor das raízes cuja memória cultural deve ser permanente.

O rock de qualidade tem igualmente espaço garantido, que constitui revitalizada participação dos leitores, com abordagens que vão desde o rock decadente dos Kiss à música de Brian Ferry/Roxy Music, passando pelo rock marginal dos Steppenwolf.

Concluem-se, ainda, trabalhos sobre Phil Ochs, nome importante da folk norte-americana, e sobre as percussões do Jazz, da autoria de Jorge Lima Barreto. E, além das habituais secções de sugestões discográficas, poesia, biblioteca musical e letras de can-

ções (de José Afonso, Sérgio Godinho, Pedro Barroso e Batiato), publica-se um artigo de divulgação sobre Pablo Quintana e os romances e cantigas de cego galegas.

Por último, destaque especial para uma entrevista de Mário Correia a Jorge Bonaldi, nome importante do canto popular uruguaio, através do qual se exprimem os mais profundos anseios e aspirações de liberdade daquele povo latino-americano. A não perder.

«A Tragédia em Leonardo Coimbra»

Associando-se às comemorações do centenário do nascimento de Leonardo Coimbra, que decorrem na última semana de Dezembro, o Teatro Nacional de D. Maria II a propósito do tema da peça «Longa Viagem para a Noite» de Eugène O'Neill promove às 18 horas do próximo dia 28, no Salão Nobre, um colóquio subordinado ao tema: «A Tragédia em Leonardo Coimbra».

Intervirão no «Painel» de abertura do colóquio António Quadros, António Braz Teixeira, Afonso Botelho e Pinharanda Gomes.

Leonardo Coimbra nasceu na Lixa, em 30 de Dezembro de 1883, tendo pertencido aos fundadores do Grupo ABC, e dos grupos político-literário Nova Seara e Renascença Portuguesa.

De entre a obra deste pensador citam-se: «O Criacionismo» (1912); «A Morte» (1913); «O Pensamento Criacionista» (1914); «A Alegria, a Dor e a Graça» (1916); «S. Francisco de Assis» e «Notas sobre a Abstracção Filosófica e o Silogismo» (1922); e «A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre» (1935).

A entrada para o colóquio é livre, e o sucesso desta iniciativa do Teatro Nacional de D. Maria II pertencerá ao público que se dignar a participar.

Juventude em férias!
Um fabuloso mergulho de música!
Alegria! Amor!

UM
CAMPEÃO
DE
BILHETEIRA
NA
EUROPA



a febre louca
dos anos 60

(SAPORE DI MARE)

com JERRY CALÀ - MARINA SUMA - CHRISTIAN DE SICA
VIRNA LISI - Realização de CARLO VANZINA

TECHNICOLOR
HOJE ESTREIA

ÀS 15.30 H

PARA MAIORES DE 12 ANOS

VOX

canal da crítica

Que Natal, doutor?

MÁRIO CASTRIM

LONGE na Europa (sem ofensa para a velha Albion...) no interior da Inglaterra, a 15 quilómetros de uma cidade, naquela quinta perto de uma aldeia, Albarran e Elisa foram encontrar William Golding, Prémio Nobel da Literatura. E por que foram entrevistar o autor de «O Deus das Moscas»? Exactamente por isso: porque recebeu o Prémio Nobel...

Esperemos que aquele prémio venha um dia a contemplar algum escritor nosso compatriota. Talvez então a dupla se resolva a ir à cata do testemunho.

Golding ainda não pertence ao «grande público» português. Ele faz ainda parte daquele chamado «material universitário»

que tem feito cabelos brancos a meia dúzia de estudantes.

Esse desconhecimento não pode servir de argumentação contra a entrevista de ontem. Em certos casos, a missão da TV consiste, exactamente, em promover, em vez de se limitar, apenas, a reflectir. Certamente, há muito que goldingar entre os escritores portugueses, a fim de se evitar o crime de não possuirmos hoje documentos, via Televisão, de Aquilino, de Redol, de Sérgio, de Ferreira de Castro, de Carlos de Oliveira, etc., etc. Mas isso não impede outros contactos como este, capazes, inclusive, de entrar no circuito da TV mundial.

O espectáculo chamou-se mesmo William Golding e os en-

trevistadores tiveram o bom senso de interferir o menos possível. Resolveram, e bem, que a bola ficasse o mais possível em poder do escritor.

Sonho, para complemento destas sessões, de uma emissão para discuti-las. Neste momento, por exemplo, entrava em acção o **Viva a Cultura**...

Porque a filosofia de Golding, segundo a qual a crueldade é um fenómeno basicamente humano, para lá de ser um truismo, pode conduzir a uma certa forma de falsificação do essencial.

Claro que só o homem é cruel porque só ele assume a responsabilidade do mal que pratica. Mas o nazismo não assenta na natureza do homem, como pretende Golding, mas na natureza

de classe social. Uma classe que, historicamente, já não serve os homens é levada à conclusão lógica de os destruir. Não está na condição do homem ser nazi, mas sim na possibilidade, dadas certas situações. É mais prático e mais rápido jogar na transformação das relações sociais como factor para melhorar os homens, do que transformar os homens, como factor essencial, para melhorar as relações sociais.

Golding, por outro lado, teme a guerra atómica, mas acredita que seja possível evitá-la. Não disse como. Quando se tem uma esperança, luta-se por ela. Na acção pedagógica de mobilização dos povos contra a guerra, os escritores podem ter uma acção importante. Que fazes tu neste sentido, Golding?

Infelizmente, o recurso maciço à legendagem afastou grande parte da audiência. Só à Televisão portuguesa lembra dar tanto a ler a um País... de analfabetos.

Vigília? Só com «Tempo de Antena»...

Dezenas de milhar de portugueses com os salários suspensos vão manifestar-se, hoje, em Lisboa, em vigília, perto da Assembleia da República.

Talvez, leitor, já saibas isso. Talvez o tenhas sabido através de alguns jornais, talvez amigos ou companheiros tenham passado de mão em mão, talvez tu sejas um dos cento e vinte mil trabalhadores nessa angustiada situação. Ou talvez o tenhas sabido ontem à noite, pela Televisão...

Mas então, como é? A RTP está assim tão receptiva a tal situação? O Telejornal deu então a notícia deste protesto, desta vigília, desta manifestação de dignidade?

Não leitores, o Telejornal não falou em tal. Talvez venha a dedicar-lhe, depois, meia dúzia de palavras. Depois, mas antes, não. Ele não quer fazer nada que se pareça com uma promoção, como um acto de solidariedade para com os trabalhadores.

De que modo, pois, se falou na Televisão, depois do Telejornal, na vigília dos trabalhadores? Muito fácil: houve, para tanto, que recorrer ao Tempo de Antena. Da CGTP-Intersindical Nacional, claro. De quem havia de ser?

«Que Natal, dr. Mário Soares? Que Natal, dr. Mota Pinto?» vieram perguntar os trabalhadores da Fontela, da Marinha Grande, da Corame, da Gelmar — e de muitas, muitas outras empresas poderiam vir se o Tempo de Antena pudesse durar uma hora e não somente pouco mais de sete minutos.

Recordo, a propósito, as últimas palavras com que fechou a excelente reportagem sobre Lousada, incluída em **Respublica**, da responsabilidade de Carlos Alberto Rodrigues. Sobre Lousada, um concelho «com a sua principal riqueza intacta, pois não houve emigração...

A principal riqueza, isto é, os trabalhadores. Mas o Governo, em vez de aproveitar essa riqueza, deita-a fora, marginaliza-a, diz-lhe que não há lugar para ela na superação da crise!

Que Natal, dr. Mário Soares! E, sem a mobilização do nosso povo, que salvação para a nossa Pátria?

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Hoje



Conjunto os ABBA, na Suíça, no programa Aplauso

- 15.40 Expresso dos Animais
- 16.10 Mosaico
- 17.20 Cem Grandes Quadros
- 17.30 Os Grandes Clássicos — «O Lago dos Cisnes»
- 18.00 Sumário
- 18.10 Janela Mágica
- 19.00 Teleregiões
- 19.30 Concurso «O Caminho da Glória»
- 20.00 Telejornal
- 20.30 Direito de Antena
- 20.32 Telenovela «Pai Herói»
- 21.20 Viva a Cultura ao Vivo
- 22.10 Aplauso — ABBA na Suíça
- 23.05 Últimas Notícias



Conheça melhor a Áustria



- 19.32 Desenhos Animados — «O Homem de Plástico»
- 20.00 Telejornal
- 20.30 Conheça Melhor — «Áustria»
- 21.00 Uma Noite de Jazz — concerto efectuado em 1982, na Casa Branca, na presença do presidente Reagan e esposa.
- 22.00 «Paris Saint-Lazare»
- 23.00 Telenovela — «Gabriela»
- 23.30 Último Jornal

Amanhã



- 11.00: Janela Mágica; 12.00: Luz Verde; 13.00: Sumário; 13.10: Campeonato de Dança Latino-Americana; 14.00: Jogos de Natal na Neve; 15.00: Estamos Nessa; 16.00: Aventuras Aventura; 18.00: Fim-de-Semana; 20.00: Natal Roubado; 20.30: Telejornal; 20.30: Mensagem de Natal — de sua eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa; 21.00: O Tal Canal; 22.00: Christmas Gold; 23.00: Missa do Galo.
- 19.32: O Natal na Madeira; 20.00: «Sleeping Beauty on Ice»; 21.00: «Feliz Natal Sr. Krugger»; 21.30: Cançãoiro do Natal.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...



ABBA na Suíça
(22.10)



Áustria
(20.30)



Ana chega a casa de Norah e discute com ela defendendo André. Ela entrega-lhe as chaves da casa da praia. Norah recebe um telefonema de Horácio e Ana fica apavorada quando esta lhe conta que André foi preso. Na delegacia, André diz ao delegado que ia tentar encontrar a sua mulher. Ana faz um escândalo na delegacia para ver André, mas Soares convence-a a sair. Soares diz ao delegado que a prisão de André foi ilegal. Num circo, Gustavo e Walkiria sobem ao trapézio e beijam-se. Nuno encontra César na sauna e entrega dinheiro a um homem, mandando eliminar Vidal.

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871


CASA VIOLA

Deseja um Bom Natal a todos os estimados clientes e amigos.

OCARINA ARTESANATO

Peças de Júlia Ramalho, Mistério, Ana Baraça;
Bonecos de Estremoz e Ribolhos;
Barros do Redondo
Brinquedos de folha e madeira
Mantas de Reguengos de Monsaraz

Aberto das 12 às 24 horas
Travessa do Poço da Cidade, 40
(ao Bairro Alto)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LEIRIA
ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que, pela Primeira Secção do Primeiro Juízo do Tribunal Judicial de Leiria, coram editos de VINTE DIAS, contados da publicação do último anúncio, citando os credores desconhecidos da Executada — MADEIRA TORNEADAS, Lda., com sede em Pernes — Nova Odeira, comarca de Odeira, para no prazo de DEZ dias posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos nos autos de Execução Sumária que, contra a Executada, move a Exequente — Comércio e Representações Colpo, Lda., com sede em Leiria, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Leiria, 12 de Dezembro de 1983

O JUÍZ DE DIREITO
António Cardoso dos Santos Bernardino

O Escrivão
José Martins Dias

D.L. 23/12/83 — 1.ª Pub.

THOMAZ DOS SANTOS, LDA.

FERROS — AÇOS — TUBOS — FERRAGENS

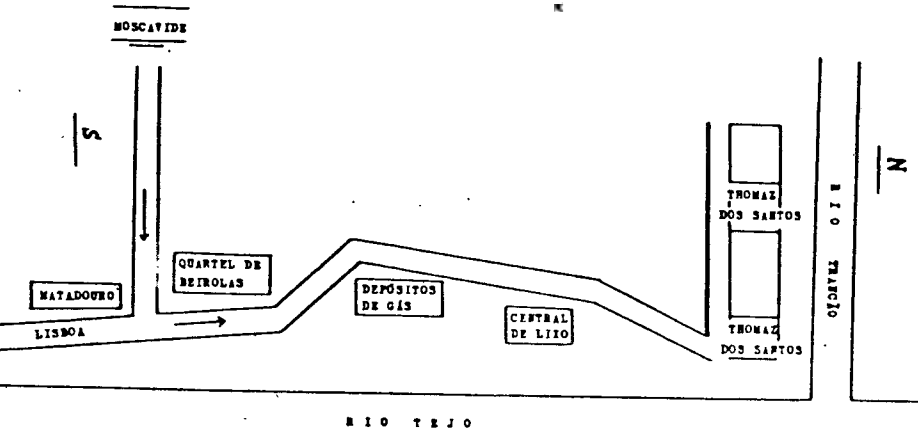
CALDAS DA RAINHA

COMUNICADO

(Acesso ao nosso Armazém de Sacavém)

COMUNICAMOS A TODOS OS NOSSOS ESTIMADOS CLIENTES, QUE MOTIVADO PELAS ÚLTIMAS CHEIAS, FICOU AFECTADA A ESTRADA DE ACESSO AO NOSSO ARMAZÉM DE SACAVÉM, NO LOCAL JUNTO À PONTE DOS CAMINHOS-DE-FERRO O QUE IMPOSSIBILITA A PASSAGEM DE VEÍCULOS.

ASSIM, PROVISORIAMENTE, O ACESSO AO NOSSO ARMAZÉM É FEITO ATRAVÉS DO PERCURSO QUE ABAIXO INDICAMOS.





Gentes e paisagens

Continuação da pag. 3

Ihe os olhos da cara, duas, três cavadelas e tenho que descansar amparado ao cabo do alvião, as pernas e os braços a tremerem como varas verdes, a alma a sair-me pela boca fora, as costas, como que teja co as dobradiças partidas, n'as nas posso endireitar, mas, lá vou teimando, e sempre tenho umas batatas e umas coivas de meu.

Quando vai à tarde ao botequim pelo pão de trigo da padaria, um lhe basta e cresce, tanto milho que acolheitei, até engordava os porcos com milho, tanto pão de milho que aquelas valhacas (5) me coziem neste forno, e nem um grão de milho nesta casa com que faça um bolinho de tijolo, e quando vai à tarde ao botequim pelo pão de trigo da padaria, uma nica de queijo, um pó de açúcar, uma pitada de café de cevada, um bocadinho de sabão azul, um quartinho de petróleo, um picadinho de tabaco «Marítimos» — tudo pela hora da morte, noutro tempo havia azeite de baleia, o morrão deixava um pivete desgraçado, mas dava boa luz e os baleiros vendiam-no barato, eu gastava petróleo, era caro mas podia pagá-lo, hoje, que não posso e tá pelo preço do ouro (tudo, afinal, tá pelo preço do ouro), tenho que o mercar, queira ou não queira, os botes deixaram de arriar, o azeite de baleia acabou-se, a pessoa não sabe que inventar pra poipar a sarriha que seja, se largasse este maldito vício de fumar... — mas, quando vai ao botequim, na volta, para subir a Ladeira, só Deus sabe, tem que descansar sete, oito vezes, e aquilo é um palmo de campo, empina-se contra a parede do lado da terra (3), alta, a do lado do mar (3) é baixinha, as pernas como que chumbadas ao chão, o coração como que a não lhe caber na caixa do peito a arfar que nem fole roto de ferreiro em

tenda velha, o corpo a querer amassar-se, sepultar-se mesmo ali, isto quando as milhas tão contadas já a terra tá à vista, nega-se a revelar suas maselas e fraquezas, disfarça, olha, ou faz que olha, a um lado, ao outro, o centro da freguesia, a igreja ao meio, o casario ao redor, os campos próximos, afastados, a costa, as larguezas do mar em frente, se passa alguém, haje saúde, te Joaquim! descansando?, não, tou a ver o pôr-do-sol, tá lindol, diz, ou então olhem vocês aquela ilha daquele vapor a caminha d'América, o sol anda alto, distante do ocaso, não se vislumbra nem sombra de fumo de nenhum navio na linha do horizonte, as pessoas sorriem, até logo, ti Joaquim.

Ti Joaquim Picanço, bem me podia ter casado, tanta atrevida (5) me quis pra marido, por interesse, sei, daria, não daria certo, o que me não havia agora de faltar eram filhas e filhas, netos e netas pra me tratarem, ou pra me chatearem, talvez pra andarem comigo os pontapés, a gente vê tanta coisa neste mundo, não tava pr'aturar rapazes pequenos, não m'arrependo, nem tou pr'aturar rapazes grandes, tou pr'aquí, tenho terra quanta queira, é cma se não tivesse nada de meu, certos só os sete palmos dela que me hão de cobrir, amarga um bocado, olha, pouco importa, não posso pagar a quem faça, vou eu fazendo tudo co a minha mão. Lavo a minha roupa, não tou com grandes arengas, é metê-la na pia, à porta do tanque, em água e sabão, esfregá-la cma calha na pedra do lavadouro a tirar o mais grão, deitá-la por essas paredes a secar o sol, se não há sol é atirá-la contra um canto e esperar que o sol venha, vai-se andando com a que tá no corpo, mais semana menos semana não faz diferença, o pior é remendá-la, não vejo pra enfiar a linha no cu da agulha, depois de muntas apalpadelas sempre vai, e ponto pr'aquí, ponto pr'ali, a pu-

xar pra dentro de qualquer jeito, já se pode vestir, sem mais ferro nem mais nada, e andar co as carnes compostas e resguardadas do frio; comer, como nuns dias pão com queijo de manhã, queijo com pão o meio-dia, pão e queijo à noite, bem condutadinho e a gadanha, não fica loiça pra lavar, noutros é úas sopas de pão com café negro, temperadas c'ua pitada d'acucore, sem úa pinga de leite, e tantas vacas que criei, e tanto leite que houve nesta casa, sustentava com leite os gatos, chegava a deitar leite o porco se mo não queriam pagar pelo que podia por ele, num desconsoço faço um caldinho de coivas com batatas, bem sabe, prás sopas e prò caldinho tenho que acender o lume e sujar um prato, ou uma tijela, e uma colher, também é só passar por água, se me apetece e tá bom tempo, vou acima do cais apanhar úas ruamas no porto, carapaus (4), chicharros, alguma muja, algum cossa, castanhetas, escamo, asso o peixinho nas brasas, mesmo sem lhe tirar a tripa, e vai também a gadanha, sujar loiça pra quê?, bem basta deitar o lume à lenha; noutro tempo, andava pela costa os sargos, às tainhas, às salemas, às vejas, os budiões, ia noutro qualquer, se ficava em terra, do peixe que traziam mercava do melhor, do mais grão, abróteas, chernes, rocazes, congros, bagues, bocas-negras, aquelas valhacas (5) amnhavam cada caldo que era de fazer crescer a água na boca...

Tudo se acabou, acabou-se-me o dinheiro, acabou-se-me a terra, tá pr'aí, é o mesmo que nada, não importa, sete palmos me vão chegar, disse-o e repito, não me quis casar, não tava pr'aturar rapazes pequenos nem tou pr'aturar rapazes grandes, também o disse já, não tenho que dar contas a ninguém, nem quero que ninguém mas dê nem me ature, cá vou indo enquanto Deus for servido, quando não puder mais é

deitar-me naquela cama à espera da minha hora e deixar-me apagar cma luzinha a que faltou o petróleo — mas, mais úa vez o digo, sem ter que aturar nem dar contas a ninguém.

O pior, agora, é este tempo, tanto vento e tanta chuva que não me deixa pôr o nariz fora do buraco não sei há quantos dias, e mal vamos em Novembro. Mas, bem bom, ainda tenho pr'aí pão e café, cá me vou amanhando.

CAMINHO DE S. GONÇALO, 29-11-1983

(1) Casinha — Retrete muito rudimentar.

(2) Aposentos — Quintal. Se é pequeno, emprega-se o singular, aposento.

(3) Lado da terra, lado do mar — Em relação ao ponto em que nos encontramos, lado da terra é o que vai daí para o interior da ilha e, lado do mar, o oposto.

(4) Carapaus — Bezugs. No Continente carapau é o chicharro miúdo dos Açores.

(5) Valhaca (velhaca), atrevida — No Pico, às vezes, mas nem sempre e atribuímos a estas palavras, aplicadas a homens, no masculino, e a mulheres, no feminino, sentido pejorativo, como nestes contextos, em que lhes podemos encontrar duas conotações — a da pessoa desembarçada no trabalho, espreitada de língua, um tanto desbocada, que trata todos, incluindo os patrões, de igual para igual, e a da pessoa que, tendo-se por ser a sua uma espreiteza viva, subtil, manhosa, capaz de levar os outros, na realidade não passa de uma espreiteza simplória, sa-loia, que os outros facilmente percebem e de que se riem. Por sua vez, a palavra atrevido(a) também se aplica a pessoa divertida, de ditos engraçados, em alguns casos, um pouco picantes.

Grupo de Campolide oferece espectáculos a crianças

O Grupo de Campolide tem, este ano, uma prenda de Natal para os filhos dos trabalhadores com salários em atraso. O espectáculo «1383 zinho», em adaptação de Virgílio Martinho a partir do seu «1383», estará no Teatro da Academia Almadaense, em quatro sessões já do próximo domingo.

A distribuição dos bilhetes, de acordo com o critério estabelecido, foi entregue à União dos Sindicatos de Setúbal. De manhã há duas psessões (10 e 30 e 11 e 30), com outras duas à tarde (15 e 30 e 16 e 30).

A peça, que assim será oferecida em estreia, é uma encenação de Joaquim Benite, com carácter experimental, tendo como característica principal o facto de os actores se vestirem e despirem no palco. As cenas são feitas através da própria iluminação.

«Isto está relacionado com a nossa maneira de ver os espectáculos para a criança» — diz-nos António Assunção. «Pensamos que, não sendo o teatro uma ciência exacta, é preciso estudar a melhor a maneira de o fazer.»

O «1383 zinho» tem sido motivo de verdadeira discussão no seio do próprio Grupo de Cam-

polide, atendendo sempre à experiência acumulada com outros espectáculos infantis, como é o caso de «A menina, o Gato e o Robot», um espectáculo que se mantém em cena também com agrado dos adultos.

O elenco para «1383 zinho»: António Assunção, Henriqueta Maia, Canto e Castro, Teresa Gafeira, José Martins, Luis Vicente, Victor Gonçalves, António Mota, Isabel Leitão, Luísa Ortigoso.

O reportório infantil do Grupo Campolide fica, deste modo com três peças: além das duas citadas, há «Sim ou não Fernão?», também um original de Virgílio Martinho, num espectáculo da iniciativa da Câmara de Almada, incluído nas comemorações do centenário da morte de Fernão Mendes Pinto.

O «Sim ou não, Fernão?» é destinado a representações em salas de aula, o que já aconteceu por dez vezes. Tem duas partes, sendo a primeira constituída pela teatralização de dois ou três capítulos de «Peregrinação». Na segunda parte, motiva-se a conversa com as crianças, procurando levá-los a representar ou contarem histórias da obra.

O Pissol da Esperança

de Joaquim & Ribeiro

RESTAURANTE • CERVEJARIA • PASTELARIA

RUA DA ESPERANÇA, 96 a 96-A TELEF. 66 00 40 1200 LISBOA



AOS CONDUTORES

Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro.

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	99\$80	105\$80	
ALEMANHA FED (marco)	47\$40	48\$50	
ÁUSTRIA (xelim)	6\$65	6\$85	
BÉLGICA (franco)	2\$158	2\$358	
BRASIL (cruzeiro)	\$060	\$110	
CANADA (dólar - notas de 1 a 2)	105\$20	107\$20	
(notas de 5 a 1000)	105\$70	107\$70	
DINAMARCA (coroa)	13\$10	13\$50	
ESPAÑA (peseta)	\$789	\$909	
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	131\$35	133\$35	
(notas de 5 a 1000)	131\$85	133\$85	
FINLÂNDIA (marka)	22\$30	22\$90	
FRANÇA (franco)	15\$45	16\$10	
HOLANDA (florim)	42\$15	43\$15	
INGLATERRA (libra)	187\$95	191\$95	
IRLÂNDIA (libra)	147\$60	151\$60	
ITALIA (lira)	\$071	\$081	
JAPÃO (iene)	\$533	\$568	
NORUEGA (coroa)	16\$80	17\$30	
SUECIA (coroa)	16\$20	16\$80	
SUIÇA (franco)	59\$35	60\$45	
VENEZUELA (bolívar)	7\$95	\$895	

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; 17.00: ZGHIBZ; 18.30: Informativo de trânsito; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim - o espaço é seu; 21.00: Toda a gente é pessoa; 21.30: Viva a noite; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

16.00: Intérpretes portugueses; 16.50: Momento de poesia; 17.00: As palavras dos músicos; 17.30: Sinfonia n.º 3, em mi bemol maior, op. 20, «Dia de Maio», de Shostakovich; 18.05: Cultu-rando; 19.30: Canções de Schumann; 20.10: Música portuguesa; 21.00: Dossiers sonoros; 22.00: Concerto comemorativo da morte de Wagner; 23.30: Sinfonia n.º 5, em dó sustenido menor, de Mahler; 00.40: Solos de órgão; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matiné; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Musical; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Cinco estrelas; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da Casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da LAR; 19.50: Bola branca (2.ª edição); 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Grande círculo; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Paju.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 915

HORIZONTAIS:

- 1 Emprega. Ocultamos.
- 2 Porcos. (Prov.). Planta também chamada de orelha-humana.
- 3 Cordeiro. Destruir.
- 4 Autores. Orla de terra, confinando com o mar.
- 5 Contração da preposição de com artigo. Bondoso. Regra.
- 6 Botequins. Oásis.
- 7 Lista. Zomba.
- 8 Tronco grosso. Bondosa.
- 9 Aqueles que trabalham em louça de barro.
- 10 Basta! Nesse lugar. Nome dado ao carbonato de sódio.
- 11 Medida de superfície. Transpiraram.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9767

HORIZONTAIS:

- 1 Chefe das antigas repúblicas italianas. Oculta.
- 2 Lavrar. Prendem com eles.
- 3 Li. Sentira desgosto. (fig.).
- 4 Preposição. Pátria de Abraão. Prata (s.q.).
- 5 Velhaca. Vendera a crédito.
- 6 Tabernas. Interjeição de dor.
- 7 Um dos Estados do Brasil. Clima.
- 8 Fileira. Cheiros.
- 9 Valado. Pequeno peixe brasileiro.
- 10 Mãe de Ismael. Retrucar. (pop.).
- 11 Habitaras. Pedra de altar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 914

HORIZONTAIS:

- 1 UMA MULHER.
- 2 Nardos. Acua.
- 3 It. Ecar. Am.
- 4 Ca. Tas. Pêro.
- 5 Arse. Sa. Sal.
- 6 Aspes.
- 7 Altas. Clear.
- 8 Figs. Filme.
- 9 Era. Malham.
- 10 Voga. loço.
- 11 Acaso.

VERTICAIS:

- 1 Únicas. FEIA.
- 2 Matar. Air.
- 3 Ar. Salgava.
- 4 DETESTA. OS.
- 5 Moca. Pás. Gó.
- 6 Usasses. Ma.
- 7 As. Fa.
- 8 Há. Clilo.
- 9 EC. ESPELHOS.
- 10 Ruara. Amada.
- 11 Amolaremos.

Proverbio: UMA MULHER FEIA DETESTA OS ESPELHOS

VERTICAIS:

- 1 Larva das feridas dos animais. Concede. Apellido.
- 2 Alías. Amofinar.
- 3 Arma antiga. Macho da cabra.
- 4 O sono das crianças. Grande ce-táceo mamífero.
- 5 Cásio (s.q.). Preposição. Paz. (fig.).
- 6 Espingardeiro.
- 7 Furna. Serra de Portugal.
- 8 Guarnecel de asas. Sufixo que designa estado.
- 9 Soldado recruta. Festa e banquete por ocasião de casamento.
- 10 Agora. Enguia. Amório (s.q.).
- 11 Ririam sem ruído.

VERTICAIS:

- 1 Deusas. Estacionam.
- 2 Sufixo que designa pequenez. Inundo.
- 3 Gálio (s.q.). Começar.
- 4 Época. Pequeno símil do Brasil. Cólora.
- 5 Causas amuo a. Prefixo de privação.
- 6 Rezar. Máscara.
- 7 Cidade de Portugal. Carta de jogar.
- 8 Privais da vista. Ilha inglesa no mar da Irlanda.
- 9 Inunda. Nome de mulher.
- 10 Pátria. Ruténio (s.q.). Transpirar.
- 11 Poissais no mar (o avião). Arara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9766

HORIZONTAIS:

- 1 Tinta. Sanar.
- 2 Amoura. Gare.
- 3 Ria. Rá. Som.
- 4 It. Prima. Má.
- 5 Malão. Estar.
- 6 Ruim. Nair.
- 7 Amada.
- 8 Pira. Arte.
- 9 Amara. Aer.
- 10 Gara. RI. AC.
- 11 Asas.

VERTICAIS:

- 1 Tarim. Apaga.
- 2 Imitar. Imãs.
- 3 Noa. Lucrara.
- 4 Tu. Pai. Aros.
- 5 Ar. Roma. Aa.
- 6 Ari. Mar.
- 7 Amena. Aru.
- 8 Ag. Asada. Im.
- 9 Nas. Tiara.
- 10 Aromar. Tear.
- 11 Remar. Perco.

cartaz de cinemas e teatros



Uma cena de «Guerra Conjugal» realizado por Joaquim Pedro de Andrade em exibição no Quarteto e Xenon.

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
OS 101 DALMATAS
2.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
O REGRESSO DA 7.ª COMPANHIA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
M. 6 a.
FLASHDANCE
7.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 4 a.
O SUPER-RATO

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
MALANDRICES CASEIRAS

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 19 e 21.30 - Para Todos
O KRULL
Às 24
O SANTO EM ACÇÃO

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Às 24
MORTE AO SOL

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.45 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
BOBBY

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
O HOMEM DO RIO NEVADO

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
McQUADE, O LOBO SOLITÁRIO

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Bilhetes à venda para a noite de 31/12
Revelion 83/84

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
**OS DEUSES DEVEM
ESTAR LOUCOS**
74.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 13 a.
O BOM CASAMENTO
Às 24
A SENHORA SABE DA PODA

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
- M. 6 a.
O HOMEM DO RIO NEVADO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
KRULL

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
CLASSE

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
VAMOS A ISTO RAPAZES
Às 21.30
CAMPEÕES DO RING

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
Às 24
A ÚLTIMA MULHER

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
- M. 12 a.
007, OPERAÇÃO TENTÁCULO
Às 23.45
007, MISSÃO ULTRA-SECRETA

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
CLASS

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
BONDITIS, AGENTE SECRETO...

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA
c/ Terence Hill e Bud Spencer

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- M. 16 a.
ESMERALDAS SANGRENTAS

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 18 a.
OS VIAJANTES DA NOITE
Às 23.30 - M. 18 a.
AMARCOR

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 18 a.
QUERELLE
Às 23.30 - M. 18 a.
ARMADILHA INTERNACIONAL

SALA 3

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 12 a.
O ANO DE TODOS OS PERIGOS
Às 23.30 - M. 18 a.
INFERNO

SALA 4

Às 14.15, 16, 18, 20 e 22
- M. 16 a.
GUERRA CONJUGAL
Às 23.30 - M. 18 a.
AS BAILARINAS

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 16.30 e 21.30
- Para Todos
ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA
c/ Terence Hill e Bud Spencer

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
CHAMAVAM-LHE GÊNIO

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 12 a.
**OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO
TENTÁCULO**

SALA 3

Às 14.30, 18.15 e 21.15 h
- Maiores 12 anos -
SOPHIE'S CHOICE
- 1.ª Semana

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.45, 19 e 21.30
- Para Todos
OS 101 DALMATAS
Às 24
MISSÃO GALÁTICA

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
- M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

STAR 304210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
A VIDA É UM ROMANCE

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- M. 6 a.
KRULL

TIVOLI 70595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
OS 101 DALMATAS

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
BANZAI, O GRITO DA VITÓRIA
3.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
GUERRA CONJUGAL
Às 23.45
O HOMEM DE HOLLYWOOD

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.45 (12 anos)

ALFA-2 - «Os Supergénius», às 21.15 (12 anos)

ALFA-3 - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)

APOLLO 70 - «Os Supergénius», às 21.30 (12 anos)

CITY-CINE - «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)

MUNDIAL - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)

CINE-ESTÚDIO ACS - «Querido Fantasma», às 21.15 (6 anos)

CAPITÓLIO - «1001 Noites Eróticas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

OLIMPIA - «As Devassas de Pigalle», sessões permanentes (18 anos)

RESTELO - «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)

ROYAL - «O Vale Perdido», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «A Maça», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - Cine-Estúdio - «Superman III», às 21.30 (12 anos)

COSTA DE CAPARICA - «Sicine - Tootsie», às 21.30 (13 anos)

ALMADA - Incrível - «E. T., o Extraterrestre», às 21.15 (6 anos)

ALMADA - Academia - «A Escolha de Sofia», às 21.15 (13 anos)

TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «E. T., o Extraterrestre», às 21.15 (6 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS - Oxford - «Oh! Amigos Meus», às 21.30 (12 anos)

ALGÉS - Stadium - «Serenata à Chuva», às 21.15 (6 anos)

PACO DE ARCOS - Chaplin - «O Cowboy da Meia-Noite», às 21.15 (13 anos)

OEIRAS - Oeiras-Cine - «Os Aventureiros do Fim do Mundo», às 21.15 (13 anos)

PARADE - Royal-Cine - «Os Boínas Verdes», às 21.30 (13 anos)

SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia - «Gelado de Limão 4», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - Casino - «Flashdance», às 21.15 (6 anos)

CASCAIS - Impala - «Alvo Água», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

ERICEIRA - Cine-Estúdio - «Harry, o Implacável», às 21.15 (18 anos)

AMADORA - Cine-Plaza - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)

AMADORA - Lido - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)

AMADORA - Cine-Estúdio - «Flashdance», às 21.30 (6 anos)

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «As Sandálias do Pescador», às 21.30 (13 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - «Violência Canibal», às 21.30 (18 anos)

Porto

ESTÚDIO - «O Meu Nome é Ninguém», às 21.30 (13 anos)

RAIONE - «O Sobe e Desce», às 21.30 (6 anos)

OLIMPIA - «O Arqueiro de Fogo», às 21.30 (13 anos)

LUMIERE-L - «5 Dias num Verão», às 21.45 (13 anos)

ÁGUA - «O Super-Rato», às 21.30 (6 anos)

BATALHA - «Espíões por Conta Própria», às 21.30 (6 anos)

TRINDADE - «Feliz Natal Mr. Lawrence», às 21.30 (12 anos)

CHARLOT - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)

BEBÉ - «Contos da Loucura Normal», às 21.30 (18 anos)

TERÇO - «A Grande Desforra», às 21.30 (13 anos)

JULIO DINIS - «Os Repetentes em Férias», às 21.30 (13 anos)

PASSOS MANUEL - «Os 101 Dalmatas», às 21.30 (6 anos)

SÃO JOÃO - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)

COLISEU - «O Arco e a Flecha», às 21.30 (6 anos)

LUMIERE-A - «Octopussy», às 21.30 (13 anos)

PEDRO CEM - «A Vida é um Romance», às 21.30 (12 anos)

FOCO - «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALCANTARA: Vieira Rosa, R. Prior do Crato, 72 (T. 660187); **AREIRO: Vera Cruz**, P. Afonso Peixoto, 2-B (T. 884941); **BENFICA - ESTACÃO**, 9-B (T. 533411); **GRACA: Monte**, R. Senhora do Monte, 3

A-B (T. 867842); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO SEBASTIÃO: Novais**, Av. Luís Bivar, 11-13 (T. 544324); **ALTO DE ALGÉS: H. Amaral**, R. X. lote 146-A; **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 910812); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328);

teatros

Lisboa

COLISEU - O Circo do Natal, às 21.30 (6 anos)

PRACA DE TOIROS DO CAMPO PEQUENO - Circo Chen, às 21.30 (6 anos)

ABC - «Todos Tesos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

VARIADADES - «Um Fantasma Chamado Isabel», às 21.30 (13 anos)

TEATRO ABERTO - «Comédia à Mota Antiga», às 21.30 (13 anos)

D. MARIA II - «Longa Viagem para a Noite», às 21.15 (12 anos)

TEATRO DA GRACA - «O Rufa na Escada», às 21.45 (13 anos)

MARIA VITÓRIA - «Quem Me Acaba o Resto?», às 20.30 e 22.45 (16 anos)

CASA DA COMÉDIA - «Marlowe», às 22.00 (13 anos)

PRACA DE ESPANHA - Circo Americano (6 anos)

MARIA MATOS - «Annie», às 21.00 (6 anos)

VILLARET - «Super Silva», às 21.30 (13 anos)

Porto

COLISEU - Festival de Circo, às 21.30 (6 anos)

PALÁCIO DE CRISTAL - Circo Hamar, às 21.30 (6 anos)

SÁ DA BANDEIRA - «Ao Que Nós Chegamos», às 21.30 (13 anos)

CAMPO ALEGRE - «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)

TEP - Escola Académica - «Quase um Conto de Fadas», às 21.30 (13 anos)

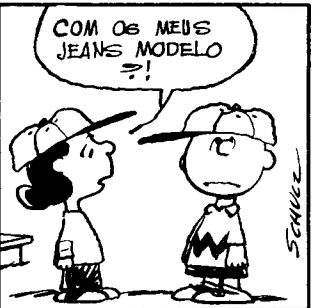
REFORÇO

ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **ALTO DE SÃO JOÃO: Nova Luz**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **ANJOS** - «CHILE: Antólin, Av. Almirante Reis, 88-B-C (T. 821773);



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico: DIBOA
Telex 12383 LISBOA PORTUGAL
DELEGACÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE			
PREIA-MAR BAIXA-MAR			
5.13	4.2 m	11.01	0.9 m
17.43	3.9 m	23.14	1.2 m
Dia 24			
6.01	4.1 m	11.54	1.1 m
18.36	3.8 m		
TEMPERATURAS DO AR			
AS 6 HORAS			
VIANA DO CASTELO	15°		
BRAGANÇA	10°		
VILA REAL	11°		
PORTO	14°		
COIMBRA	14°		
CABO CARVOEIRO	15°		
PORTALEGRE	9°		
LISBOA	13°		
ÉVORA	9°		
BEJA	9°		
FARO	11°		
SAGRES	—		
PONTA DELGADA	14°		
FUNCHAL	18°		

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento moderado do Sudoeste, soplando por vezes fortes nas regiões do Norte. Períodos de chuva nas regiões do Norte e Centro.

últimas

UM «GANG» DE TRAFICANTES DE DROGA, especializado em assaltar marginais do mesmo «ofício», acaba de ser desmantelado pela Polícia Judiciária que surpreendeu, e deteve, os seus cinco membros em flagrante delito num local ermo da zona de Sintra. No carro em que se transportavam foram encontradas caçadeiras com os canos cortados, punhais, matracas, droga, dinheiro e outros objectos ao que tudo indica provenientes de assaltos. Os detidos, que já foram presentes aos Juizes de Instrução Criminal, têm idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos.

UMA «ESCRAVA» COM SETE VOLTAS, avaliada em 120 contos, foi roubada à jovem Matilde Reigo por um rapaz com quem conviveu alguns dias no Porto. Adão da Vinha, o galanteador, acabou no entanto por ser ontem detido na «Shopping Center Brasília» naquela cidade, dizendo (veja-se) que a «escrava» lhe fora roubada nesse mesmo dia no Café Imperial, por alguém que lhe roubou o casaco de cabedal, em cujos bolsos a mesma estava.

MARMORISTA ATINGIDO A TIRO nas proximidades do Porto por «ratos» de automóveis que disparavam sobre o proprietário de uma viatura que tinham furtado momentos antes em Trofa. Francisco Fernandes da Silva Torres, de 18 anos, deu entrada em estado grave no Hospital de S. João.

UMA EXPLOÇÃO NO PORTO DO FUNCHAL feriu com gravidade um marinheiro sueco, pertencente à guarnição do navio de guerra sueco «Carlskrona». A ocorrência terá tido origem devido à anomalia num termo-acumulador de água. A deflagração provocou ainda prejuízos avaliados em 600 contos.

A VARIANTE E PASSAGEM DESNIVELADA DE PADRÕES no itinerário Lisboa-Algarve, próximo de Grândola, foi inaugurada. A sua abertura ao trânsito permite assim eliminar uma passagem de nível e melhorar as condições de circulação.

Martins Rosado (USL)



Esta noite, em 25 localidades de 11 distritos do País, o **Movimento Sindical Unitário** promove uma vigorosa e, em certos aspectos, inédita, **jornada de luta contra a política laboral deste Governo** que temos e contra a situação de miséria que muitos milhares de trabalhadores vivem já.

Em Lisboa a concentração far-se-á no Rossio, pelas 21 horas. Segue-se um desfile até à Assembleia da República, com passagem pelas Ruas do Carmo e Garrett e pela Calçada do Combro. Em S. Bento depois de alguns discursos, realizar-se-á uma vigília que, para dirigentes sindicais e representantes de empresas durará toda a noite.

Ao telefone com Martins Rosado, membro da Comissão Executiva do Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa pedimos-lhe para nos resumir os objectivos desta jornada:

«Fundamentalmente é uma jornada pelo pagamento dos salários em atraso, mas não só. Trata-se também de uma forma de luta de todos os trabalhadores contra o desemprego, contra o aumento do custo de vida, contra o roubo do 13.º mês.»

Ao que julgo saber esta jornada terá características especiais...

«É verdade. Só pela dimensão que a vigília vai assumir, só aí, já poderíamos dizer que esta jornada será qualquer coisa de inédito. No desfile os representantes das empresas levarão bandeiras pretas simbolizando a fome e a miséria que se abateu sobre muitos milhares de famílias de trabalhadores. Nas mãos destes homens e mulheres com salários em atraso ou pura e simplesmente no desemprego —

e nas mãos de muitos dos seus familiares que certamente os acompanharão — surgirão igualmente archotes, que serão mantidos acesos pela noite dentro. No local da vigília funcionará uma comissão de apoio material a todos os participantes, e por lá irão passar dezenas de personalidades que querem demonstrar a sua solidariedade com os trabalhadores nesta situação — bem como muitos dos nossos artistas de teatro, do cinema, da canção, que ali levarão a sua mensagem solidária.»

Falou em representantes de empresas no desfile...

«... Bom, eu referia-me à cabeça do desfile onde irão as empresas que, em princípio, estão a viver as situações mais gravosas, como é o caso, entre outras, da Sorefame, Somapre, Corame, Gelmair, Fábrica de Portugal, Messa, MDF e ETL. Mas lá estarão representantes de muitas e muitas empresas, pois, infelizmente, a situação social no distrito é particularmente grave e dramática no que respeita aos salários em atraso.»

«Pode dar exemplos?»

«São tantos... Dir-lhe-ei que há empresas em que os trabalhadores não recebem o salário há mais de um ano. Só no distrito de Lisboa a dívida do patronato é de cerca de 2 milhões de contos em apenas 15 sectores de actividade e em 119 empresas abrangendo 30.635 empregados.»

«Mas porque é que isto acontece?»

«Os motivos são variados. Há empresas onde efectivamente há dificuldades financeiras e económicas, quase sempre resultantes da política económica dos sucessivos governos, com destaque para os da AD e o actual, de Mário Soares/Mota

ao telefone com

“Bandeiras negras e archotes na vigília contra a fome”

Pinto. Mas há também empresas onde o patronato não paga, ou retarda os salários e subsídios com o objectivo de travar as lutas reivindicativas dos trabalhadores para assim criar condições para o despedimento colectivo, fazendo crer que estão em dificuldades...

«...Pode dar nomes de empresas nessa situação?»

«Posso. É o caso de algumas tentativas da Fábrica de Portugal, Simões Pipa, Papal, Sorefame. Mas há outras variantes... Empresas há onde o patronato, com o objectivo de sacar — é o termo — o dinheiro do Fundo de Desemprego e de outros organismos para onde os trabalhadores descontam directa ou indirectamente, invocam os salários em atraso e conseguem avultados subsídios para os pagar — só que depois são desviados para seu benefício próprio e até colocado na banca a render juros. E já que me está sempre a pedir nomes, aponto um exemplo flagrante desta situação: uma das empresas do «Grupo J. Pimenta». Esta empresa já conseguiu 350.000 contos de empréstimos através de uma linha de crédito da Banca nacionalizada e tem os salários e os subsídios devidos aos trabalhadores atrasados em seis meses.»

«E o governo não tem conhecimento dessas situações? Não faz nada?»

«Ai está o mais grave de tudo, na nossa maneira de ver. É escandaloso e dramático que o governo nada faça e até dê cobertura a estas situações ilegais, imorais e desumanas. Não procede à fiscalização e controlo dos subsídios do Estado a essas empresas e o patronato faz o que quer. Mas infelizmente ainda há situações mais espantosas: o próprio governo procede da

mesma forma que o patronato, visto que se dá ao luxo e à pouca vergonha de também não pagar aos trabalhadores de muitas empresas nacionalizadas e públicas que estão nesta mesma situação. É triste, mas é verdade: até ao momento o governo não tomou uma medida que fosse visando minorar ou resolver este escandaloso flagelo. Pelo contrário?»

«Sim, sim. Com este governo os trabalhadores e as camadas mais desfavorecidas da população têm mais fome, mais miséria, mais repressão, mais desemprego, em suma, mais instabilidade e insegurança social. Em contrapartida, para os capitalistas não há problemas...»

«Não exagera...»

«Claro que não exagero. Repare numa coisa: as leis favoráveis aos trabalhadores só o são no papel, pois não se aplicam; elaboram-se outras leis favorecendo o grande patronato e procura-se logo forma de as

levar à prática — nomeadamente o «lay-off», a liberalização dos horários; perdoam-se ao patronato as dívidas aos trabalhadores e ao próprio Estado — é o caso dos mais de 65 milhões de contos que o patronato deve à Previdência, 230 milhões de contos de crédito malparado, mais de 160 milhões de contos de rendimento do capital que anualmente foge calmamente ao fisco, cerca de 5 milhões que estão previstos no Orçamento do Estado para os subsídios ou aplicação do «lay-off» sem qualquer controlo, milhares de contos que são retidos impunemente pelo patronato das quotizações dos trabalhadores para os sindicatos, mais de 140 milhões de indemnizações aos grandes capitalistas e latifundiários... Olhe, o rosário nunca mais acabava. Acha que estou a exagerar?»

«Quem, eu? Olhe, passo a pergunta aos leitores.»

Ribeiro Cardoso

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

- 1.º prémio — 123 809 — 200 000 contos
- 2.º prémio — 133 914 — 80 000 contos
- 3.º prémio — 109 079 — 30 000 contos

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA — BRAGA — PORTO — AVEIRO — COIMBRA — SETUBAL — FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

123 803 — 1.476.500 \$00
123 811 — 1.476.500 \$00

PRÉMIOS DE 1.322 \$000 E

477; 1.177; 2.970; 14 205; 25 307; 21 307; 23 662; 26 822; 32 383;
2.276; 39 249; 39 767; 50 628; 68 293; 68 495; 71 744; 76 138; 78 786;
84 215; 1 337; 85 224; 86 695; 62 306; 88 417; 100 453; 104 519; 104 426;
106 436; 112 674; 115 423; 118 066; 121 680; 122 394; 115 571; 127 666; 127 664;
127 904; 131 601; 132 175; 134 005; 135 580; 142 057; 147 137; 149 759; 158 919;
161 070; 161 005; 169 744; 171 020; 171 683; 178 821; 179 631; 180 240; 189 321;
188 745; 193 111 e 197 134.

PRÉMIOS AOS ALGARCIOS FINAIS

100.000 \$00 — 079; 809 e 914.
100.000 \$00 — 229; 261; 287; 298; 328; 337; 276; 411; 468; 546; 664; 674;
733; 838; 858 e 885.
40.000 \$00 — 63 e 97.
13.000 \$00 — 9 (terminação)

PRÉMIOS DE 80.000 \$00 (CENTENAS)

109 001 a 109 100; 123 801 a 123 900 e 133 901 a 134 000.

Maquinista tinha-se injectado com heroína

O maquinista do metropolitano de Madrid responsável pelo cho-

que, ocorrido no passado dia 12, da composição que conduzia com o término da linha, tinha-se injectado com heroína, horas an-

tes do acidente, soube-se hoje, de fonte judicial.

Miguel Angel Tutor Chamorro, de 24 anos, foi colocado em regime de prisão preventiva, por ter conduzido sob o efeito da droga,

declarou o juiz de instrução encarregado do caso. Além das picadas nos braços, as análises ao sangue e a urina confirmaram que o maquinista se tinha drogado no próprio dia do desastre. Interrogado pouco depois da

ocorrência, Miguel Angel afirmou que «não sabia exactamente de que cor era a sinalização» antes da estação e que não conseguia definir se o choque fora resultante de um erro seu ou de deficiência técnica dos sinais.

OURIVESARIA

MOITINHO

67 — RUA DA PRATA — 69

Cumprimenta todos os seus Exmos. Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas-Festas e um Novo-Ano muito Próspero.

OURIVESARIAS

BARBOSA, ESTEVES, LD.ª

OURIVES — JOALHEIROS

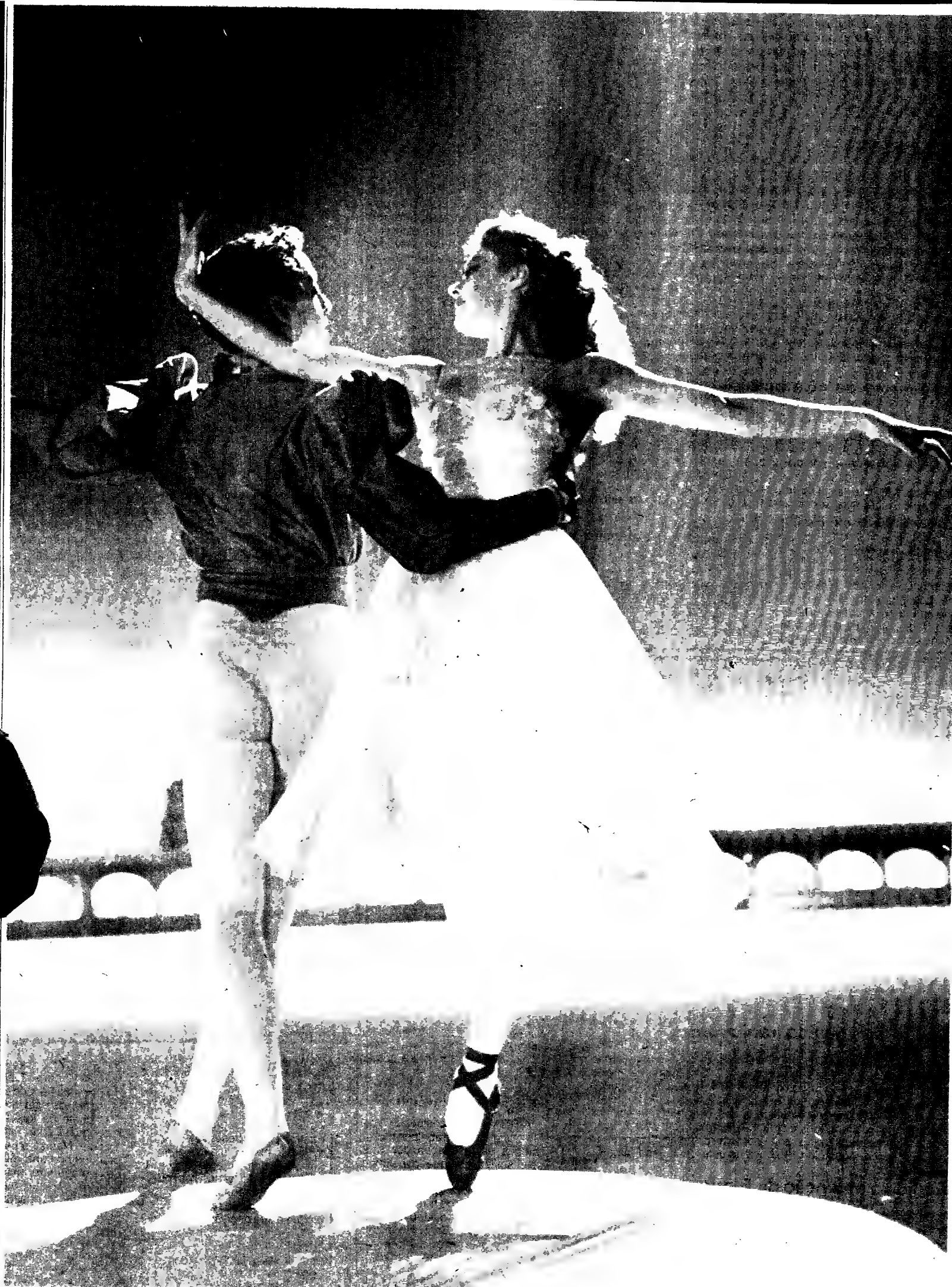
SEDE

293 — RUA DA PRATA — 295

Cumprimenta todos os seus Exmos. Clientes e Amigos, desejando-lhes Boas-Festas e um Ano Novo de muitas prosperidades.

JANITA
SALOMÉ

«Música
alentejana
e árabe:
um canto
de
meditação»



O regresso de
«Os sapatos vermelhos»

CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA CINEMA

Os sapatos vermelhos

Não é meu costume destacar neste cartaz um filme que não vi, mesmo que as referências que o acompanhem sejam as melhores. Este destaque não tem cariz promocional, mas não esquece que a capa e estas linhas com fotografia funcionam de facto como promoção. Os críticos são, queiram ou não, agentes para publicitários — já o notava Brecht e com razão.

Acontece que o panorama cinematográfico está em plena confusão. Um filme que tinha todas as condições para ser a prenda deste Natal — **Os Marretas contra-atacam** — sumiu-se num ápice, espantosamente ignorado pelo público. O último e desejado Os-hima — **Furyo** — foi para o Porto. Em quadra natalícia estreiam **O bom casamento** de Rohmer, lançando-o à fogueira. É o desnoite, a crise.

Daí que, esta semana, se chame a atenção para um filme de que não sei nada a não ser que vem do cinema musical britânico pela mão de um dos seus mestres menos conhecidos em Portugal: Michael Powell. Realizado em 1948 foi um dos êxitos estrondosos desse ano e, em Portugal, foi o escolhido para a inauguração do S. Jorge. Agora volta à sala da Av. Liberdade e, pelo menos, merece a atenção dos que se interessam pelo cinema. Eu, pelo menos, não vou perder.

Cinema S. JORGE 3 (14.45, 18.15 e 21.15 h.)
(para maiores de 6 anos)



«Os sapatos vermelhos»: melodrama musical do surto britânico do género, no pós-guerra

A VIDA É UM ROMANCE

A ironia e a ternura, o cepticismo e uma crença funda, tais são os vectores de **A vida é um romance**, um filme especialmente talhado para programadores de

alheia felicidade. Resnais continua a fazer um cinema estimulante.

Cinema STAR (15, 18.15 e 21.30 h.; sábados e domingos: 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.)
(para maiores de 12 anos)

O REGRESSO DE JEDI

«O terceiro filme da saga de George Lucas não desce à féerie lúdica do primeiro nem sobe à sumptuosidade do segundo, mas é a possível conclusão de um dos projectos mais conseguidos dos

últimos tempos.

Cinema HOLLYWOOD — SALA 1 (14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h.)
(para todos)

O ANO DE TODOS OS PERIGOS

Peter Weir consegue aqui o

seu melhor filme numa película plena de concessões mas que, sempre que acerta, acerta quase em cheio. Uma dessas coisas é a actriz Linda Hunt que «come» o filme às duas supostas vedetas: Mel Gibson e Sigourney Weaver.

Cinema QUARTETO — SALA 3

(14.15, 16.30, 19 e 21.15 h.)
(para maiores de 12 anos)

QUERELLE

Belíssimo cinema debruçado sobre o teatro, **Querelle** é o filme-limite de uma carreira (a de Fassbinder) e de um desespero. Fácil de admirar, **Querelle** é também um filme impossível de amar.

Cinema QUARTETO — SALA 2 (14.30, 16.45, 19 e 21.15 h.)
(para maiores de 16 anos)

OPERAÇÃO THOR

O fascínio da tecnologia, o seu medo e volúpia, estão por dentro e por fora deste filme.

John Badham está longe das travoltices e dos draculismos de ainda há bem poucos anos.

Cinema QUINTETO (14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.)
(para maiores de 12 anos)

KRULL

Entre a ficção científica e o filme de «sword and sorcery» decorre **Krull**.

Peter Yates já fez melhor. E pior, também.

Cinemas CINE 222 (14, 16.30, 19 e 21.30 h.), IMPÉRIO (15.30, 18.30 e 21.30 h.) e TERMINAL (11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h.)

007 — OPERAÇÃO TENTÁCULO

O habitual «circo» dos filmes de 007 com ingredientes conhecidos e um humor certo. A consumir sem desprazer e a esquecer sem remorsos.

UMA PRENDA MUITO ESPECIAL!



«COMO SE FORA SEU FILHO»

O ÚLTIMO ORIGINAL
de
ZECA AFONSO

PRODUZIDO E EDITADO POR

Também em cassete



AS ESTRELAS

A Vida é um Romance	★★★★
O Regresso de Jedi	★★★★★
O Ano de todos os perigos	★★★
Querelle	★★★
Operação Thor	★★★
Krull	★★★
007 — Operação Tentáculo	★★★
Oficial e Cavaleiro	★★★
Flashdance	★

A «CHAVE»

- ★★★★ — Excepcional
- ★★★ — Bom
- ★★ — Interessante
- ★ — Desinteressante
- — A evitar

NO MELHOR «REVEILLON» DO ALGARVE 1983/1984



HOTEL MONTECHORO

ALBUFEIRA-ALGARVE

TEM A HONRA DE APRESENTAR
OS FABULOSOS PLATTERS E SEUS MÚSICOS

GRUPO TERRA A TERRA

E os conjuntos: Los Bombines & Sandra
Carlos Lã (Privativo do Hotel)

PREÇOS ESPECIAIS PARA
GRUPOS PARA «REVEILLON»
E ESTADIA

RESERVAS: 53424/27
(089) 53947

J.L.R.

«Longa Viagem para a Noite»: Lygia Teles e Carlos Daniel

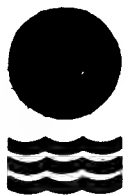
AV. SABÓIA, N.º 3 – MONTE ESTORIL
· INFORMAÇÕES PELO TEL. 2680965

HOTEL LONDRES

NA ROLETA DO ESTORIL, HOTEL LONDRES
A SORTE DA SUA ESCOLHA!

REVEILLON 83/84

Informações e Reservas:

Av. Fausto Figueiredo, 17 — 2765 ESTORIL
Telefone 268 42 45 Telex 14851

HOTEL SOL E MAR

☆☆☆☆
ALBUFEIRAORGANIZAÇÕES HOTELEIRAS BARATA, LD.^a

RÉVEILLON

Jantar de S. Silvestre

A PARTIR DAS 21 HORAS

BAILE

com

CONJUNTO SRATUS
FOLCLORE

ORGANISTA PRIVATIVO

OLGÁRIO BARÃO

3.500 ESC. P/PESSOA INCLUINDO:
1 GARRAFA DE CHAMPANHE P/4 PES.

A PARTIR DAS 22 HORAS

ENTRADA PARA BAR

1500 ESC. P/PESSOA C/DIREITO A 1.ª BEBIDA

TEL.: 089-52121/4 — TELEX 5621 GONPI P-8200 ALBUFEIRA — ALGARVE — PORTUGAL

«WESTERN SHOW»



FIM DO ANO NO OESTE

DIAS 28-29-30-31
TRAJE-SE À ÉPOCA

COM CEIA NO

«CAFÉ — CONCERTO»

RESERVAS DE MESA
(A PARTIR DAS 19 H.)R. DO NORTE, 24 (AO BAIRRO ALTO)
TEL. 366387

TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO



«Marlowe» na Casa da Comédia

Casa da Comédia

Rua S. Francisco de Borja, 24
(às Janelas Verdes)
Tel. 607299(Quintas e sextas às 22.00 horas,
sábados às 21.15 e 23.45 horas).**ZIGUEZAGUE** — Cabaret.
Texto e encenação de Fernando
Gomes, sonoplastia e luminotéc-
nica de Eduardo Cruz, interpreta-
ção de Fernando Gomes, Maru-
ga, Cândida Vieira, Isabel Ribas,
Miguel Guilherme e Rogério Samora.(Domingos, segundas, terças e
quartas às 22 horas)
«**MARLOWE**» — Café-Teatro
Policial texto a partir de um perso-
nagem de Raymond Chandler,
música de Luigi e Sérgio António,
criação ambiental de João Pedro
Costa e Jorge Maria Galvão, in-
terpretação de António Feio, Dur-
val Lucena, José Jorge Duarte,
Luigi Abondanza, Maria Vieira e
Sara Lima, ao piano, Sérgio Antó-
nio.Estreia no dia 11, às 16.00 ho-
ras a peça infantil «**VENHAM
VER A FESTA DO SOL**» com en-
cenção de Glicínia Quartín e in-
terpretação de Shila, Madalena
Pinto Leite, Paulo Guilherme e
Paulo Gouveia.

Comuna

Praça de Espanha —
Tel. 720818

«Comédia à Moda Antiga»



Henriqueta Maya e Luís Vicente

A CASTRO de António Ferreira
(sextas e sábados às 21.30). Ver-
são cénica e encenação de João
Mota, dramaturgia de Abel Neves
e João Mota, música de Eduardo
Pais Mamede, direcção e cons-
trução de instrumentos musicais
de José Pedro Caiado, figurinos
de Carlos Paulo, máscaras de
Jorge Loureiro e Carmen Mar-
ques, interpretação de Luzia Pa-
ramés, Carmen Marques, Amélia
Videira, Carlos Paulo, João Mota,
Alexandre Sousa, Lídia Franco,
Abel Neves, Adriano Luz, Carlos
Delgado, Jorge Costa, Jorge Lou-
reiro, Paulo Ferreira, Ana Cristina
e Quicas.

Café Teatro

«**QUERO O MEU VÍCTOR A
CORES**» texto de Carlos Paulo,
direcção de João Mota, direcção
musical de Eduardo Pais Mame-
de, coreografia de Fernando Lima
e interpretação de todo o elenco
da Comuna Teatro de Pesquisa.Igreja Barroca do Antigo
Convento de Xabregas«Companhia de Teatro Ibérico»
Rua de Xabregas, 54 —
Tel. 382531**LISBOA 1500 — O SONHO
DO AMOR E DO IMPÉRIO**, de Gil
Vicente — (sextas e sábados às
21.30). Encenação de José
Blanco Gil, música de Nelson
Moura, cenários de Ferreira de
Almeida e interpretação de Ana
Santos, Arlete de Sousa, Branco
Gil, António Filipe, Francisco
Soromenho e Isabel Roxo.Domingos às 16 horas, a peça
infantil:
«**NO REINO DA TRAPALÂN-
DIA**» de Eduardo Blanco Amor,
encenação de Branco Gil e in-
terpretação de Arlete de Sousa, Ana
Santos, António Filipe, Isabel
Roxo e Fernando Soromenho.

«No Reino da Trapalândia» de Eduardo Blanco Amor

D. Maria II

Rossio — Tel. 322210

(De terça a sábado às 21H00 e
domingos às 15H00).**LONGA VIAGEM PARA A
NOITE** de Eugene O'Neill. Ence-
nação de Jacinto Ramos, tradu-
ção e adaptação de Paulo Fer-
reira da Silva Teles, cenários e
figurinos de Paulo Guilherme,
música de César Batalha e in-
terpretação de Rogério Paulo, Lygia
Teles, Mário Pereira, Carlos
Daniel e Luz Franco.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras —
Tel. 897017**ANNIE** — Musical. Encenação
de Angel Justa, direcção de acto-
res de Armando Cortês, tradução
e adaptação de César de Oliveira,
cenários de Moniz Ribeiro, figuri-
nos de Costa Reis, direcção
musical de Jorge Machado e
interpretação de Nicolau Breyner,
Rita Ribeiro, Armando Cortês,
Manuela Maria, Carlos Quintas,
Natália de Sousa, Luís Horta,
Verónica, Fernando Lito, Licínio
França, Rui de Sá, Sara Machado
e João Santos, entre outros. No
papel de Annie, Sandra Nunes.

Maria Vitória

Parque Mayer, Tel. 361740

(De terça a sábado às 20.30 e
22.45, domingos e feriados às
16.00, 20.30 e 22.45 horas).**QUEM ME ACABA O RESTO?**
original de Henrique Santana,
César de Oliveira, Rogério Braci-
nha e Augusto Fraga, cenários de
Ernâni e Rui Martins e interpreta-
ção de Florbela Queirós, Hen-
rique Santana, Natalina José, Car-
los Cunha, Diana e Marina Mo-
reiras, entre outros. (M/16 anos).

Trindade

Rua Nova da Trindade, 9 —
Tel. 323200/370819«Grupo de Teatro do Século»
Estreia no dia 15 do corrente,
pelas 21.30, a peça:«**OS CENCI**» de Antonin Ar-
taud, música de Alberto Lopes,
encenação de José Valentim, fi-
gurinos de Ana Cristina Batista e
Cristina Branco e interpretação
de Isabel Medina, J. Nogueira Ra-
mos, Carlos Borges, Paulo Maga-
lhães, Célia Barroca, Vítor Soa-
res, João Fernandes, José Mar-
tins, São Moreira e Pedro Barros.

TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO TEATRO

Teatro Aberto

Praça de Espanha, Tel. 770969

«Novo Grupo de Teatro», apresenta: **COMÉDIA A MODA ANTIGA** de Alexei Arbuzov, (sextas e sábados às 21.30, domingos às 16 h.), encenação de Jorge Listopad, cenografia de Dalton Salem Assef, assistência dramática de Carlos Porto, interpretação de Carmen Dolores e Curado Ribeiro.

Teatro da Graça

Travessa de S. Vicente, 11 — Tel. 875626 (junto à Voz do Operário)

O RUFIA NA ESCADA, de Joe Orton, encenação de Carlos Fernando, cenografia de Dalton Salem Assef, tradução de Helena Domingos e interpretação de Carlos Fernando, Fernanda Barreto e José Eduardo.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 326037

UM FANTASMA CHAMADO ISABEL — (Todos os dias excepto segundas), de Henrique Santana, encenação de Carlos César, interpretação de Henrique Santos, Maria Helena Matos, Isabel Ferrão, João Rodrigo, Fernanda Oliveira, Luís Esparteiro, Cláudia Martins e Carlos Miguel.

Teatro Vasco Santana

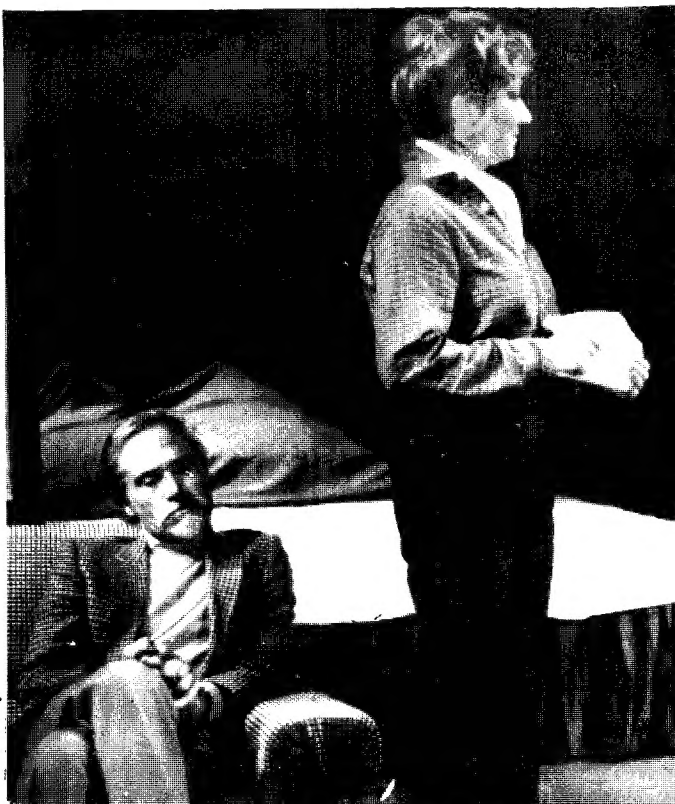
Entrecampos, junto à Feira Popular, Tel. 768609

TUDO ACABADO de Edward Albee, encenação de Luzia Maria Martins, cenografia de Fernando Filipe e interpretação de Helena Félix, Fernanda Montemor, Adelaide João, Laurinda Ferreira, José Brás, Jorge Sequerra, Carlos Mourato e Luís Beira.

Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 538180

SUPER-SILVA de Ray Conney (de terça a sábado às 21.30 — domingos e feriados, também às 16H00) encenação de João Mota, cenografia de Octávio Clérigo e interpretação de Raul Solnado, Rui Mendes, Luiz Alberto, Luís Mata, Igor Sampaio, Dulce Guimarães, Manuela Carlos e José Renato Solnado



«Tudo Acabado»: Fernanda Montemor e José Braz

REPRESENTAÇÕES ESPECIAIS

Ronda 77

Avenida Sabóia, 3 Monte Estoril — Tel. 2680965

DÁ-ME CHUTOS NO ESTÓRIL — Espectáculo de Travesti — (Sextas e sábados às 1.30 horas) com Lydia Barloff (José Manuel Rosado), Suzy Sweet, Doll Phoenix, Mimi la Chance, Cindy Scrach e José Dias.

Bar 'O Duche'

Largo da Liberdade, 33-D Costa da Caparica — Tel. 2900431

AS BELAS E O MONSTRO SAGRADO — Espectáculo de Travesti — com Lydia Barloff, Suzy Sweet, Cindy Scrach, Doll Phoenix, Mimi la Chance e José Dias.

ALMADA

«Grupo de Teatro de Campolide» apresenta a peça infantil: **1383ZINHO**, com encenação de Joaquim Benite e interpretação de Canto e Castro, Henriqueta Maia, António Assunção, José Martins, Luís Vicente, Teresa Gafeira, António Mota, Isabel Leitão, Luisa Ortigosa e Vítor Gonçalves, com o seguinte calendário: Dia 25 — Teatro da Academia Almada, pelas 10H30, 11H30, 15H30 e 16H30, espectáculos dedicados às crianças de Almada, sendo a entrada livre.

CENTRO CULTURAL DE EVORA

Teatro Garcia de Resende

«O PUTÓ BIL» — Uma aven-

ESPECTÁCULOS DE CAFÉ-TEATRO

Café-Concerto

Rua do Norte, 24 (ao Bairro Alto) — Tel. 366387

tura de Louko Lukas» com texto de Mário Barradas, encenação de Figueira Cid, cenografia de Pedro Hestres Ferreira e interpretação de Alexandre Passos, Alvaro Corte-Real, Figueira Cid, Pedro Hestres, Ferreira e Rosário Gonzaga.

O Centro Cultural de Évora apresenta nos bairros periféricos daquela cidade o seu espectáculo com **OS BONECOS DE SANTO ALEIXO**, com o seguinte calendário:

Dia 9 — Bairro de Santo António às 21.00 horas.
Dia 10 — Grupo Desportivo do Banco Espírito Santo de Lisboa — Lisboa às 16 e 17H30.
Dia 11 — Idem, às 16H00.

O Centro Cultural de Évora, apresenta também agora em digressão, a peça **O CÉU E O INFERNO** de Prosper Mérimée, numa encenação de Fernando Mora Ramos, cenografia e figurinos de José Carlos Faria e interpretação de Alexandre Passos, Ana Meira e José Russo.

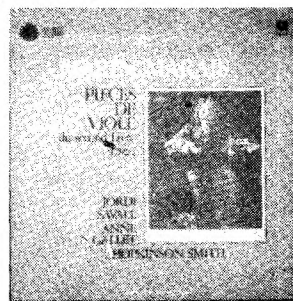
Dia 12 — Casa do Povo de Sampa — Sampa.
Dia 13 — «Grupo os Leões», de Moura — Moura.
Dia 14 — Casa do Povo — Barrancos.
Dia 15 — Casa do Povo — Póvoa de S. Miguel (Moura).
Dia 16 — Cine-Teatro Pias (Moura).

COIMBRA

Teatro Sousa Bastos

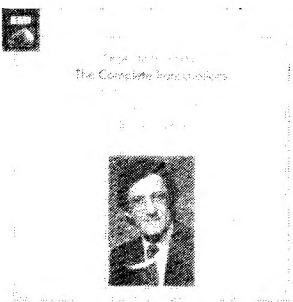
Companhia «Os Bonifrates» — **O ANIVERSÁRIO DA COLECTIVIDADE** de Sean O'Casey. Diariamente às 21.30, excepto segundas. Encenação de Fernando Mora Ramos, dramaturgia de Zé Carlos e Fernando Mora Ramos, realização plástica de Zé Carlos Faria e Carlos Madeira, interpretação de Vítor Santos, Gil Salgueiro Nave, Lélia Guerreiro, Isabel M. Luciano e José Santos Silva.

DISCOS



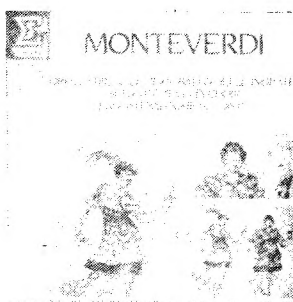
MARIN MARAIS
Peças para viola do segundo livro

A viola é, neste caso, *viola da gamba*, instrumento que o século XVII viu cair em desuso. A *artada viola da gamba*, ou *viola baixa*, foi elevada pelo francês Marin Marais a um alto grau de perfeição. Mas o facto de a família dos violinos ter suplantado e relegado para o esquecimento a *viola da gamba* fez também cair no olvido o nome deste excelente músico. Para mais, Marais foi contemporâneo de figuras como Lully, Rameau, Charpentier, Couperin; no meio desta pleiade era difícil brilhar e, sobretudo, ficar para a posteridade. Hoje, redescobrem-se as sonoridades profundas da *viola da gamba* e, com elas, a escrita inspirada deste compositor, que nos é dada por Jordi Savall, tocando um instrumento do século XVII. «Peças para viola...», de Marin Marais é uma obra a que não se volta costas. (Astrée-Dacapo).



SERGEY RACHMANINOFF
As transcrições completas

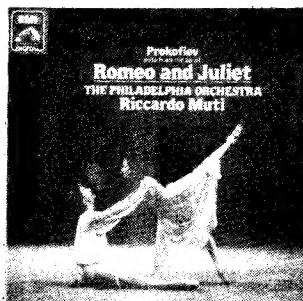
Um dos maiores pianistas do mundo — Sergey Rachmaninoff —, capaz de triunfos inimagináveis de ordem técnica, também foi mestre na arte da transcrição. Uma arte que consistia em improvisar livremente sobre certos temas ou melodias populares. Rachmaninoff, aqui interpretado pelo pianista Sequeira Costa, tinha o dom de embelezar e dar maior complexidade às obras que escolhia para posterior transcrição. Neste disco, o grande Sequeira e Costa mete ombros à tarefa de interpretar «As transcrições completas», de Rachmaninoff, que incluem composições originais ou já transcritas de Bach, Kreisler, Bizet, Mussorgsky, Mendelssohn, Schubert, Tchaikovsky, Rimsky-Korsak e, como é óbvio, do próprio Rachmaninoff. (EMI-Valentim de Carvalho).



CLAUDIO MONTEVERDI
Balli e Balletti

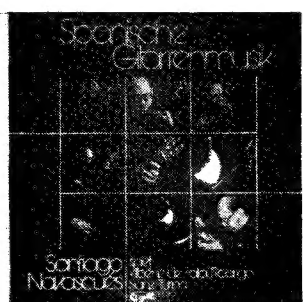
Geralmente, o *ballo* era uma peça de circunstância escrita por ocasião de um casamento, um nascimento ou uma visita oficial. Era uma forma muito cultivada na Itália do séc. XVII, usado também como *intermezzo* nas óperas da época. Combina o canto para solistas com a música de dança, sendo directamente originada no *ballet de cour* francês. Neste disco se incluem *balli* e *balletti* de Monteverdi, entre eles diversas passagens da ópera «Orfeo». A interpretação é dos «English Baroque Soloists», di-

rigidos por John Eliot Gardner. Como solistas, a soprano Patricia Kwela e os tenores Anthony Rolfe-Johnson, Lawrence Dale e Alan Woodrow (Erato-Dacapo).



PROKOFIEV
Romeu e Julieta

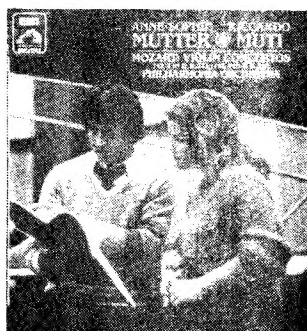
A história comovente dos amantes de Verona serviu de motivo para mais de 20 óperas e, também, para quantidade apreciável de bailados. Prokofiev foi um dos compositores que não fugiram ao fascínio de «Romeu e Julieta», criando à volta do tema uma música de bailado. Na opinião de Frank Granville Barker, que se debruçou sobre este «Romeu e Julieta», «pode-se com justiça afirmar que Prokofiev capta, nesta partitura, a essência do génio de Shakespeare de um modo mais completo de que qualquer outro desde Verdi, com «Otelo» e «Falstaff...». O «Romeu e Julieta» de Prokofiev é aqui interpretado pela Orquestra Filarmónica de Filadélfia, sob a direcção de Riccardo Muti. (EMI-Valentim de Carvalho).



SANZ, DE FALLA...
Música espanhola para guitarra

Santiago Navascués, reconhecido como o grande intérprete da guitarra da nova geração da escola espanhola, mostra todo o virtuosismo nestas peças dos mestres da sua terra. É a rica literatura para guitarra do país vizinho, a sua melancolia reservada e um pronunciado sentido do ritmo que bebem no mais profundo da alma espanhola. Do virtuosos Albéniz ao «francês» Turina, do padre seis-

centista Gaspar Sanz ao grande Manuel de Falla, passando por Joaquín Rodrigo, também autor desse belo «Concerto de Aranjuez», Navascués percorre as tonalidades ora alegres ora trágicas de uma música à qual se preocupa em dar toda a fidelidade histórica sem perder de vista a inspiração (Eurodisc-Dacapo)

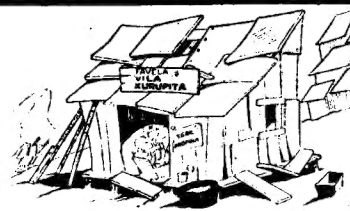


MOZART
Concertos para violino

O mundo reconheceu-o como um dos maiores virtuosos de teclado do seu tempo, ignorando que Mozart — que durante anos a fio gozou de maior reputação como violinista do que como pianista —, só não beneficiou de igual carisma no domínio da arte de bem tocar violino, apenas porque confiava pouco nos seus próprios recursos. Isso não o impediu de consagrar alguns anos da sua vida à tarefa de compor concertos (cinco) e outras peças para violino. Neste disco é-nos dado ouvir os Concertos para Violino N.º 2 em ré, K.211 e N.º 4 em ré, K.218, de Mozart, interpretados pela violinista Anne-Sophie Mutter — «Estrela do ano» em 1977 e 1979 —, com o acompanhamento da Orquestra Philharmonia, dirigida pelo maestro Riccardo Muti. (EMI-Valentim de Carvalho).

HANDEL, BACH
Halleluja

Extraídas de grandes obras dos seus autores, oito peças corais sinfónicas de inspiração ora religiosa ora profana, abarcando os períodos clássico e romântico. É um pretexto para juntar num mesmo disco o imponente «Aleluia» do «Messias» de Handel e a «Ode à Alegria» de Beethoven. Sobretudo, pode ouvir-se o excelente coro da catedral de St. Hedwigs, de Belin e a «Domkapelle Belin» sob a direcção de Roland Bader, interpretando também trechos de J.S. Bach, Mozart, Schubert, Bizet e Haydn. (Eurodisc-Dacapo).



RESTAURANTE
DANCING

FIM DE ANO BRASILEIRO

VIVA O BRASIL

COM

GILBERTO COSTA

O NASTÁSIO DA «CABOCLO»

OSCAR GONÇALVES

BAILARINO PERUANO INTERNACIONAL

CIRO

VIOLÃO E VOZ

ESCOLA DE SAMBA FAVELA

COM: Paulinho-violão
Eduardo-bateria
César-voz
Serginho-percussão

Reservas ☎ 64 64 64

Cç. Memórias, 57-A (Belém) - 1300 LISBOA



EXCURSÕES

DE LUXO — HOTÉIS DE 1.^a

NATAL E FIM DE ANO

RÉVEILLONS ★ CEIAS ★ BAILES ★ CHAMPANHE

AVIC oferece-lhe os melhores guias! Os melhores hotéis! Os melhores Pullmans! Os melhores preços para uma qualidade superior!

ITINERÁRIOS SELECIONADOS

PARIS-LOURDES-ANDORRA	10	DIAS
LOURDES-ANDORRA-MADRID	7	"
BARCELONA-ANDORRA-MADRID	6	"
ANDORRA-ZARAGOZA-MADRID	5	"
TORREMOLINOS-CEUTA	4	"
TÁNGER-TORREMOLINOS	4	"
TORREMOLINOS ESPECIAL	4	"
SEVILHA-PÁTEO SEVILHANO	3	"
CÓRDOBA-GRANADA-SEVILHA	3	"
SALAMANCA-GRAN HOTEL	3	"
ALGARVE LUXO-HOTEL JUPITER	3	"
MADRID-ESPECIAL AVIC	3	"
MINHO E GERÊS-H. TURISMO	3	"
SERRA DA ESTRELA (VÁRIOS PROGRAMAS)	2	"
BADAJÓZ-HOTEL ZURBARAN	2	"
ALGARVE-HOTEL GOLFINHO	2	"
COSTA VERDE-HOTEL MEIRA	2	"
NAZARÉ-HOTEL MARÉ	2	"

DIA DE NATAL E ANO NOVO

ALMOÇOS ESPECIAIS COM CAFE E TORRÕES

Hotel Mare e Restaurante A Alentejo, em Évora, e Serra da Arrábida, em Setúbal.

PREÇOS ESPECIAIS A GRUPOS DE FAMILIARES E EMPRESAS

RESERVAS E INFORMAÇÕES

AVIC

R. PEDRO NUNES, 39
Tel. 41116 • 571889 • 558316
LISBOA (Metro do Saldanha)

MÚSICA

O «Hoffmann» de Plácido Domingo na RTP

O fim-de-semana natalício avizinha-se pródigo em manifestações musicais e é de salientar o relevo que a RTP confere a transmissões de grande qualidade, durante esta quadra, na sua programação.

Assim, é de salientar (e muito!) a gravação da ópera **Os Contos de Hoffmann** de Offenbach, na produção que o Covent Garden de Londres apresentou para comemorar o centenário da morte daquele compositor, em 1981. Com encenação de Schlesinger (um realizador cinematográfico sobejamente conhecido) o papel titular está a cargo de Plácido Domingo, sem dúvida alguma (pese as loucuras que sobre ele se têm escrito!) um dos maiores cantores deste século e um dos intérpretes que, pela sua fortíssima personalidade teatral, pela sua musicalidade fora de série e pela

verdade dramática que confere a todas as suas actuações, marcarão a nossa época. Não é em vão que nos mais importantes teatros de ópera do mundo se formem bichas durante vários dias somente para se ouvirem as suas interpretações. Plácido Domingo é, pois, um espectáculo a não perder. Não esqueçamos ainda a presença de Ileana Cotrubas, o grande soprano que nos visitou este ano, que, encarregando-se do papel de Antónia, nos dará a oportunidade de a ouvir e ver numa das suas mais famosas e faladas criações. Em suma, uma transmissão que reúne, à partida, todas as condições da máxima qualidade e que preencherá a sua noite de Natal.

Nesse mesmo dia, na RTP 1, poderá ver um dos mais famosos bailados do repertório clássico (**O Quebra-Nozes**, com a imortal

música de Tchaikowsky) dançado por Mikhail Baryshnikov, um dos maiores bailarinos do nosso tempo. Será difícil fazer esquecer a arte suprema do grande Nureyev (que já vimos também dançar esta mesma obra), mas será com certeza uma grandíssima interpretação, que convém não perder.

O celeberrimo 2.º Acto de **O Lago dos Cisnes**, na versão Petipa-Ivanov, estará também presente nos pequenos ecrãs na sexta-feira dia 23, dançado pelas estrelas francesas Claire Motte e Michel Denard. É sempre difícil, em obras tão «clássicas» (e portanto vistas e revistas centenas de vezes), criar uma interpretação nova, pessoal e que concentre. O facto, porém, de se tratar de uma das grandes obras-primas da história do bailado merece sempre a nossa atenção e respei-

to. A Fundação Calouste Gulbenkian apresenta, na sexta-feira também, uma das grandes obras do repertório coral-sinfónico: as «Vésperas da Virgem Maria» de Claudio Monteverdi. A interpretação estará a cargo de Elsa Saque, Lia Altavilla (um dos valores mais salientes da nova geração de cantores portugueses; e quem tem vindo a seguir a sua carreira sabe que a sua actuação é sempre garantia de qualidade), Wynford Evans, John Elwes, Michel Brodard e J. Oliveira Lopes.

Provando uma vez mais serem os grandes agrupamentos musicais mais qualificados em Portugal, estarão o Coro e a Orquestra Gulbenkian, dirigidos por Michel Corboz.

Manuel Jorge Correia

25, DOMINGO

RTP-1: 22 h 30

O Quebra-Nozes

Dançado por Mikhail Baryshnikov e Galle Young. National Philharmonic Orchestra.

RTP-2: 20 h 00

Ópera **Os Contos de Hoffmann** de Offenbach.

Com Plácido Domingo, Ileana Cotrubas, Luciana Serra, Claire Powell e Robert Lloyd.

Royal Opera Orchestra, sob a direcção de Georges Pretre e Coros da Royal Opera, dirigidos por Meyer Stelow.

23, SEXTA-FEIRA

RTP-1: 17 h 15

Divulgação: «Os Grandes Clássicos»

O Lago dos Cisnes (Tchaikowsky/Petipa-Ivanov) — 2.º Acto. Dançado por Claire Motte e Michael Denard.

Fundação Calouste Gulbenkian: 18 h 30

«Vésperas da Virgem Maria» de Claudio Monteverdi. Coro e Orquestra Gulbenkian: Elsa Saque e Lia Altavilla (sopranos), Wynford Evans e John Elwes (tenores), Michel Brodard e J. Oliveira Lopes (baixos). Direcção de Michel Corboz.



Cantador-Mor
Largo do Cantador-Mor, 4-B 1100 Lisboa (ao Castelo de S. Jorge)

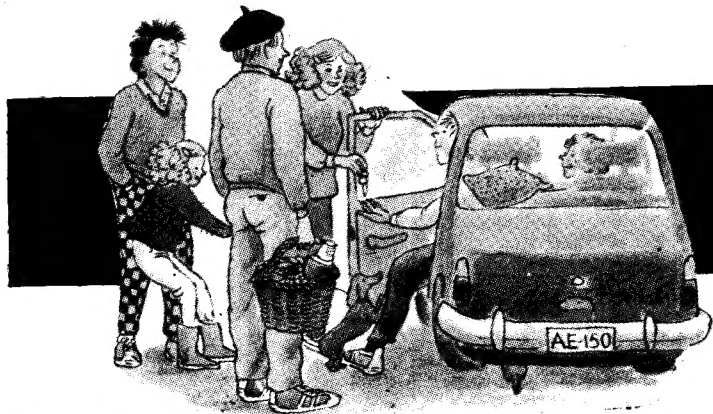
**WHISKY E CERVEJAS
DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS**

BEBIDAS ESPIRITUOSAS

MÚSICA AO VIVO

Reabrimos com nova gerência
agradecemos a sua preferência

RESERVE O SEU LUGAR PARA A NOITE DE FIM DE ANO
Telf: 876776



POR TERRAS DO MEU PAÍS



Praça do Giraldo: uma inconfundível nota urbana

Uma cidade à nossa medida

ESISTE a ave à súbita mudança de ventos e de rumos. E o leitor?

A resposta estará, certamente, no modo como os «fiéis adeptos» desta rubrica reagiram à súbita sugestão desta semana, a meio caminho das amenidades algarvias, em fuga das vastidões oceânicas.

Difícil é, sabêmo-lo bem, concretizar esta semana uma sugestão de viagem. A aventura é sobretudo interior, quando a luz vence as trevas do Inverno e chega para anunciar a eterna possibilidade de um novo despertar, que a Primavera trará perenemente ao seu seio.

Ou, se quisermos dizê-lo de outro modo, eis o tempo de Natal que se cumpre, na intimidade da família e longe, de possíveis andanças por terras deste país anémico e sangrado no corpo dos seus cidadãos.

Ainda assim, mudando radicalmente de horizonte,

atrevemo-nos a propor um destino, no coração do Alentejo: Évora, cidade bela e amena, num povoamento à nossa medida de homens.

A malha urbana revela-se, a quem se aproxima e penetra na cidade, caracterizada de um modo geral por um traçado de ruas rectilíneas e estreitas, com alguns largos a uni-las e a funcionarem como marcos de referência — caso das ruas das Alcôvas e Área circundante do largo de Sertório. No todo, a cidade apresenta uma homogeneidade laboriosa e amorosamente preservada, o que lhe confere uma vitalidade participada pelos seus habitantes.

Tudo isso faz de Évora uma das poucas cidades portuguesas onde as tradições históricas e um passado rico não são meras figuras de estilo, sem conteúdo ou significado.

Os primeiros tempos são obscuros, o que não é invulgar: lusitanos a terão considerado como

sua capital, mas ao certo, comprova-se o povoamento de visigodos e árabes. Conquistada em 1165 para os cristãos por Geraldo Sem Pavor, tendo-lhe Afonso Henriques conferido o foral no ano seguinte, confirmado em 1218 por Afonso II.

Protagonista ou mero cenário de inúmeros acontecimentos históricos, Évora distingue-se ao longo dos tempos no aspecto artístico-cultural, a que não são alheias as 22 casades religiosos que nela se estabeleceram. No entanto, o que mais a marcou, foi a Universidade, iniciada em 1557 pelos Jesuítas.

Nos nossos dias, a cidade extravasou já para fora do recinto fortificado, mas é no seu interior que se situa o que podemos considerar o núcleo urbano propriamente dito. Aí verá o leitor a Sé, de estilo romano-gótico, com as suas duas torres desiguais. O antigo Paço Arquiepiscopal (hoje Museu Regional) e o conjunto dos Lóios, merecem incondi-

nal visita.

O leitor «perder-se-á» ainda gostosamente nos bairros da Mouraria e da Judiaria, ainda revelando um acentuado cunho medieval, com as suas ruas estreitas e habitações simples.

Dignos de visita são ainda diversos edifícios e monumentos disseminados pela cidade: Igreja de S. Francisco, de estilo gótico final, a igreja da Graça, denunciando a influência do maneirismo italiano, ou a igreja do Espírito Santo, uma das primeiras propostas arquitectónicas da sobriedade arquitectónica da Companhia de Jesus em Portugal.

Divagando finalmente pela malha urbana, a praça do Giraldo é ponto de encontro de todos os rumos. De origem remota, evidencia nas suas arcadas uma interessante solução que a transforma em agradável nota no ambiente urbano da cidade.



Ruínas do Templo de Diana: a força de um «ex-libris»

TELEVISÃO

SÁBADO

RTP-1

- 11.02 — «Janela Mágica». Vasco Granja apresenta... filmes para todos.
- **NATAL NA ANIMAÇÃO.**
- **O Natal dos Cachorrinhos**, de Rudolf Ising, descreve o rebulício na noite de Natal provocado pelas brincadeiras deste dia festivo. **A Estrela de Belém**, realizado por Lotte Reininger, é a adaptação do tema tradicional da Natividade. E, finalmente, **O Príncipe Feliz**, de Michael Mills, segundo o lindo conto de Oscar Wilde, fala da existência descurada de um príncipe que não sabia o significado das lágrimas... No entanto, certo dia tudo se modificou...
- 12.00 — «Luz Verde».
- 13.00 — «Sumário».
- 13.10 — «Campeonato de Dança Latino-Americana». Meia-final e final de mais um Campeonato do Mundo de Dança Latino-Americana, desta vez realizado em Dortmund (Alemanha).
- 14.00 — «Jogos de Natal na neve».
- 15.00 — «Estamos Nessa — Especial». Os concertos de Natal de Elton John.
- 16.00 — «Aventura é Aventura — «A Taberna do Irlandês»». Um excelente filme de John Ford, com John Wayne e Lee Marvin. Obrigatório ver.
- 18.00 — «Fim-de-semana». O habitual e sempre interessante magazine informativo de Carlos Pinto Coelho, Mário Zambujal e José Nuno Martins.
- 20.00 — «Natal Roubado». Um telefilme realizado por Chuck Jones. É a história de um avaro que não gosta do Natal e rouba todos os símbolos da quadra numa pequena cidade.
- 20.30 — «Telejornal».
- 21.00 — «O Tal Canal». O humor de Herman José e sus muchachos, hoje com José Cid como convidado de Tony Silva.
- 22.00 — «Christmas Gold». Um programa musical com canções de Natal na voz de alguns monstros sagrados do show business americano: Gene Kelly, Lou Rawes, Pat Boone, Natalie Cole, Bing Crosby, José Feliciano, etc.
- 23.00 — «Missa do Galo». Transmissão directa de Roma da Eucaristia celebrada por João Paulo II.

RTP-2

- 19.32 — «O Natal na Madeira».
- 20.00 — «Sleeping Beauty on Ice». Ballet sobre o gelo.
- 21.00 — «Feliz Natal sr. Krueger». Um telefilme com James Stewart.
- 21.30 — «Programa Especial de Natal — «Cancioneiro de Natal»». Um programa em que se pretende mostrar o Natal, na cidade e na província.
- Participam neste programa, ao vivo, José Cid e Ana Faria, a actriz Estrela Novais, Grupo Etnográfico de Manhouce e o Coro Infantil de Baião — Vila Nova de Famalicão, além de actores do «TEAR», Jorge Paupério, Mário Timóteo, Luís Correia, Josefina Hungaro e Fátima Castro, dirigidos pelo encenador Castro Guedes.
- Produção: Ana Maria Roseira.
- Realização: Narciso Guedes.

DOMINGO

RTP-1

- 09.32 — «7x7». Actualidades religiosas.
- 10.00 — «Eucaristia Dominical». Inclui a transmissão de Roma da Bênção «Urbi et orbi» de João Paulo II.
- 11.30 — «Charlie Brown».
- 12.00 — «Janela Mágica». «D. Quixote de La Mancha», e «O Jardim do Celestino».
- 14.00 — «Canções de Natal pelo Coro de Santo Amaro de Oeiras».
- 14.30 — «A Festa Continua». Numa emissão dedicada ao Natal, destaque para a presença de Carlos do Carmo.
- 18.00 — «Galáctica». (10.º e último episódio). O destino do tenente Starbuck é revelado num sonho do Dr. Zee — o jovem génio —, que corresponde à realidade. Starbuck cai num planeta abandonado onde se junta a um Robot Cylon e encontra uma mulher de uma beleza sobrenatural.
- 19.00 — «Campeonato Mundial de Circo». Apresentação de Gene Kelly.
- 20.30 — «Telejornal».
- 21.00 — «A Semana que Vem».
- 21.30 — «From Raquel With Love». Uma fantasia musical com Raquel Welsh, Mickey Rooney, Douglas Fairbanks Jr e James Coco.
- 22.30 — «Bailado — «O Quebra-Nozes»». Mikhail Baryshnikov e Gayle Young lideram a companhia do American Ballet Theatre.

RTP/2

- 19.32 — «Machado de Castro — «A Estátua Equestre»». (A vida e a obra de Machado de Castro). Com realização e texto de Dórdio Guimarães este filme cultural ao evocar a figura daquele que foi um dos mais notáveis portugueses do século XVIII, o que acontece pela primeira vez em termos de imagem, recorda também um dos construtores da nova Lisboa após o terramoto de 1755 e um dos principais colaboradores do Marquês de Pombal no ressurgimento da catástrofe.
- 20.00 — «Contos de Hofman». A ópera de Offenbach com Plácido Domingo e Heana Cotrubas nos protagonistas.
- 22.15 — «A Noite em que a Ponte caiu» — 2.º episódio. Entre as oito pessoas atingidas, todas elas com graves problemas, encontra-se Johnny Pyle, um ladrão procurado pela polícia, que começa a disparar sobre os homens das equipas de salvamento, atingindo um deles. Entretanto, cai uma outra secção da ponte.

RESTAURANTE BAR

«GALERIA REAL»

Informações aos nossos Exmos. Clientes

DIA DE NATAL

ALMOÇOS E JANTARES
EMENTAS ESPECIAIS

RÉVEILLON-83 CEIA DE FIM DE ANO

MÚSICA DE DANÇA — ALEGRIA
DIA DE ANO NOVO

S. PEDRO DE SINTRA

EMENTAS ESPECIAIS
AOS
ALMOÇOS E JANTARES

RESERVAS LIMITADAS Telefone 923 16 61



«...é melhor que a música de raiz popular se instale com mais força!»

Janita Salomé lança «A Cantar ao Sol»

«Sou um apaixonado pela cultura árabe»

Janita Salomé, de tez morena e cabelos negros, é alentejano, do Redondo. Desde os bancos da escola que afaga um Fascínio, agora despontado, com a força de quem esteve tanto tempo retido. O resultado é o disco «A Cantar Ao Sol», reflexo da sua velha paixão pela cultura árabe. O álbum, em que música alentejana e árabe se entrelaçam, merece um lugar de destaque no panorama musical português.



*«Sentado a fumar
O corpo avaro e quente
No rebanho de nuvens claras
Olhava a janela em frente
Na tarde de Casablanca»*

Hipólito Clemente

Alentejano, músico, 36 anos de idade. Guarda em si o calor do sol, o sabor a cal das paredes brancas, o convite das planícies à meditação. Com eles viaja até à cultura árabe, descobrindo-lhe a semelhança com a sua terra e apaixonou-se com a violência de um adolescente. É Janita Salomé, que lança o seu segundo disco, «A Cantar Ao Sol».

«Este trabalho tem a ver com os países do sol, sendo ele o elemento de ligação entre culturas. A relação entre o sul de Portugal, o norte de África, passando por Andaluzia. Sou um apaixonado pela cultura árabe. Acho fundamental o seu conhecimento para a nossa própria cultura. Dela ainda existem vestígios visíveis», explica este homem do Redondo, para quem o sonho é seu caminho.

«Por enquanto, não sou exactamente um estudioso da cultura árabe, mas antes um interessado. Como toda a gente sabe, os árabes estiveram vários séculos na península e considero que é grave que isso não seja aprofundado, tal como em Espanha, onde vou buscar a bibliografia de que necessito», afirma Janita, sempre um curioso activo.

Janita confessa as razões remotas do seu fascínio. «Sofri os

efeitos da cultura fascista. Na escola impunham uma deformação da história. Na História que nos ensinaram os árabes sempre foram apresentados como os inimigos da fé, tal como os judeus. Foi preciso descobrir o mistério acerca da cultura árabe que me fascinou desde criança».

Cante ao sol, como tem uma riqueza...

Mais tarde a paixão veio a revelar-se quando, há meia dúzia de anos, o músico fez parte do grupo de instrumentistas acompanhantes de Zeca Afonso. «Lá, em encontros internacionais de emigrantes, onde estavam sempre muitos árabes. A partir daí comecei a viajar até Marrocos. Contactar com aquela gente. A ser transportado para outro mundo».

A distensão da voz é ponto comum entre os cantares marroquinos e alentejanos. «A maneira do canto ao alto, a frase como um gorgoleio, a distensão envolvente da voz. É um canto de meditação do espírito da natureza e que está relacionado com o mundo em que se vive. Influencia uma certa criatividade. A ligação entre a planície e o deserto, o contacto com o sol também levam a uma certa forma de criatividade comum».

No Alentejo, onde o chão canta o sol, os grupos de cantadores já não são nitidamente influenciados pelos cantes árabes, pois «outras culturas posteriores

contribuíram para a apagar». Contudo, apesar do cante alentejano ser polifónico e de tons maiores, em oposição com o cante árabe homofónico e de tons menores, existe em ambos uma mesma personalidade forte e bem vinculada, harmonia simples mas expressiva, um conjunto de valores tradicionais, sobrevivências de formas antigas comuns.

No LP, Janita utiliza ainda temas populares da Beira Baixa. «Isso vem do contacto com os «ratinhos», trabalhadores da Beira que, no tempo das ceifas ou das azeitonas, vinham em grandes grupos trabalhar para o Alentejo e traziam as «Saías». Incluir esses temas não quer dizer que pense trabalhar sobre temas de outras regiões, até porque a música popular alentejana tem uma riqueza tal, que quanto mais um indivíduo mergulha nela, mais dificuldade tem em vir à superfície».

Integrado na bolsa de resistência cultural

Instrumentos tradicionais marroquinos, que Janita foi adquirindo naquele país, são básicos na sonoridade rítmica deste disco. Bendir, Daadô, Pandeiretas, Tam-Tam e Taarjas são aqueles que o músico utilizou. Também a Ghaita de origem árabe é tocada por Pedro Caldeira Cabral.

Ao todo são nove temas incluídos neste «A Cantar Ao Sol», e para o qual muito contribuíram,

os músicos Júlio Pereira, Sérgio Mestre, Vitorino, José Manuel Marreiros e Carlos Zingaro, além dos citados. «As primeiras experiências que fiz para este disco foram com o Júlio Pereira, que faz a maior parte dos arranjos. Ele é um músico dotado de uma intuição invulgar, um ótimo instrumentista, e é necessário escolher bons músicos para concretizar um projecto».

Hipólito Clemente, João Manuel Pinheiro, Luís Andrade e letras populares alentejanas e beirãs são aquelas que dão temática e ênfase à parte musical. «Foi com o Hipólito que fiz a primeira viagem a Marrocos, à procura de contacto com músicos marroquinos, e ele, como poeta e «naif», conta num poema a história da nossa viagem».

Janita, de sorriso estampado e sotaque matreiro, fala do seu enquadramento no panorama musical português. «Procuro integrar-me no grupo de cantores que fazem parte da bolsa de resistência cultural. Procurar novas sonoridades a partir da música tradicional».

Integrado na dita «Música Popular Portuguesa»? «O conceito está tão confuso e tão sujeito a polémicas, que é melhor que a música de raiz popular se instale com mais força, pois as pessoas estão, com o infiltramento da música anglo-saxónica, a afastar-se das suas raízes. E a independência de um país passa pela cultura desse país».

Edite Martins de Carvalho

DICIONÁRIO Vinte anos de cinema português

JORGE LEITÃO RAMOS



Breia,
Márcia

— actriz

Márcia Antunes Breia nasceu em Lisboa, a 17 de Junho de 1944. Vai para o Porto ainda criança e aí faz o Liceu e frequenta o Instituto Industrial, na área de Química.

É num grupo de teatro estudantil no âmbito da CSAIP (Comissão de Sebeitas dos Alunos do Instituto Industrial do Porto, organismo pró-associativo) que começa a trabalhar em Teatro. Pisa pela primeira vez um palco a 17/6/66, no Teatro S. João, para «Sol na floresta» de Romeu Correia (enc. Eduardo Freitas). Três anos depois, no mesmo grupo, fará «O corvo» de Sastre (enc. José Braz).

Tendo seguido um curso de três meses, ministrado por Carlos Cabral, no Teatro Experimental do Porto, ingressa nessa companhia em 1970, para «Bodas de sangue» de Garcia Lorca (enc. Carlos Cabral), após o que faz «Mel, pastel e um boneco de papel» de Julie Castronovo (enc. autor) e «O mais feliz dos três» de Labiche (enc. Carlos Cabral).

Depois de frequentar o curso para actores dirigido por Angel Facio no TEP entra, em 1971, no memorável «A casa de Bernarda Alba» de Lorca (enc. Angel Facio).

Dá-se então uma ameaça de cisão do TEP, funda-se o Grupo de Teatro Independente António Pedro onde Márcia Breia, em 1972/73, faz «Strip-tease» e «Carlos» de Mrozek (enc. Angel Facio).

Márcia Breia trabalha então com vários grupos amadores (como os Plebeus Avintenses) e, em 1974, vem para Lisboa. Primeiro integra a companhia Bloco, do empresário Vasco Morgado, que leva à cena no Capitólio, «Homem escravo ou animal» de Edward Albee (enc. Paulo Bonafé). Depois de uma breve passagem pelo grupo Feira da Ladra e do gerado projecto de «Eve Peron» de Copt. ingressa, no final do ano, no Teatro da Cornucópia. Aí faz: 1975 — «Pequenos burgueses» de Gorki (enc. Jorge Silva Melo); 1976 — «Ah Kiu» de B. Chartreus e J. Jourdeuil (enc. J.S. Melo); «Tambores na noite» de Brecht (enc. J.S. Melo) «As músicas mágicas» de Catherine Dasté (enc. Glicínia Quartini); 1977 «Alta Austria» de Kroetz (enc. J.S. Melo); «Auto da



Márcia Breia e Baptista Fernandes numa cena de «Jogo de mão» de Monique Rutler

Família» de Ilana Hasse de Pais Brandão (enc. Luís Miguel Cintra); «Casimiro e Carolina» de Odon von Horváth (encenação, dramaturgia e cenografia de L.M. Cintra, J.S. Melo e Cristina Reis); 1978 — «Woyzeck» de Büchner (encenação, cenografia e figurinos de C. Reis, J.S. Melo e L.M. Cintra); 1979 — «Paragens mais remotas que estas terras» de Plauto (enc. L.M. Cintra); «Zuca truca hazaruca e Artur» (enc. L.M. Cintra); 1981 — «Não se paga, não se paga» de Dário Fo (enc. L.M. Cintra); «Douche-lo vivo douche-lo morto» de Luís de Camões/Eduarda Dionísio (enc. António Solimão); 1982 — «O labirinto de Creta» de António José da Silva, o Judeu (enc. L.M. Cintra); 1983 — «Oratória» de Gil Vicente / Goethe / Brecht (enc. L.M. Cintra); «Mariana espera casamento» de Jean-Paul Wensel e Claudine Flévet (enc. L.M. Cintra).

Para além do rádio e da televisão (ainda este ano a vimos na criada de Genoveva de «A Tragédia da Rua das Flores», (real. Fernando Katzenstein) a sua carreira tem a componente do cinema

FILMOGRAFIA: Nem pássaro nem peixe M.M. de Solveig Nordlund (1977); O príncipe com orelhas de burro de António de Macedo (1977/78); Histórias selvagens de António Campos (1978); Relíquias da vida de um médico: série TV de Artur Ramos e Jaime Silva (1978/79); Ela por ela de José Ribeiro Mendes (1980); Jogo de mão de Monique Rutler (1982); Os abismos da meia-noite de António de Macedo (1982).

Não teve muitos filmes nem, sobretudo, papéis de relevo de modo a termos uma memória clara do trabalho de Márcia Breia no cinema. Da mulher que está a fazer compras num talher, «Histórias Selvagens», a princesa de O príncipe com orelhas de burro pouco há a assinalar.

O seu mais importante papel ocorreu em Jogo de mão: uma fadista que recebe clientes de posição após o espectáculo. É um despretensioso escorrito e sóbrio.